



L

40668

*Original*

OBRAS  
DE  
J. B. DE A. GARRETT.

II.  
[PRIMEIRO DO THEATRO.]





*João Pinheiro Costa*

THEATRO  
# 58857  
B. DE ALMEIDA GARRETT.

**OBRAS**  
DE  
**J. B. DE A. GARRETT.**  
II.  
(**PRIMEIRO DO THEATRO.**)



COMPRA

Rc. 155362

OBRAS

de

J. B. DE A. GARRETT.

II

(IMPRIMING DO THEATRO.)



# THEATRO

DE

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

—

I.

CATÃO. — QUARTA EDIÇÃO.

—————

Este presente volume, phenomeno raro em Portugal, é uma quarta edição feita em vida do autor, e para as mesmas proporções, dentro de muy breve tempo. A primeira edição do drama, feita em Lisboa, extinguiu-se em poucos dias; e a segunda, em Londres, em dois dias; e a terceira, que foi a nossa primeira, e a mais recente, em poucos dias, estava esgotada, apesar das contrafeições brazeleiras.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

—  
1845.

THEATRO

L.  
89907

DE  
J. B. DE ALMEIDA GARRA

CATÃO — QUARTA EDIÇÃO.

LISBOA

NA IMPRENTA NACIONAL

1843

Sempre mais correcto e progressivamente  
 melhorado por seu escripto e notavel  
 auctor, e CATÃO sei, a esta quarta edição au-  
 thentica, tam perfeito quanto a uma obra de  
 tanta e tanta se-lo.

V-se d'esta estatística que o bom gosto  
 se não perde em Portugal, e que as mon-  
 truosidades da chamada escola moderna não  
 fazem esquecer a arte verdadeira. O CATÃO  
 lançou os fundamentos do theatro contempor-  
 neo, e VICENTE, o ALFAGEME e R. LIZ DA  
 SOUSA o vão edificando por um stylo que nos  
 não deixa cair nas extravagancias e exage-  
 rações d'esse romanticismo ephemero que ja  
 vai passando na Europa, e que após si traz  
 a inevitavel reacção que tambem ja em Fran-

**O** presente volume, phenomeno raro em Por-  
 tugal, é uma quarta edição feita em vida do  
 auctor, e para as nossas proporções, dentro  
 de mui breve tempo. A primeira edição do  
 CATÃO, feita em Lisboa, extinguiu-se em  
 poucos meses; a segunda, de Londres, em  
 dois annos; e a terceira — que foi a nossa  
 primeira — em menos de tres annos tambem  
 estava exhausta, apezar das contrafeições bra-  
 sileiras.

Sempre mais correcto e progressivamente melhorado por seu escrupuloso e infatigavel auctor, o CATÃO sai, n'esta quarta edição authenticã, tam perfeito quanto a uma obra humana é dado sê-lo.

Vê-se d'esta estatistica que o bom gôsto se não perde em Portugal, e que as monstruosidades da chamada eschola moderna não fazem esquecer a arte verdadeira. O CATÃO lançou os fundamentos do theatro contemporaneo; GIL-VICENTE, O ALFAGEME e FR. LUIZ DE SOUSA o vão edificando por um stylo que nos não deixa cahir nas extravagancias e exagerações d'esse romantismo ephemero que ja vai passando na Europa, e que após si traz a inevitavel reacção que tambem ja em França se sente. A litteratura portugueza não gastará os seus talentos n'esses dois excessos, graças ao nosso auctor, que, em meio das sérias e trabalhosas occupações da sua vida, tem sabido tirar algumas horas para dar a estes labores que rara vez são tam avaliados dos contemporaneos, mas que a posteridade colloca sempre, depois, acima de todos os outros.

Mais feliz do que muitos, o auctor de CA-

TÃO VÊ, ainda no verdor da idade, calar-se a inveja dos emulos, bradar alto pelo mundo a fama de suas obras já conhecidas de nacionaes e estrangeiros, e entrar, por seus esforços, a lingua e a litteratura portugueza no caminho do progresso, a par das outras nações que tanto atraz a tinham deixado.

Este último resultado sabemos que o lisongeia, sabemos que é seu principal fim, e por isso nos comprazemos de o consignar aqui quando lh'o vemos alcançado com tanta glória.

Lisboa, 15 de Julho

1845.

Sempre mais correcto e progressivamente  
tão se ainda no verbo da idade, calar-se  
a inveja dos emulos, trazar alto man  
do a fama de suas obras ja copias de  
nacionaes e estrangeiras, e entrar por seus  
esforços a lingua e a litteratura portugueza  
no caminho do progresso, e par das outras  
nações que tanto atax a tinham deixado  
Este último resultado sabemos que o li-  
songeia, sabemos que é seu principal fim, e  
por isso nos compraxemos de o conseguir  
apud quando lh'o vemos alcançado com tan-  
ta gloria, e sciencia, e as nhas rixas em  
regos d'esse romantismo ephemero que ja  
vai passando na Europa, agora em odas  
a incivilisada e de 1843: Fransa  
ga se conta. A litteratura portugueza não  
gastará os seus talentos n'esses dois exces-  
sivos, graças ao nome auctor, que, em meio  
das suas occupações, e trabalhos de sua  
vida, tem podido tirar algumas horas para  
dar a estes trabalhos que rara vez são tam  
avaliados dos contemporaneos, mas que o pos-  
teridade colhe sempre, e com de to-  
dos os outros.

Mais feliz do que muitos, o auctor de ca-

## PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO.

**I**MAGINARAM algumas pessoas menos reflectidas que as successivas correccões que tenho feito a este drama lhe haviam alterado a contextura e character primitivo. Uns o julgam, sim melhorado na phrase e mais perfeito como obra litteraria, mas agorentado no sentimento, affroixado no terso e duro do pensar forte que o characterizava; outros supposeram que a primeira concepção de mancebo entusiasta víra a grande questão politica que aqui se agita, com differen-

tes olhos do que a ve hoje o homem maduro, experimentado — fatigado talvez, — desapontado, quem sabe?

Ambas éstas observações foram feitas á segunda edição authênica do drama, a qual se concluiu em Londres em 15 de abril de 1830, e que de certo era mui differente da primeira, feita em Lisboa em 1822. E uns o diziam como censura, outros como louvor, segundo o partido, ou matiz de partido, de cada-um.

Nenhum me offendeu nem lisongeou, mas todos me julgaram mal em um ponto: as minhas opiniões, os meus sentimentos, as minhas sympathias como homem, como cidadão, como philosopho tal qual, como christão verdadeiro e sincero, não variaram desde que me conheço, — espero amortalhar-me n'ellas. Umam me entraram no primeiro sangue com o leite que mamei dos peitos de minha virtuosa e extremosa mãe; outras se me esculpíram no cerebro molle com a educação liberal, mas rígida e severa, em que fui duramente moldado desde a infancia, por meu paó, um dos homens mais honrados e austeros que ainda houye n'esta terra, — por um

tio, philologo, sabio e erudito d'aquelles que ja não ha e que Deus sabe quando tornará a haver em Portugal.

De quinze annos entrei no mundo; tenho vivido muito em pouco: ja creio que não ha circumstancia na vida — pública ou particular — por que não tenha passado; e todavia, quando hoje, nas horas de mais socêgo e paciencia, me applico a receita do oraculo de Delphos, sinto-me a mesma têmpera d'espírito que me deram: o que padeceu foi so o corpo. Inda bem!

Releio as minhas primeiras composições, — rio de tanta criancice, divertem-me as puerilidades de stylo e conceito que ja tomei por coisas tam cabaes... Mas nos sentimentos e nas crenças d'alma so lhes acho faltas, impropriedades e exagerações de phrase — ignorancia, não êrro. Sinto pois e penso como sempre senti e pensei; e bem, — ou me ingana a consciencia. Muita vez escrevi e obrei diversamente, e por consequencia mal: quero emendar-me: faço-o.

Eis-aqui a unica mudança que em mim acho, e a differença, portanto, que n'esta e nas outras minhas obras so póde achar o leitor sincero.

A segunda edição authênica de Catão, correcta e elaborada pelo estudo profundo e quasi teimoso dos auctores latinos e gregos que tractaram de coisas romanas, somente n'isso differe da primeira, conforme se disse em seu prefacio que aqui vai reimpresso. E por satisfazer a amigos que m'o pedem, bem como para desingano de algum incredulo, vão tambem, no fim do volume, as variantes da primeira para a segunda edição.

Esta terceira quasi que não altera da segunda; mas o leitor achará todavia igualmente notadas, no fim, as poucas e pequenas variantes que tem. Posso dizer que trabalhei conscienciosamente e com escrupulo no apperfeiçoar d'este drama, procurando sobretudo dar-lhe aquelle sabor antigo romano que até ja nos derradeiros escriptores latinos estava perdido, e que tam raro é de achar em imitações modernas. Para esse fim somente, para me familiarizar e pôr, como se fôra, de casa com os meus actores, traduzi de Plutarcho as vidas de Catão (o menor ou uticense) e de Cesar. Pêza-me que os limites circumscriptos do volume me não deixem inserir aqui

aomenos a primeira. Julgar-se-hia melhor da sinceridade e boa fe com que procurei transfundir, em succo e sangue para a verdade dramatica, a verdade e exacção historica de que aquelloutra vive, isto é, a dos costumes e characteres.

A dramatica é uma litteratura nova para nós, — ou perdida, que tanto val. Mas realmente é nova; poisque os primeiros cultivadores apenas semearam, por uns claros da deveza em terra erua, quatro ou cinco sementes que vegetaram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas; quando morreram, ninguem n'o soube: ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdêra — e nada mais. Mas ésta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a inganar, illudiam-se indo buscar estacas de árvores extranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram-n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar... mas não: ésta é planta que so nascediça produz bem: vinham quatro flores desbotadas, duas fructas outoniças, e seccava.

E n'esta parabola está a historia do nosso pobre theatro. Não era mingua de talento nos poe-

tas, era o mau methodo, o principio errado com que trabalhavam.

Antes do Catão ja' eu tinha feito muita tragedia, e comedias tambem ; todas semsabores. Excepto a Merope — que talvez reveja e complete ainda — rasguei as outras : eram das taes inspiradas do reflexo estrangeiro, de portuguezas tinham as palavras ; no mais pensadas em Grego, em Latim, em Francez, em Italiano, em Inglez — que sei eu !

No Catão senti outra coisa, *fui* a Roma ; fui, e fiz-me Romano quanto pude, segundo o dictado manda : mas *voltei* para Portugal, e pensei de Portuguez para Portuguezes : e a isso attribuo a indulgencia e boa vontade do público que me ouviu e me leu.

Foi uma regeneração para mim : foi cahirem-me dos olhos as trevas de Tobias com os figados do peixe trazido de tam longe. Não está na fábula (ou intrecho) não está nos nomes das pessoas a nacionalidade de um drama. Ignez de Castro póde ser franceza, — e portuguez Edipo : tudo depende do *rito* com que os evocar, do jazigo para sôbre o theatro, o sacerdote que faz os esconjuros.

Parece-me que esta convicção se vai generalizando. Um homem sem talento, mas de grande tino, juizo e erudição, a tinha ja tido antes; foi o honrado Manuel de Figueiredo, de cujo volumoso theatro poucos sabem até que existe: lê-lo, isso é para exemplares paciencias. Pois ganha muito quem o fizer, que ha alli oiro de Enio com que fazer muitos Virgílios.

Éstas guerras de 'alecrim e manjerona' em que andaram classicos e românticos por esse mundo, e que ja socegaram em toda a parte, vão a começar agora por ca. É como na politica e em tudo, não se apprende nos exemplos, nos erros alheios: triste condição da humanidade que so de seus proprios desvarios escarmente cada um! Paciencia! Quanto a isso, so quero aqui reiterar os meus antigos protestos de que não sou classico nem romântico: porquê? Porque tractei de saber o que era uma coisa e o que era a outra antes de me apaixonar por nenhuma. Succedeu-me o que me tem succedido em tudo, e o que a todos succederá que o fizerem: achei razão a uns e a outros, segui-os n'ella, e deixei-os brigar no mais, — que não vale a pena da bri-

ga. Assim é de tantas brigas d'este mundo ! O classico rabugento é um velho teimoso de cabelleira e polvilhos que embirra em ser taful, e cuida que morrem por elle as meninas. O romantico desvairado é um peralvilho ridiculo que dança o galope pelas ruas, e toma por sorrisos de namorada o supercilioso olhar da senhora honesta que se riu de pasmo de o ver tam doudo e tam presumido — mas tam semsabor.

Lisboa 19 de Novembro

1839.

## PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO.

A extrêma indulgencia com que este drama foi recebido do público impunha, ha muito, ao auctor a obrigação de o emendar, e tornar mais digno de tam lisongeiro favor, do que elle sahira na primeira edição. São todavia passados mais de quatro annos desde que ella se extinguiu, e so agora, na priguicosa convalescença de longa infirmitade, appareceu breve remanso de mais serios trabalhos que se lhe podesse dar.

Sôbre feissima de erros de imprensa, sahio aquella edicção com todas as falhas de 'primeiro molde,' incorrecta no stylo, falta de natural e verdade na phrase. Além d'estes senões de colorido, accresciam alguns, e muitos, no desenho ;

—impropriedades na fábula ou inrêdo do drama, inexacções nos characteres e semelhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragedia foi composta, insaiada e representada, \* — e dos vinteum annos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses, e ao mais capital d'elles — a tibieza e pequenez do quinto acto, se pôz peito em evitar n'êsta edição.

Sem escrava submissão aos facticios preceitos do theatro francez, nem revolucionario desprezo das verdadeiras regras classicas (que hoje é moda desattender sem as intender); nem caminhar de olhos fechados pelo estreito e allinhado carreira de Racine, — nem desvairando á toa pelas incultas devezas de Shakspeare, — procurou o auctor conciliar (e não é impossivel) a verdadeira e bella natureza com a verdadeira e boa arte.

\* A sociedade de curiosos que primeiro a levou á scena, e que tanto applauso lhe grangeou do mais escolhido público que ainda se junctou em theatro portuguez, recebia, pouco e pouco, as porções da tragedia, ao passo que se iam compondo: e todos os membros d'essa sociedade (que, excepto um, estão vivos e sãos) presenciaram quantas vezes se compunha na véspera o que no outro dia se tinha de insaiar. — *N. da seg. ed.*

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influencia e acção nas revoluções politicas, o habilitaram para intender agora melhor o seu Tito-Livio e o seu Plutarcho. Assim commentados pela experiencia de dez annos de revolução, estes dous grandes phanaes da historia antiga guiaram o auctor da tragedia nas reformas que n'ella fez, no desenho de seus characteres, e no colorido de muitas scenas que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor que as traçava sem ter d'onde copiar do vivo.

Estes exemplares o dirigiram e allumiaram em toda quanta emenda, correcção e augmento apparecer agora ; a elles se reporta de toda a dúvida que na intelligencia de uma ou outra allusão houver, para elles appella de toda a construcção equívoca, a elles se agrava de toda a interpretação malevolente que lhe derem.

Vinha n'aquella primeira edição uma carta do auctor sôbre a imitação que n'este drama ha, ou havia, do celebrado Catão de Addison. Julgou-se escusado reimprimi-la aqui, por longa e de pou-

ca monta. • Baste dizer em summa, que — fábula, interêsse, mechanismo dramatico, tudo é diferente nas duas tragedias. A de Addison tem seis paixões ou namoros de tarifa, como lhe chama Schlegel; \*\* e conclue, na catastrophe, com dous matrimonios: n'esta nem ha amantes nem casamentos nem mulheres. Um moderno viajante \*\*\* inglez disse da tragedia portugueza: ' Perhaps the happiest idea of our (the portuguese) poet is the contrast which he draws between the two characters of Cato and Brutus: both of which are well sustained. ' ' A mais feliz idea do nosso poeta (o portuguez) é talvez o contraste que elle apresenta entre os dous characteres de Catão e de Bruto, os quaes ambos são bem sustentados. '

Bastaria este ponto singular para distinguir perpétua e caracteristicamente uma da outra tragedia. Os raios do interêsse dramatico, que,

\* Vai reimpressa n'esta edição por satisfazer a muitas pessoas que manifestaram desejo de comparar em tudo as duas primeiras edições do Catão. — *Not. da terc. ed.*

\*\* Curso de litter. dramatica; sôbre Addison.

\*\*\* Mr. Kinsey's Portugal illustrated.

na ingleza, divergem para os intrincados amores de Porcio, e Marco, e Sempronio, e Juba, e Marcia, e Lucia — na portugueza convergem todos para o protogonista, em quem, e na patria e na liberdade que d'elle são parte e n'elle coexistem, todo quanto é, o drama se concentra, em acção, em meios, em incidentes, em interêsse — desde a primeira linha da exposição até á última syllaba da catastrophe.

Os namoros de Addison tecem, movem, inredam e desatam todo o fio de seu drama. Os mais nobres affectos do coração humano, a amizade, o amor paterno e o filial, a devoção civica, o falso e o verdadeiro patriotismo, o enthusiasmo cego, e o illustrado zêlo da liberdade, — com todas as paixões revolucionarias em seus variados graus e matizes, são o unico movel do Cação portuguez, de todos seus characteres, scenas, — da fábula inteira.

E comtudo, apezar de tanta disparidade, tem elle expressões, versos inteiros imitados de Addison. E porque não, se ellas são boas e elles bellos? Contar-se-hão porêm raros os logares imitados: e a similhança decerto mais a produziu

a commum leitura de Plutarcho do que nenhuma outra coisa. E não lembra mais de que accusar n'este ponto. Se outras imitações descobrir o leitor, saiba que se lhe não quizeram occultar, e que em se não declararem, so ha culpa de memoria.

Representou-se ésta tragedia, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em setembro de 1821. Outra sociedade de egual natureza lhe fez a mesma honra no anno seguinte, em Leiria, com permissão do auctor. Intregue, em certo modo, pela impressão, ao público, foi primeiro representada em público theatro, em Santarem, no anno de 1826. Tambem exilada na geral proscricção de 1828, veio apparecer em Plymouth, onde, se houvermos de crer os jornaes inglezes d'esse tempo, tam perfectamente desimpenhada foi por varios officiaes e outros distinctos emigrados portuguezes, — que até dos 'spectadores britannos' se não poderá o auctor queixar, como o desterrado Sulmonense dos pouco menos duros Getas :

Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,

Et rident stolidi 'verba latina' Getarum.

Associado a grandes epochas nacionaes, — na-

eional pela adopção pública, o ' Catão portuguez ' sai agora (se não foi vão o cuidadoso esmêro e o longo trabalho do auctor) mais digno d'esse antigo fôro, que ainda hade ser illustre e de honrar, por mui abatido e sevandijado que hoje o tenham.

O assumpto é o mais nobre, mais heroico e mais tragico de toda a historia antiga e moderna. Representando as últimas agonias da mais solidamente constituida republica da antiguidade, — a *moralidade politica* do drama naturalmente reflecte muita luz sôbre a grande questão que ora agita e revolve o mundo: e mostra (talvez mais claro que nenhuns tractados) a superioridade das modernas fórmas representativas, e a excellencia da liberdade constitucional ou monarchica. O leitor, o spectador tirará sem esforço a conclusão do poeta:

Nunquam libertas gratior extat

Quam sub rege pio.

Onde a realeza legitima faz parte integrante da constituição, não ha medo que os dous elementos naturaes da sociedade, a democracia e a aristocracia, rompam o equilibrio em que as tem

o sceptro, fiel, que deve ser, da balança do Estado: não ha temor de que ambicioso demagogo fatigue o povo com disturbios e excessos, para o colhêr exausto e o açaimar então com a mordança da tyrannia. Dem-lhe o nome que quizerem, chamem-lhe rei ou imperador, cesar ou czar, se as leis não estabelecerem uma realeza moderada e paternal para conter as paixões ambiciosas dos cidadãos, — a realeza illegitima da revolução, a tyrannia, virá sem leis, contra as leis, e as destruirá. D'este perigo so livra (quando livra) a oligarchia aristocratica e a negra bocca do Leão de San'Marcos. E qual dos flagellos será peor? — Nem o rei propheta saberia escolher. Ha um grande, mas solitario, documento contra ésta doutrina, no Novo-mundo. Mas dura ha mui pouco tempo; e exemplos em politica precisam de ter cans para convencerem. \*

Londres 15 de Abril

1830.

\* Em linguagem mais chan: — Os Estados-Unidos da America do norte não são ainda uma nação formada, sólida, compacta, com character, costumes, genio e indole sua propria; e so quando o forem, poderemos ajuizar dos resultados do, porora tam novo, experimento.

**PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.**

Conheço perfeitamente a difficuldade de uma composição dramatica. Impregando a maior parte de minhas horas vagas — unicas que dou a versos e semelhantes passatempos — n'este ramo de poesia que por inclinação amei sempre e por estudo cultivo, versando quasi desde a infancia, com *nocturna e diurna* mão, os theatros antigos e modernos, tenho de sua leitura constante co-

\* Lisboa 1822, na impressão Liberal, 1 vol. 8vo. VIII — 152

lhido, quando menos, o conhecimento perfeito da difficuldade do genero.

Lendo Sophocles e Eschylo, Euripides e Aristophanes — ajudando-me, no pouco conhecimento da lingua grega, das boas traducções latinas e francezas, e sóbretudo da erudita e ingenhosa obra do P. Brumoy — adquiri o gôsto do theatro classico e das bellezas grandes e simplicies da Melpomene d'Athenas, com o do sal acre e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia grega, singela e vigorosa em Eschylo, majestosa e sublime em Sophocles, so em Euripides decai alguma cousa em certa affectação de *moralizar* que depois em Roma estragou Seneca, \* e mais posteriormente em Paris *amma-neirou* algumas vezes Voltaire.

Na comédia grega, simples *caricatura* ao principio dos characteres contemporaneos, mais vaga e incerta no seu caminho de apperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, o ingenhoso da imitação *ridicula*; porê m mais nada. E não tendo outro escritpor senão Aristophanes, até pe-

\* Ou quemquer que é o auctor das tragedias d'este nome.

la fallencia de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu éstas differenças nos meus principios; e o sentimento da admiração era o unico da minha alma quando contemplava taes maravilhas.

A scena romana não me offereceu senão Plauto, Terencio e Seneca, ou mais exactamente, algumas cópias desfiguradas dos originaes gregos que, tendo largado o *pallio* de Athenas, vestiram a *toga* do Lacio que se lhes desageitava nos hombros desaffeitos.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não só colheram o beijo ás bellezas e primores gregos, mas souberam creá-las novas. Na tragedia a Sophonisba de Trissimo e a Castro de Ferreira, na comedia João da Enciña, Gil Vicente, Prestes e Ariosto com outros na Italia e Hespanha, appresentam as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico grego, ora no genero romantico, formaram uma terceira especie d'ambas participante e que tantos esmeros e prodigios veio depois a dar ao theatro das linguas vivas.

Além de longa, fôra bem superior ás minhas forças a anályse das peças dramaticas do riquissimo theatro francez, dos não tam ricos mas quasi tam extensos inglez e hespanhol; e finalmente do novissimo, porém talvez superior a todos, o italiano. \*

Ninguém ignora que a conservação e appuro do genero classico se deve á França, e principalmente a Racine, Voltaire e Crébillon: mas poucos quererão conceder que Maffei e Alfieri o sublimaram e appuraram ainda mais que todos elles. Todos sabem que o genero romantico, filho de Shakspeare, formou uma classe distincta e separada, que, supposto irregular e informe, tem comtudo bellezas proprias e particulares que so n'elle se acham.

Todas éstas observações tenho eu incontrado nos philologos modernos, e em todos ou quasi todos os cursos de litteratura. Mas o que me não lembro de ler é que este genero romantico, combinando-se com o classico, dando-se e recebendo

\* Phrase dictada pelo enthusiasmo de Alfieri.

do mutuos soccorros, formassem um genero novo, cujos characteres são bem salientes e cuja belleza incontestavel. Segundo a minha opinião são classificaveis n'elle Corneille e Ducis em quasi todas as suas obras, \* Schiller em muitas, e os modernos auctores inglezes e hespanhoses creio que em todas.

No que toca á especie comica, não se póde com exactidão dizer o mesmo. Pois decerto em França, desde o *Menteur* de Corneille até quasi ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *dramas* e os seus imitadores, fazendo um como schisma theatral, confundiram algum tanto os generos) a comedia tem constantemente sido regular e classica. Não diremos porém o mesmo da Inglaterra e Hespanha, onde os generos tragico e comico, por muito tempo *amalgamados* e confundidos, começam a tomar seus distinctos e separados lugares nas scenas das duas nações. Mais classica se conservou a comedia italiana, supposto seu maximo escriptor, Goldoni, muito propenda para o genero romantico.

\* O theatro allemão não fez escola sua; quasi todo elle é inglez, pouco n'este genero mixto, e porventura nenhum no classico.

Em Portugal, se passarmos os antigos, não sei contar senão J-B. Gomes; pois dos outros todos creio que affoutamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contá-los. Será isto defeito e falha nossa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os Francezes *l'épique*? — Não sei responder, mas nem por isso deixo, ou deixei desde que me intendo, de forcejar por encher, quanto em mim fosse, o vazio do nosso theatro. Serão talvez baldados os meus esforços; paciencia:

Eu d'esta glória so fico contente,

Que a minha terra amei e a minha gente.

Assim dizia um dos maiores poetas e philosophos portuguezes, e assim digo eu, o minimo d'elles, mas não inferior em desejos e vontade ao grande e immortal Ferreira.

Comêço a publicação dos meus insaios dramaticos por uma tragedia e uma farça, \* ambas feitas e representadas ultimamente. Outras tinha eu de mais antiga data; mas, sôbre carecerem de grande emenda, e lh'a não podêr eu fazer por agora, accresce demais a analogia d'estas com

\* A farça hade incorporar-se em um dos tomos seguintes da collecção.

as presentes ideas, e o meu conceito, talvez errado, de sua melhora.

A sociedade de curiosos que as levaram á scena, e que tanto applauso lhes grangearam do mais escolhido público de Portugal, receberam pouco e pouco as porções da peça que se iam fazendo para os insaios; e todos os membros d'essa sociedade sabem quantas vezes se compunha na vespera o que no outro dia se tinha de insaiar.

O exito feliz d'uma impresa atrevida conduz sempre a novos atrevimentos. Assim a tragedia como a farça receberam na scena um acolhimento que eu não esperava nem podia nunca imaginar. Continuas instancias de amigos e conhecidos, e até de desconhecidos, me resolveram a final a publicá-las. Porventura irei agora desinganar esse mesmo público e, appresentando-lhe estes fracos insaios sem o prestigio da scena, e desajudados da poderosa magia de actores excellentes, mostrar-lhes toda a pouca realidade de seu merecimento, e fazê-los invergonhar de seus applausos!

Lisboa 13 de Março

1822.

## NOTA-BENE.

O cru e mal digerido d'estas reflexões precedentes, e das que vão na seguinte carta, denunciavam facilmente a idade em que se escreviam. Apenas algum êrro de stylo corrigi, os outros não quiz de proposito, pelas mesmas razões que ja dei no I. vol. d'esta collecção, prefacio do Camões.

Os fundamentos de minhas opiniões litterarias, ver-se-ha que eram os mesmos ha dezoito annos; desinvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Mal, e como de criança, ahi vem com tudo (pag. 20) ja presentida a idea de Goethe na última parte do Fausto, sôbre a combinação do classico com o romantico que deve produzir e fixar a poesia moderna.

Foi o ultimum, a derradeira sentença do grande oraculo da nossa idade: a união da arte antiga com a arte moderna, da plastica com o spiritualismo, — do bello das fórmãs com o bello ideal, da *Hellena homerica* com o Fausto *dantico*, de cujo consorcio tem de nascer o bello Euphormion, o genio, o princípio, o symbolo da arte regenerada.

Lisboa 12 de Dezembro

1839.

### CARTA A UM AMIGO.

Que conceito formo do meu *Catão*? É a pergunta mais fóra do commum que se tem feito. — Se imitei muito o de Addison, e que juizo faço d'este drama? Menos difficil é que a primeira, porêrn não me custa porventura menos a responder a uma do que a outra. Tinha protestado conservar perfeito silencio sôbre este famoso auctor e sua mais famosa peça, porque não

Esta carta nunca esperou saber a lume, nem sahiria se me não constasse que algumas pessoas, attentando talvez simplesmente na similhaça do titulo, havião asseverado que a minha tragedia não era mais que uma traducção da de Addison.

Foi inserta na primeira edição de 1822.

julgasse alguém que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade ou presumpção. Mas emfim quebro o protesto e vou satisfazer-te. A tragedia já está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella; pois, supposto a viste representar, so com meditado estudo se pôde bem decidir de cousas dramaticas; e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestigios para nos deixar reflectir com a madureza e socêgo necessarios, que so no silencio do gabinete se podem conciliar.

O que me parece do meu Catão? — Com toda a franqueza que me conheces, e sem a orgulhosa modestia de certos auctores que se humilham todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo: *parece-me bem, e mal*. Gósto de algumas cousas, desgósto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades, exposiçãõ, nexõ e desfeixõ*, cuido te-las desimpenhado. Emquanto ao resto não direi com tanta affouteza; e cousas ha de que muito desconfio.

Mui difficil me era, não so o desenho dos characteres, mas a sustentação d'elles. Para apre-

sentar uns poucos d'homens verdadeiramente romanos, e fazer no meio d'elles sobresahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Porcio e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos verdadeiros, a cada momento se me tornavam Catoes, e faziam por consequencia divergir os raios do interèsse dramatico, que eu so no unico protagonista queria e devia concentrar. Distingui-os quanto pude, esforcei-me em caracterizá-los por diferentes temperamentos e genios; puz o peito em separá-los assim, ja que a historia e a verdade m'os tinham unido tanto.

Como heide responder á tua segunda pergunta sôbre Addison, na anályse succinta que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem nem systema, que, sôbre improprios da familiaridade de uma carta, me dariam constrangimento e incómodo, que seguramente creio não queres dar-me.

Desde que me intendo alguma cousa, e comecei a abrir livros de bellas lettras, ouvi sempre fallar no *Catão* de Addison, como em um prodi-

gio da scena, e porventura a primeira peça do theatro moderno.

Na Encyclopedia, formaes palavras, se diz : *Son Caton est le plus grand personnage, et sa pièce est la plus belle qui soit sur aucun théâtre.* Cesarotti e infindos outros fallaram pela mesma bôcca. O proprio Voltaire que lhe nega o fôro de *tragedia*, não deixa de chamar-lhe um *chef-d'oeuvre*.

Ouvia eu e lia todas éstas cousas, e de cada vez me dobrava o desejo de ver tam gabada peça, sem jamais a podêr haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escacez principalmente de todos os que não são francezes. Obtive enfim uma traducção franceza, meia verso meia prosa, mas tam má que o meu conceito então ficou cem vezes áquem do que havia imaginado. Lia-a depois na versão do nosso Manuel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetico, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peior. Consegui finalmente o original; e supposto mudei bastante do primeiro juizo, não foi absolutamente nem o podia

ser, porque no contexto e fundo do drama, original e traducções eram a mesma coisa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel, que pela maior parte com ellas se combinam, e, com grande satisfação minha, até com as que, antes de ler a sua grande obra, eu havia feito.

Addison, que era mais *bel-esprit* do que poeta, metteu-se a expurgar a tragedia ingleza, e a submettê-la ás pretendidas regras de Aristoteles. Dever-se-hia esperar que tam erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhar-se á tragedia grega: não sei se teve algum'hora essas intenções; mas é certo porêm que o fructo dos seus esforços não foi mais que uma tragedia moldada e infeitada á franceza. O *Catão* é uma obra fraca e de gêlo, quasi nua de acção, e que nunca toca o ánimo com a mais pequena fôrça.

Addison, fazendo uma composição timida e acanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister de lhe introduzir cousas absolutamente ex-

tranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e n'esta peça se contam seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dous filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Juba e de Sempronio. Catão, como bom pae de familias, não pôde ter-se a final que não arranje e conclua dous matrimônios; e entre tantos amantes, não ha nenhum (sem exepthuar o mesmo Sempronio que é o *malvado* do drama) que não participe o seu pouco de simplesinho. Catão poderia talvez relevar tudo isto; mas quasi nunca obra nem entra em acção, apenas se mostra para se fazer admirar e morrer depois.

Poder-se-ha pensar que a stoica resolução de um homem se matar, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não é favoravel assumpto para uma tragedia; mas não ha assumpto nenhum que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo depende da maneira porque se tracta. Um vão escrupulo sôbre a unidade de logar forçou Addison a deixar de fóra a Cesar, unico character digno de fazer contraste ao de Catão: e n'esta parte muito melhor que elle andou Metastasio.

O stylo de Addison é simples e puro, mas

sem fogo poetico. O *jambo* não rhymado \* de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma fórma menos *de convenção* que se não acha na maior parte das tragedias francezas; mas essas têm ás vezes uma eloquencia firme e concisa, onde jamais não chega o *Catão* de Addison.

Este célebre auctor, para preparar o feliz acolhimento d'uma obra que tanta fadiga lhe havia custado, pôs em armas toda a milicia do *bom gôsto*, todos os criticos grandes e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte aclamado por um *chefe d'obra* sem par. E em que fundaram elles taes asserções? Na regularidade da fórma? Mas os poetas francezes ha mais de um seculo que a ella se haviam sujeitado, e a despeito d'esse grilhão, tinham conseguido feitos muito mais poderosos e patheticos. — No espirito politico? Um só discurso de Bruto ou Cassio em Shakspeare mostra mais alma romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addison. Duvido que similhante peça produzisse jamais uma impressão viva e profunda.

\* E o verso verso cõto ou branco.

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo ditto, não differe muito do d'elle, mas alguma cousa differe. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores que são escravos de suas proprias ideas, e do systema que elles mesmos fabricaram: o que muitas vezes os fórça a dizer cousas que n'outro reprovariam e de que não têm, nem dão, outra causa mais que a necessidade imperiosa de serem coherentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stael e em Chateaubriand; e que pensámos sêr muito principal origem do grande merecimento de Cicero e de Rousseau a sua incerteza ingenua — ou muito artificiosa — n'esta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade classica* mal entendida que Addison pretendeu e pensou dar ao seu drama, é exactissimamente certo. O genero *romantico*, de que Shakspeare foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena ingleza, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a belleza da simplicidade e regular elegancia, mas sobeja-lhe a do

ornato e infeites ingenuos, comquanto demaziados. O genero *classico* tem outras qualidades e characteres, entre os quaes em primeiro logar, a regularidade e simplicidade. O *mixto*, que principalmente se deve a Voltaire e a Ducis, \* participa das bellezas d'um e d'outro, sem cahir nos defeitos do *romantico*, afformosea visivelmente o *classico*. Zaira, Tancredo, Alzira, Othelo e o Rei Lear (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, ésta verdade.

Em qual d'estes tres generos escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragedia é um arremêdo infeliz do gôsto francez, tem todos os defeitos do affeminado d'aquelle theatro, sem ter nenhuma de suas bellezas. Seis namoros! Racine e Crebillon, que foram os mais excessivos n'este ponto, nunca se atreveram a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligá-los sempre, e fazê-los dependentes da acção principal, quando elles mesmos a não eram. Crebillon as mais das

\* Quando no prefacio d'este livro toquei equal materia, esqueceu nomear este grande tragico na frente dos que no genero mixto escreveram. Foi devido á pressa com que rascunhei aquellas linhas.

vezes o fez, supposto com muito menos arte, e essa menos fina e delicada. Mas no Catão de Addison são verdadeiramente — verbos de encher; tanto teem elles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos* das operas do Judeu com Medea e Jason. Demais a mais, teem a habilidade de occupar quasi sempre a scena, e deixar raras vezes apparecer sôbre ella o principal actor e acção. A traição de Sempronio e Syphax é motivada por namôro, as mortes de Sempronio e Marco por namôro, toda a *intriga* ou nexa do drama por namôro; Catão intertem-se tambem com todos estes namoros, e mata-se a final — depois de dormir o seu pouco na scena — sem se saber verdadeiramente porquê; pois não apparece uma causa immediata, qual deveria ser a chegada de Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia e que portanto desde o princípio devêra ter produzido o seu effeito, e morto Catão, que era a catastrophe, acabar logo a *peça*. Ésta suspensão da catastrophe, que é o nexa da acção, uma das origens do interêsse, e uma das mais difficeis regras tragicas

na sua execução, falha e falta absolutamente na tragedia ingleza.

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addison mettesse a Cesar no seu drama, nem farei depender d'essa circumstancia a belleza principal d'elle. Tambem li a peça de Metastasio e ahi o vi, mas não me agradou. Porventura, se hoje escrevesse a minha tragedia, o faria eu: mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem, e por isso o não fiz.

No que em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que fórma do stylo de Addison. Convenho que sobejas vezes é frio e desanimado, porém muitas é sublime e elevado como ao genero cumpria. O monologo do quinto acto é uma obra prima de poesia, tanto nas ideas como no stylo: assim elle fosse dramático e proprio da scena; mas infelizmente cai-lhe ao justo a sentença d'Horacio:

*Sed nun non erat his locus.*

O muito que me affastei de Addison, da simples comparação d'estes reparos com o meu drama o pódes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não apparece na

d'elle; eu não tenho damas nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catastrophe da minha peça são outras absolutamente. Approveitei-me porém d'alguns pensamentos felizes e sublimes, que não são poucos em Addison. Mas o número dos que imitei não é excessivo: digo *dos que imitei*, porque traducção, não a fiz eu de um so verso inglez.

Para formares melhor idea, transcrever-te-hei aqui os logares todos de que fallo, com a traducção litteral; e combinando-os com os correspondentes no meu drama, poderás conhecer com exactidão o que digo.

*Acto I. Scena I. (Addison's Cato)*

The dawn is overcast, the morning low'rs,  
And heavily in clouds brings on the day,  
The great, th'important day, big with the fate  
Of Cato and of Rome.

*Cuberta está a aurora, a manhan desce,  
E pesada, entre nuvens traz o dia,  
Dia grande e importante que pejado  
Vem dos destinos de Catão e Roma.*

O logar correspondente na minha peça é na scena 5 do I. acto.

*Acto I. Scena II.*

Let us once embrace,  
 Once more embrace, while yet we both are free.  
 To morrow should we thus express our friendship,  
 Each might receive a slave into his arms.  
 This sun, perhaps, this morning sun's the last  
 That e'er shall rise on Roman liberty.

*Deixa que inda uma vez nos abracemos,  
 Mais uma vez, em quanto somos livres.  
 Nossa amizade se ámanhan quizermos  
 D'esta sorte expressar, receberemos  
 Cada um de nós nos braços um escravo.  
 Este sol, porventura, este sol de hoje  
 É ja o derradeiro que se ergue  
 Sobre a Romana liberdade.*

Corresponde a ésta passagem a da scena 5 do I. acto no meu drama.

*Acto I. Scena II.*

My father has this morning call'd together,  
To this poor hall, his little Roman senate,  
(The leavings of Pharsalia).

*Meu pae em esta humilde, pobre salla  
Seu pequeno senado de Romanos  
(Reliquias de Pharsalia) hoje convoca.*

D'estes versos são parallellos os da mesma scena 5 do I. acto.

*Acto I. Scena II.*

Not all the pomp and majesty of Rome  
Can raise her senate more than Cato's presence.  
His virtues render our assembly awful,  
They strike with something like religious fear,  
And make even Cæsar tremble at the head  
Of armies flush'd with conquest. Oh, my Portius!  
Could I but call that wond'rous man my father!

*Toda a pompa de Roma e majestade  
 Não poderia alçar tanto o senado,  
 Quanto a presença de Catão o eleva.  
 Suas virtudes tornam formidavel  
 Nossa assemblea, ellas quasi imprimem  
 Um medo religioso, e a Cesar fazem  
 Tremar á frente d'essas mesmas tropas  
 Suberbas de conquistas. Oh meu Porcio!  
 Pudesse eu chamar pae a tam grande homem!*

A imitação d'esta passagem é no acto I, scena 5 do meu drama.

*Acto II. Scena 2.*

Fathers, we once again are met in council:  
 Cæsar's approach has summon'd us together,  
 And Rome attends her fate from our resolves.  
 How shall we treat this bold aspiring man?  
 Success still follows him, and backs his crimes:  
 Pharsalia gave him Rome, Egypt has since  
 Receiv'd his yoke, and the whole Nile is Cæsar's.  
 Why should I mention Juba's overthrow,  
 And Scipio's death? Numidia's burning sands

Still smoke with blood. 'Tis time we should decree  
 What course to take. Our foe advances on us,  
 And envies us ev'n Lybia's sultrey desarts.  
 Fathers, pronounce your thoughts: are they still fix'd  
 To hold it out and fight it to the last?  
 Or are your hearts subdu'd at length, and wroughth  
 By time and ill success, to a submission?  
 Sempronius, speak.

*Inda em concelho, ó padres, nos juntámos :  
 De Cesar a chegada nos reune,  
 E Roma o fado seu de nós espera.  
 Como devemos nós tractar esse homem  
 Audaz, imprehendedor? Ainda o segue  
 E protege os seus crimes a fortuna.  
 Pharsalia lhe deu Roma, o Egypto cede  
 Desde então ao seu jugo, e o Niló é d'elle.  
 Porque mencionarei de Juba a quéda,  
 A morte de Scipião? De sangue summam  
 As queimadas areias da Numidia.  
 É tempo de assentar qual mais devemos  
 Seguir estrada. Sobre nós caminha  
 Nosso inimigo, e nos inveja ainda  
 Estes da Libya torridos desertos.*

*Padres, pronunciae os vossos votos.  
 Fixos em persistir são elles inda,  
 E em pelear até o fim constantes?  
 Ou vossos corações ja submettidos,  
 Cançados pelo tempo e desfortuna,  
 Estão á servidão? Sempronio, falla.*

O logar em que imitei alguma cousa ésta falla é  
 no acto II, scena I.

*Acto] II. Scena II.*

*My voice is still for war.  
 Gods! can a Roman senate long debate  
 Which of the two to choose, slav'ry or death!  
 No, let us rise at once, gird on our swords,  
 And at the head of our remaining troops  
 Attack the foe, break through the thick array  
 Of his throng'd legions, and charge home upon him.  
 .....  
 ..... The corpse of half her senate  
 Manure the fields of Thessaly, while we  
 Sit here delib'rating in cold debates...  
 Or wear them out in servitude and chains.*

Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia  
Point at their wounds, and cry aloud — To battle!  
Great Pompey's shade complains that we are slow.

*O meu voto está inda pela guerra.*

*Deuses! póde um senado de Romanos*

*Debater longamente sôbre a escolha*

*De escravidão ou morte? Não, ergamo'nos,*

*D'uma vez, impunhemos as espadas,*

*E á frente d'essas tropas que nos restam*

*O inimigo attaquemos; pelo meio*

*Das espessas fileiras avancemos*

*De suas legiões amontoadas,*

*E do golpe sôbre elle carreguemos.*

.....

*Os corpos de metade do senado*

*Servem de adubo aos campos da Thessalia,*

*Emquanto aqui nós outros assentados*

*Em frias discussões deliberamos*

*Se á honra nossas vidas votaremos,*

*Ou se havemos de em ferros consumi-las.*

*Desperta; que vergonha! Os irmãos nossos*

*De Pharsalia as feridas nos apontam,*

*E altamente nos bradam — Á batalha!*

*A grande sombra de Pompeu lamenta  
A nossa lentidão ; e a nós d'entorno  
Queixosa de Scipião voltea a sombra.*

Assemelha-se a ésta, na minha peça a falla de  
Bruto na scena I do II acto.

*Acto II Scena II.*

Let not a torrent of impetuous zeal  
Transport thee thus beyond the bounds of reason.  
True fortitude is seen in great exploits  
That justice warrants, and that wisdom guides :

.....  
Are not the lives of those that draw the sword  
In Rome's defence entrusted to our care !  
Should we thus lead them to a field of slaughter,  
Might not th'impartial world with reason say  
We lavish'd at our deaths the blood of thousands  
To grace our fall, and make our ruin glorious ?

*Não te deixes d'um zêlo impetuoso  
Transportar da torrente além dos termos  
Da razão. O esforço verdadeiro*

*Nos grandes feitos que a justiça apoia,  
Que a prudencia dirige, é que se mostra.*

.....

*D'aquelles que de Roma na defeza  
Desembainharam as espadas suas,  
Ao nosso cuidado confiadas  
As vidas não estão? Se nós ao campo  
Da mortandade assim os conduzirmos,  
Imparcial não poderá o mundo  
Dizer e com razão, que nós de tantos  
Co'a nossa morte o sangue esperdiçámos  
Para ornar nossa queda, e mais gloriosa  
Fazer nossa ruina?*

.....

Corresponde a ésta passagem a do acto II, scena 2.

*Acto II. Scena IV.*

..... Bid him disband his legions,  
Restore the commonwealth to liberty,  
Submit his actions to the public censure,  
And stand the judgment of a Roman senate.  
Bid him do this, and Cato is his friend.

.....

..... Tho' Cato's voice was ne'er employ'd  
 To clear the guilty, and to varnish crimes,  
 Myself will mount the rostrum in his favour,  
 And strive to gain his pardon from the people.

*As suas tropas despeça, á liberdade  
 Restitua a republica, submetta  
 Suas acções á publica censura,  
 E a decisão aguarde do senado.  
 Obre assim, e Catão é seu amigo.*

.....  
*Nunca a voz de Catão foi impregada—  
 Em crimes palliar, ou salvar culpas,  
 E comtudo heide eu mesmo em favor d'elle  
 Subir aos rostros, forcejar, pôr peito  
 Para alcançar o seu perdão do povo.*

Na minha tragedia, acto II, scena 3, occorrem os versos parallellos.

Estes são, meu amigo, os logares que de Addison imitei; digo, que imitei de proposito, porque, se em alguns outros me incontrei com suas ideas e expressões, effeito foi do assumpto e não

por determinada intenção. Não repares nos maus versos da traducção litteral que puz aopé do original inglez: esforcei-me por ser exacto e fiel, e essa vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei e posso responder ás tuas perguntas, remetendo-te, sôbre Addison aos muitos que d'elle e do seu Catão escreveram, e sôbre a minha peça a esses senhores sabichões do Mondego que tudo intendem, tudo sabem, de tudo mofam, mas nada fazem. — Sou de todo o coração muito teu amigo etc.

Lisboa, 13 de Março

1822.

CATÃO

Á. MUITO. NOBRE

SEMPRE. LEAL. E. INVICTA. CIDADE

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no  
theatro do Bairro-alto, por uma sociedade de  
curiosos, em vintanove de setembro de

DO

**PORTO**

PROPUGNADORA. FORTISSIMA

DA. LIBERDADE

CONSTITUCIONAL

ILLUSTRE

PELO. SANGUE. DE. SEUS. MARTYRES

O. D. C

TESTIMUNHO. DE. AMOR. E. DEVOÇÃO

Á. SUA. PATRIA

J-B. DE. ALMEIDA. GARRETT

MDCCLXXXV.



# CATÃO

## TRAGEDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no  
theatro do Bairro-alto, por uma sociedade de  
curiosos, em vintenove de septembro de

MDCCCXXI.

---

PESSOAS.

CATÃO.

MARCO-BRUTO.

MANLIO.

PORCIO.

SEMPRONIO.

DECIO.

JUBA.

POVO.

*Senadores, lictores, libertos, soldados  
romanos e numidas.*

Logar da scena — Utica.

CATÃO

TRAGEDIA

Representada a primeira vez, em Lisboa, no  
theatro do Bairro-Alto, por uma sociedade de  
amigos, em vinte e nove de setembro de

MDCCXXI.

PESSOAS.

CATÃO.

MARCO-BRUTO.

MANLIO.

PORCIO.

SEMPRONIO.

DECIO.

JUBA.

POVO.

Senhores, leitores, libertos, soldados,  
pomenos e nuniadas.

Lugar da scena — Utica.

**PROLOGO.**

Hoje, invocando as musas lusitanas,  
Calçando co'a mão trémula o cothurno,  
Venho tímido expor nas scenas patrias  
Um caso atroz da memoranda Roma.  
Da Libya ardente nos torrados plainos  
Arquejando vereis a Liberdade,  
Ve-la-heis moribunda soluçando  
Expirar sôbre a areia, — e inda de longe  
Volver o extrêmo olhar ao Capitolio.

\* Recitado pelo auctor na primeira representação, a que somente assistiram amigos e familias conhecidas.

Honra, valor, virtude, esforço e glória,  
 Tudo acaba com ella n'esse instante.  
 Algozes ferros, asperas cadeias  
 Da miseranda Roma algemam pulsos...  
 Mas da patria infeliz o negro oppróbrio,  
 Catão não o hade ver, — morre primeiro.  
 Ve-lo-heis, esse homem, o maior dos homens,  
 D'homem, de pae, de cidadão deveres  
 Desimpenhar romano, — e morrer homem.  
 Ve-lo-heis tranquillo desafiar a sorte,  
 E ainda nos momentos derradeiros  
 Fazer no solio estremecer tyrannos,  
 Pasmar a terra e invergonhar os nubes.

Da malfadada Roma última esp'rança,  
 Bruto vereis tambem : n'alma agitada  
 Ver-lhe-heis lutar co'a patria a natureza,  
 Mas a patria vencer. Odio implacavel,  
 Desesp'rado furor que avexa essa alma,  
 Lhe vem do coração bramar nos labios.  
 Um dia inda virá que o braço ardido  
 Quebre de um golpe os ferros do universo...  
 Heroismo e valor, terror e espanto  
 So vereis n'este quadro sanguinoso.

Involta em negro lucto a lyra austera  
 So troa sons de morte : as cordas duras  
 Estremecidas fremem com o incerto  
 Palpitar da vingança ; — e mal se escuta  
 Abafado suspiro de ternura  
 Em que amor filial, em que amizade  
 Timidos, receiosos se carpiram.

Meigos affectos de paixões mais brandas  
 Não espereis ouvir : — so falla a patria  
 Em corações que a patria so conhecem.  
 Romanos estes são, — mas vós sois Lusos :  
 E de Romano a Portuguez que dista ?  
 Foram livres aquelles, — vós sois livres ;  
 Cidadãos, — vós o sois ; homens, — sois homens :  
 Pelos campos da glória e liberdade  
 Onde o Tibre correu, corre hoje o Tejo.

E Roma é escrava !.. E a desgraçada Italia  
 Succumbiu, e nem geme ! Em qual abysmo  
 De mágoa e de vergonha está sepulta  
 A patria de Catões, de Brutos, Cassios !  
 Oh nódoa nos annaes da humanidade !

Oh, quem pudesse á historia do universo  
 Arrancar essa página d'infamia !  
 Amargo é recordar memórias cruas  
 De dó, de pejo : — mas lembrá-las cumpre :  
 A tempo sirvam de escarmento — e exemplo  
 Para atalhar o mal na origem d'elle.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,  
 Afago da existencia e incanto d'ella,  
 Oh, perdoa se a patria te não deixa  
 O primeiro lugar em nossas scenas.  
 Não esqueceste, não ; porém ciosos  
 São nossos corações de liberdade :  
 Onde impera a belleza, amor so reina ;  
 Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,  
 Os erros desculpae do ingenuo vate.  
 Foi so meu coração que fez meus versos :  
 Por elle julgae so. Louvor e applauso  
 Nem o quero de vós nem o supplico :  
 Vêde expirar Catão ; dentro do peito  
 Guardae d'esse Romano alma e virtudes.

Se o conseguem meus versos, se me é dado  
 Esse prémio alcançar de meus trabalhos,  
 Audaz, affeito, satisfeito e pago,  
 Ao resto irei da Europa — do universo —  
 Louvor, censuras desprezar sem medo.

## ACTO PRIMEIRO.

## SCENA I.

MARCO-BRETO, MANLIO.

*(estando da vestibulo)*

MARCO-BRETO.

Sei tudo — e tudo ouvi sobejas vezes: não posso  
 Nem posso ouvir de mais. O' ceo, que a Roma  
 Nos pés columna extrema em seus braços,  
 Não quer prantos de nós. Valor, constância,  
 Virtude são os únicos remedios para nós.

Se o consorcio meus versos se me é dado  
 Este premio aleccionar de meus trabalhos  
 Arranjar, a mim, e a meus versos, a canção  
 Amargo, a mim, e a meus versos, a canção  
 Ao resto dei da Europa — do universo —  
 Louvor, consorcio desprezar sem medo.  
 A tempo, a mim, e a meus versos, a canção  
 Para atalhar a mal a malhata a

É tu, sexo gentil, delicias, nimo,  
 Afago da existência e encanto d'ella,  
 Oh, perdos se a patria se não deixa  
 O primeiro lugar em nossas scenas.  
 Não esqueceste, não: por mim, a mim,  
 São nossos corações de liberdade:  
 Onde impera a belleza, amor se reina;  
 Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, sós todos, assembleias Gloriosas,  
 Os erros desculpas do ingenuo vate.  
 Foi se meu consorcio que fez meus versos:  
 Por elle julgue so: Louvor e applauso  
 Nem o que de vós nem o supplicio:  
 Vede expiar Cato: dentro do peito  
 Guardae d'esse Romano alma e virtudes.

**ACTO PRIMEIRO.**

Praça: — vestibulo e portico de antiga e ruda  
architectura romana, a um lado.

**SCENA I.**

**MARCO-BRUTO, MANLIO**

*(sahindo do vestibulo)*

**MARCO-BRUTO.**

Sei tudo — e tudo ouvi sobejas vezes ;  
Nem posso ouvi-lo mais. O ceo, que a Roma  
Nos pôs columna extrêma em seus desastres,  
Não quer prantos de nós. Valor, constancia,  
Virtude são os unicos remedios

Para os males da patria. Lamentá-la,  
 Chorá-la em ocio vil é ser covarde,  
 É não ser cidadão, — não ser Romano.

MANLIO.

Mas ouve...

MARCO-BRUTO.

Tudo sei. — Que Roma é escrava ;  
 Que o senado traidor, que o povo indigno  
 Folgam nos ferros que lhe dóira o crime ;  
 Que Cesar coroado da victoria  
 Ao carro triumphal leva — execrando !  
 As romanas virtudes manietadas ;  
 Que essa prole bastarda de Quirino,  
 Espurios filhos, infezado sangue  
 De Scipiões, de Fabios, Cincinnatos,  
 Essa turba infiel vendeu contente  
 Braços e coração, virtude e glória  
 A trôco de oiro vil ; — que impera ovante,  
 Que exulta Julio sôbre a patria em cinzas ;  
 E que do deshonrado Capitolio  
 Ousa dictar os fados do universo ;  
 Emfim, do Povo-rei ser rei... Ah, Manlio  
 O termo abominavel, execrando  
 Que mal cabe nos labios d'um Romano!

Sei tudo : — e tudo n'alma tenho impresso

Em fogo — que incessante m'a devora.

Mas ao pêso da sorte inda não curvo :

Tenho no peito coração romano ;

E enquanto a espada do tyranno Cesar

M'o não souber varar, não cedo a Cesar.

MANLIO.

Tua nobre constancia admiro e louvo :

Romana é, — romana d'esses tempos

Que para sempre... sempre se acabaram.

Oh, se ella nos salvasse, Marco-Bruto!

Se d'esse coração faiscar pudesse

Scintilla que accendesse a morta cinza

Em que toda esfriou, de consummada,

A virtude latina! — Mas tu mesmo,

Catão proprio o confessa : a nós e a poucos,

A poucos mais, os deuses reduziram

Da triste liberdade os defensores.

Nos quasi abertos, derrocados muros

D'Utica so nos resta amparo debil ;

Por suas brechas sem conto, a cada instante

Nos entra a escravidão, nos foge a patria.

Nossas legiões tam poucas, tam cançadas,

Fracos sobejos da fatal derrota

Do infeliz Pompeu...

MARCO-BRUTO. — Em fogo —

E d'esse nome, mas ao péso

Diz, não basta a memoria deshonorada

Para acordar o coração dormente

D'um senador romano? Oh sanctos manes,

Oh veneranda sombra, inulta ainda,

Nos sanguinosos campos de Pharsalia

Vagas não-propiciada e gemebunda...

E o vil que ousa Romano appellidar-se

Será, Manlio, será?..

MANLIO. — Se d'esse coração

Será da patria

O tyranno oppressor.

MARCO-BRUTO. — A virtude latina

Elle! — Primeiro

Hade Catão morrer,

MANLIO. — Da trizteza

Dous golpes junctos

No seio maternal soffrerá Roma.

MARCO-BRUTO. — Por suas brechas

Que soffra mil, e que não seja escrava.

MANLIO. — Nossas legiões

Ah, que aproveita, Marco, o sacrificio!

Tam quebrados, sem fôrças, de que serve  
 Ésta lucta de poucos moribundos  
 A pelejar por mais uma hora escassa  
 De vida incerta! — Ingano, ingano cego!  
 À patria agonizante e quasi extincta  
 Que podêmos fazer?

MARCO-BRUTO.

Morrer com ella.

MANLIO.

Se o sacrificio aproveitasse!

MARCO-BRUTO.

Chamas

Sacrificio ao dever! — Este é o voto  
 De Catão: bem o sabes. E tu dizes-te  
 Amigo d'elle!.. Sê digno do amigo.

MANLIO.

Oh!..

MARCO-BRUTO.

Basta, Manlio, basta: esses discursos  
 Serão prudentes, mas offendem-me alma,  
 E o coração rebella-se de ouvi-los..

*(pausa consideravel)*

Olha, ves tu a aurora? — despontando  
 Ella abi vem no horisonte carregado;

Triste, pallida, a medo nos arrastra  
 O dia — o dia porventura extremo  
 De nossa liberdade. — Oh Roma, oh patria!  
 Ceos que o raio guardais, no mundo ha crimes  
 Que os de Cesar eguaem? Que justiça  
 Fazeis na terra, omnipotentes deuses!

(*pausa breve*)

Manlio, este dia é o dia destinado  
 A decidir a sorte dos Romanos.  
 Por ordem de Catão solememente  
 Se congrega o senado. Os teus receios,  
 Tua prudenciaahi podes expor-lhe.  
 Incontrarás talvez quem te oiça e applauda:  
 Não eu, Manlio, não eu.

## SCENA II.

MANLIO, *sa.*

Mancebo louco!  
 Cego corres após d'esses phantasmas  
 Que em teu ingenuo coração virtuoso  
 So hoje moram. Terás cans, — e c'o alvo  
 Das cans te virá negra experiencia:  
 Então, então verás com que sonhaste.

Romano ! Ideas vans ! Ja não existe  
 Essa glória, esse nome tam famoso.  
 Nem a feroz virtude d'este joven  
 Nem de Catão a rigida constancia  
 Erguem do tumulo a defuncta Roma.  
 Nunca ! — O punhal das civicas discordias  
 Rasgou-lhe o seio, quebrantou-lhe os membros ;  
 Roma não vive ja. — É Cesar, Cesar  
 Quem hoje é Roma, e que é senhor do mundo.  
 Tudo lhe cede. — E nós mesquinhos restos  
 Ao furor escapados de Pharsalia,  
 É que havemos de oppor-nos á torrente  
 Que arroja aos pés de Cesar o universo !  
 E por amor de quê ? Da liberdade...  
 Liberdade ! — Qu' é d'ella, a liberdade ?  
 Quanta nos deram Mario, Sylla ? — Quanta  
 Nos daria Pompeu se triumphante  
 Com suas legiões volvesse ao Tibre ?  
 Roma, Roma, os teus dias são contados ;  
 Tu queres um senhor : te-lo-has. Os Quincios  
 Ja não voltam. Sem honra, sem virtude,  
 Sem aquella pobreza sancta e livre  
 De Fabricio, onde vai a liberdade !  
 Marco-Tullio venceu a Catilina ;

E hoje — mollemente passeiando  
 Em seus jardins de Tusculo, revendo-se  
 Em marmores de Athenas, manso e quêdo  
 Philosophando vai. — Que resurgissem  
 Os Gracchos ; — bradariam liberdade  
 E patria, como os nossos Gracchos' de hoje :  
 Mas so bradar : tyrannos ou escravos  
 Seriam como nós... — Cortae nos vicios,  
 No orgulho, e então... — Quem é este ? É Sempronio  
 Que ahi vem. Alma perfida e covarde !  
 Ide ouvi-lo ás cohortes declamando :  
 Nem o proprio Catão tem mais no peito  
 Aquella devoção, aquelle zêlo  
 Da liberdade antiga. — Oh tempos, tempos !  
 E ainda quer Marco-Bruto de taes homens  
 Fazer Romanos — com Romanos d'estes  
 É que se hade salvar a patria !

### SCENA III.

#### MANLIO, SEMPRONIO.

SEMPRONIO.

Manlio,

Fallaste com Catão ? Que te disse elle ?

Seu nobre exfôrço, amigo, que medita?  
 Como intenta salvar-nos? Que defesa  
 Havemos de fazer n'estas ruinas  
 Contra esse immenso exército que apperta  
 Sôbre nós de hora a hora? Que esperanças  
 Da moribunda — morta liberdade  
 Conserva ainda?

MANLIO.

As de morrer com ella.  
 Incapaz de torcer, firme, indomavel,  
 Não ve, não ouve, não attende a nada!  
 E emtanto cresce o mal, e a cada instante  
 Foge o remedio.

SEMPRONIO.

Um resta.

MANLIO.

Qual?

SEMPRONIO.

(*à parte*)

Tentemos

(*alto*)

Este velho. — Seguir os teus conselhos  
 Moderados, prudentes.

MANLIO.

Meus conselhos!  
 Nunca t'os dei, nem... — O meu voto é logo  
 Para o senado: ahí o ouvirás franco,  
 Sincero, leal.

SEMPRONIO.

Mas nós sabemos todos  
 Tua opinião. Eu, longo tempo, incerto  
 Duvidei: mas enfim não resta escolha.  
 O universo é de Cesar: honras, graças,  
 Mercês, riquezas — tudo elle dispensa;  
 E tudo perderemos se teimosos  
 Persistimos na lucta van, inglória...

MANLIO.

Inglória!

SEMPRONIO.

Inglória sim, que a vida, a fama  
 Esperdiçámos loucos por chimeras.  
 Gloriosa foi a causa da republica  
 Quando o favor dos mobiles Quirites  
 Tinha Sédes-curues, e tribunatos,  
 Consulados que dar: nobre, distincto  
 Era então ser campeão da liberdade.  
 Hoje que importa cortejar a plebe,

Lisongear-lhe a inconstancia caprichosa?  
 Que podem os ciosos cavalleiros,  
 Os superbos patricios? De que valem  
 Seus suffragios? Voltemo' nos a Cesar.  
 A calva occasião é ésta agora.  
 Corramos-lhe ao incontro: generoso  
 E magnanimo é Julio: hade quebrar-lhe  
 As iras todas submissão tam prompta,  
 Tam resignada: — e nós salvos, bemquistos  
 Do senhor do universo, porventura  
 Quinhoaremos tambem nos seus despojos.

MANLIO.

(*à parte*)

Vil, indigno!.. Estes são os nossos Gracchos.—

(*alto*)

E Catão?

SEMPRONIO.

Ah!.. Catão. — Esperas d'elle

Que attenda ao bem commum, que deixe os sonhos  
 De sua stoica, van philosophia,  
 Que sacrifique o orgulho de um systema?..

MANLIO.

Orgulho elle! — A tua alma não entende,  
 Não conhece aquella alma. Homem mais simples,

Mais singelo, mais chão, menos fastoso,  
 Que ostente menos, menos se conheça;  
 E de suas virtudes saiba o preço,  
 Não crearam os ceos, nem o aureo tempo,  
 Viu de nossos avós na antiga Roma.

SEMPRONIO.

Pois... eu também conheço... essas virtudes,  
 E as sei avaliar. Porém que importam,  
 Que nos podem fazer tantas virtudes?  
 Cesar, amigo, Cesar formidavel,  
 Cesar, que precedido da victoria  
 Marcha á frente de innumeradas cohortes,  
 Que, á excepção d'este pouco da Numidia,  
 — De poucos palmos de torrada areia —  
 Ve curvado a seus pés o mundo inteiro,  
 Cesar não tarda sôbre nós; e é tempo  
 De resolver emfim.

MANLIO.

Toca ao senado  
 Deliberar: Catão para isso o ajunta;  
 E Catão bem conhece o nosso estado  
 E a possança de Cesar. Mas sua alma  
 Da velha dura tèmpera romana  
 Não vérga assim. Minha opinião (pois queres

Sabê-la, e tua franqueza — tam notavel!  
Me anima) é differente, opposta á d'elle.  
E logo no senado heide impugná-la,  
Aberta e nuamente. Em vivas côres  
Heide pintar o estado miseravel  
Da patria, e o nosso; o abysmo a que a arrastâmos  
Se, para não quebrar, nossa virtude  
Não dobra um tanto ao pêso da fortuna.  
Taes são minhas tenções. E ha muito sigo  
Repugnante esta lucta tam baldada,  
Em que a alma de Catão, seu grande nome,  
Suas virtudes são a unica fôrça  
D'um partido impotente, e lacerado  
De facções, de traições, de odios, de invejas,  
(pausa)  
De avarezas, cubiças. — Mas, Sempronio,  
Tu que sempre no fóro, no senado,  
No campo, em toda a parte declamaste  
Contra mim, contra a facil indulgencia  
Dos que julgam prudente, necessario  
Tractar c'o vencedor, ceder um pouco  
Para não perder tudo, — tu da plebe  
Idolo, oraculo, orador, — que ante ella  
Bruto accusas de timido; e suspeitas

Soltaste a miudo da virtude austera  
 Do rigido Catão, — por que prodigio,  
 N'esta hora do perigo, em que a romana  
 Virtude, e toda a civica firmeza,  
 Constancia, devoção são necessarias,  
 Como, por que prodigio, tam diff'rente  
 Tam outro fallas! — Certo, no senado,  
 Teu voto, de fraqueza não suspeito,  
 Muitos convencerá.

SEMPRONIO.

E pensas, Manlio,  
 Que ante esses homens cegos, illudidos,  
 Que em Catão vêem seu deus, que existem n'elle,  
 Que o falso brilho deslumbrou da glória,  
 Que o vão, que o louco amor d'uma chimera  
 A que chamaram patria e liberdade,  
 Antepoem aos proprios interêsses,  
 Às honras, á ventura, á mesma vida —  
 Que ante homens taes minhas tenções exponha,  
 Que lh'allegue razões que elles não ouvem?  
 Fôra imprudente e de nenhum fructo o risco.  
 Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,  
 De suas illusões vestindo a máscara,  
 Enthusiasta orador da liberdade,

Clamar, bradar vingança, e guerra e sangue,

Ostentar marcio ardor, romana audacia;

E de mim affastar quaesquer suspeitas.

Sinceridade! — Pois tu não receias

Os impetos de Bruto?

MANLIO.

Não receio

Onde estiver Catão, violencia alguma

Contra quem livremente, e como é d'homem,

Dá seu voto e tenção.

SEMPRONIO.

Muito confias:

Eu não. — E so a ti, cre-me, a ti, Manlio,

A ninguem mais em Utica, me atrevo

A revelar meu íntimo e secreto,

Verdadeiro pensar. Sancta amizade,

Além do sangue, nos uniu ha muito:

Tu não me hasde trahir...

MANLIO.

Eu trahir!

SEMPRONIO.

Digo,

Não declares...

MANLIO.

Sim, sim ; fica-te embora.  
 Não te heide descobrir : segue no ingano ;  
 Illude, mais essa hora que te resta,  
 As desvairadas turbas. — E que importa  
 Acordar ora ou logo, se o terrível,  
 O fatal despertar é sempre o mesmo !

SCENA IV.

SEMPRONIO *so.*

*(depois de consideravel pausa)*

Disse de mais ; fallei, fui muito claro :  
 E este velho, prudente, moderado...  
 Ama, adora Catão como os mais cegos  
 Que o têm por deus, por immortal. Embora !  
 Manlio é honrado, d'aquella honra antiga  
 D'outros tempos ; e não me trai. — Honrado !  
 O miseravel, co'a alma incerta e vaga  
 Fluctuando entre o medo e entre a esperança,  
 Nem sabe o que deseja. — E eu ?.. Sou covarde  
 Mais covarde do que elle : não me illudo.  
 Mas póde mais que a covardia o odio  
 N'este peito ralado da acre sêde

Da inveja. Meus projectos têm falhado  
Com a estúpida plebe: vis! adoram  
O homem que eu abhorreço, que detesto,  
Esse Catão, esse idolo de nescios!  
Oh, que raiva lhe eu tenho! Alma rebelde,  
Tu me opprimes c'o pêsso abhorrecido  
D'essas tuas virtudes. Quanto eu dera  
E te podesse ver um crime n'alma!  
Affrontoso supplicio! — E elle conhece-me,  
Conhece-me e despreza-me. — Oh, vingar-me,  
Vingar-me heide eu. Tua cerviz altiva  
Hade criar vergão sob o apertado  
Jugo de Cesar. Não te salva a morte,  
Que vivo — vivo hasde cahir no laço.

*(pausa consideravel)*

Ei-lo aqui vem o principe dos Numidas.  
Louco! A cega vaidade d'este barbaro  
Hade ser instrumento proveitoso  
De meus designios. Nem será difficil  
O inganá-lo. — Vem com elle Porcio.  
Que náusea que me faz este mancebo!  
Ambos, ambos de dous. — E como affectam  
Do pae o tom sentencioso e grave,  
A pomposa virtude, o olhar austero!

Mas o Numida é Numida : no sangue  
 Ardente do Africano a febre é facil  
 De inflammam prompta, e desvairar no cerebro  
 Essas lições romanas de prudencia.  
 Cumpre dissimular, fingir com elles.

## SCENA V.

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Oh meu Sempronio, oh firme, certo amigo  
 Da moribunda Roma, espirito, alma  
 Do vacillante povo, emfim te incontro!  
 Ha muito te buscava.

SEMPRONIO.

Salve, Porcio.

Do maior dos Romanos digno filho,  
 Esperanças da patria! — Meu amigo,  
 Eis-me aqui. N'estas horas de agonía,  
 Grata consolação é ver unidos  
 No funeral da patria os que inda podem  
 Carpi-la sem remorso e sem vergonha.

PORCIO.

Meu Sempronio, abracemo'-nos ainda  
Por ésta vez, que ainda somos livres.  
Ai! talvez ámanhan não poderemos  
Fazê-lo ja — sem nos acharmos ambos  
No vergonhoso amplexo d'um escravo.  
Que disse cu! ámanhan... ah, porventura  
Este sol que ahi nasce é o derradeiro  
Que luz sôbre a romana liberdade.

SEMPRONIO.

Confias pouco nos supremos deuses :  
Teu venerando pae, suas virtudes  
Inda nos restam.

PORCIO.

Ah! meu pae como hade  
Resistir so por si á conjurada  
Fôrça de homens e fados? É so elle  
Na terra, — e a terra toda é ja de Cesar.  
Suas nobres tenções hãode ir ao cabo,  
Sua constancia ferrea não vacilla ;  
Morera, porêm livre. Mas nem todos  
Com a alma de Catão os dotou Jupiter.

JUBA.

E quem tam vil será?

PORCIO.

Não sei : mas vagam  
Entre as cohortes dissensões, murmúrios...

JUBA.

Mas não entre os meus Numidas. — Se fosse...

PORCIO.

Não, príncipe ; a vileza em nossos dias  
Toda é romana. Ha traidor occulto  
Que anda excitando esses quebrados restos  
Das legiões de Pompeu, á rebeldia.  
Quem elle seja ignora-se...

SEMPRONIO.

(á parte)

A seu tempo  
O saberás.

PORCIO.

Que dizes ?

SEMPRONIO.

Nada : — indigna-me,  
Custa-me a crer que exista um monstro...

PORCIO.

Existe.

E incuberto, inda mal ! Porém que importa  
Seu machinar, suas traições j'agora !

(Vão passando alguns senadores, que entram pelo portico.)

Ahi vão concorrendo á humilde curia  
Essas tristes reliquias de Pharsalia  
A que ainda senado appellidâmos...

JUBA.

Appellidaes... que dizes! — Toda a pompa  
Triumphal de Roma, todo o brilho antigo  
De sua glória, ao senado nunca deram  
Tam solemne realce e majestade  
Quanto a presença de Catão. — Seu nome,  
Seu nome so é como um sêllo augusto  
Que, a despeito dos numes, sanctifica  
A causa que elle abraça; — é fôrça ingente,  
Antemural onde o impeto se quebra  
De tantos, tam vaidosos inimigos.  
Quem póde ouvi-lo, vê-lo so, e n'alma  
Não sente um religioso terror sancto,  
Que opprime e eleva, humilha e exalta o ânimo,  
Como o aspecto de um nume? É Roma inteira,  
É o terrivel deus do Capitolio,  
O Genio de Quirino que está n'elle,  
E deante do qual o proprio Cesar,  
Cesar á frente de hostes invenciveis,

Suberbas da conquista do universo,  
 Cesar triumphador treme e vacilla  
 Ah, se em vez de me dar barbara patria  
 N'estes certões inhospitos da Libya,  
 Me outorgaram os ceos nascer Romano;  
 Se, como tu, pudesse, ó caro Porcio,  
 Chamar-lhe pae. — Não ha maior ventura  
 Que possam numes conceder na terra.

Porcio.

Teu coração, amigo, te compensa,  
 Nova patria te dá. Nascer Romano  
 É glória so quando estremados feitos,  
 Quando virtude austera desimpenham  
 Nome — que foi tam nobre... e hoje! — Principe,  
 Do vício a nódoa, as máculas do crime,  
 Não as podem lavar do Tibre as águas.

Sempronio.

(à parte)

(alto)

Não posso ouvi-los mais. — Meu Porcio, deixo-te:  
 Não tarda que o senado se convoque.  
 D'esta sessão solemne e derradeira  
 Depende tudo. Adeus! É necessario  
 Incitar uns, suster a vacillante  
 Virtude de outros. — Principe, o teu nobre

Esfôrço e coração Roma precisa  
 N'esta hora de perigo — extrêma... a última  
 Talvez! — porém amigos como Juba  
 N'esta hora é que se acham.

JUBA.

Não duvides  
 De mim, Romano. O sangue não vingado  
 De meu pae inda ahi está revendo fresco  
 Deante de meus olhos. Na orphandade  
 Tua patria me adoptou; tua patria é minha.  
 Aomenos para dar por ella a vida,  
 Roma é tam minha como tua.

## SCENA VI.

PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Juba,

Que tens, que tam severo respondeste  
 Ao senador? Tam triste e pensativo  
 Fitas no chão os olhos carregados;  
 Em que meditas?

JUBA.

Eu? — Na mal-azada,

Pouca ventura minha, que me trouxe  
 À situação penosa em que me vejo.  
 Porcio, tu — tu conheces a minha alma ;  
 Mas elles não. Suspeitam-me, duvidam  
 Da minha fé : extranho sou, um barbaro  
 Entre vós.

PORCIO.

Entre nós, tu, Juba ! — Ingnas-te :  
 Amam-te, querem-te, honram-te. Não ouves  
 Meu pae como te falla, quantas vezes  
 Te chama filho ?

JUBA.

Teu pae, sim : oh, esse  
 É o maior dos homens, o mais nobre,  
 Mais generoso, mais leal. Mas, Porcio,  
 Quantos Catões ha em Roma ? — Este Sempronio  
 Desconfia de mim.

PORCIO.

Elle !

JUBA.

As palavras  
 Que me disse ao partir... Não reparaste  
 Como fallou de amigos, da arriscada  
 Hora do p'riga ?

PORCIO.

Quê! interpretaste

O seu dizer assim? — Não dês, amigo,  
 A vans suspeitas attenção funesta.  
 Assás, principe, assás nos sobram causas  
 De dor e de afflicção. Ai! todo o esfôrço,  
 Toda a virtude de Catão não bastam  
 Para suster o pêso do infortunio.  
 E que pôde elle so contra a torrente  
 D'um povo inteiro, uma nação d'escravos  
 Que humildes correm a accurvar-se ao jugo!  
 Em Utica incerrado, triste chefe  
 D'um exército froxo e destroçado,  
 O que hade elle esperar, — que nos sobeja  
 D'essa van sombra de senado e Roma?

JUBA.

Sobeja-nos Catão: e é muito ainda.

PORCIO.

É muito: — porêm quanto hade durar-nos!  
 Vamos, amigo, vamos, que a hora chega,  
 Ve-lo entrar para a curia. Approveitemos  
 Ésta occasião de contemplar ainda  
 Mais uma vez aquella face augusta  
 Reverberando toda a majestade

Da extincta Roma, — e ouvir o som tremendo  
D'aquella voz que, em meio do senado,  
Troa como echo d'essa voz divina  
Com que a nossos avós salvou da infamia  
Jove Stator. — Como o severo aspecto,  
Tam severo e tam placido! — me infunde  
Respeito e amor! — Disseste bem, meu Juba:  
Feliz a quem tal pae os deuses deram!  
Mas... ai de mim! oh, que presagios negros  
Me agoira o coração no sobresalto  
Com que me anceia, n'estes baques rijos,  
Desincontrados que me dá no peito  
Co'a so lembrança, a idea de perdê-lo!  
Prouvesse aos deuses immortaes que aomenos  
Adeante eu vá, — nem veja o sacrificio  
Que nas aras da patria... Indigna Roma,  
E meréce-lo tu? — Eternos deuses,  
Como soffreis que o vício, o crime, a infamia  
Reinem sos, coroados do perjurio,  
Na avassallada terra! — Amigo, vamos:  
Seja maior que a mágoa o soffrimento;  
De atormentar-nos se invergonhe o fado;  
E se cumpre ceder, cahir co'a patria,  
Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

**ACTO SEGUNDO.**

Interior dilapidado de antigo edificio barbarico, preparado  
para a conveção do senado.

**SCENA I.**

**CATÃO, MANLIO, MARCO-BRUTO, SEM-  
PRONIO, lictores, senadores.**

*Vão entrando os senadores e tomando seus assentos, que estão dispostos em semicirculo. — Depois de breve espaço, Catão, precedido delictores. Os senadores se erguem para o saudar. Permanecem todos em silencio por algum tempo. Catão levanta-se para fallar ao senado, e se lhe inclina,*

**CATÃO.**

Padres de Roma, augustos senadores,

Da patria moribunda unico apoio,

Quanto inda folgo de vos ver unidos,  
De contemplar em vós esses Conscriptos  
Que de sóbre o tremendo Capitolio  
Repartiram os fados do universo,  
E aos reis vencidos, ás nações prostradas  
Deram co'a espada leis, co'as leis virtudes !  
Permitti que a minha alma se demore  
N'estas ideas de passada glória :  
Ah, quem sabe se é ésta a vez extrêma  
Que me é dado ante vós o recordá-las,  
E a derradeira vez góso a ventura  
De olhar-vos junctos e vos ver Romanos !  
Sim, ó Padres, assás glória e renome  
Coube a nossos avós ; maior nos cabe,  
(Não duvideis) maior nos cabe ainda.  
N'este humilde logar, entre estes muros,  
Quasi cercados de armas inimigas ;  
Sóbre nossas cabeças cada instante  
Vendo troar da tyrannia os raios ;  
Sem accurvar ao pèso do infortunio,  
Unidos inda pela voz da patria...  
O senado de Roma é mais augusto.  
— Ésta patria, ésta Roma o seu destino  
De vós espera agora : a vós incumbe

Decidir de seu fado. — Cesar chega :  
Um exército... (sim, o horror do p'riego  
Dissimular não cumpre a vossos olhos,  
Nem diminuir o pêso ao sacrificio)  
Um exército forte, victorioso,  
Formidavel o segue. Escassas, debeis  
São nossas fôrças, fracos os reparios,  
Attenuados os muros. — Que nos resta !  
Que nos convem fazer ? Como devêmos  
Tractar esse homem temerario, ardido,  
Ambicioso, insaciavel ? — A fortuna  
Tem coroado seus crimes com victorias.  
— Desculpae-me o avivar chagas que sangram,  
Recordar os horrores de Pharsalia !  
Esse dia fatal lhe intregou Roma,  
E a morte de Pompeu o Egypto e o Nilo.  
Juba, Scipião cahiram por seu ferro...  
Inda fumma talvez a areia ardente  
Da Numidia, insopada em sangue fresco ;  
E no vasto silencio do deserto  
Inda arquejam talvez corpos romanos.  
Não ha sangue que o farte, não ha crime  
Que o detenha : seu carro de triumpho  
Não impeça nos montes de cadaveres

Que lhe juncam a estrada. Fique o mandado  
 Todo um sepulchro, um so moimento a terra...  
 Mas reine elle senhor sôbre esse tumulo.  
 — A cubiça de imperio que o devora,  
 Que lhe incha o coração, lhe rala o peito,  
 Té os mesquinhos areaes estereis,  
 Estes plainos torrados, infructiferos

(*pausa*)

Da Libya nos inveja — Agora, ó Padres,  
 Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?  
 Inda ousais defender a liberdade?  
 Firmes em acabar primeiro que ella  
 Inda ousais preferir a morte honrada  
 Ao jugo, á escravidão? — ou ja cançados,  
 Fatigados do pêso do infortunio,  
 Baixos os corações, curvos á sorte,

(*pausa*)

Dispostos vos sentis a?.. — Bruto falle.

MARCO-BRUTO.

Eu voto a guerra. — E guerra so nos cumpre.  
 Nada nos resta mais, bem sei, que o ferro,  
 Amontoadas legiões Cesar commanda;  
 Mas a espada que temos é romana,  
 Mas as legiões que o seguem são de escravos?

E póde um cidadão tremer ante elles?  
Poucos somos; mas livres, mas ousados,  
No furor da peleja, quantas vezes  
Um so braço bastou a decidi-la?  
E quantas foi um golpe venturoso  
Longas victorias desmentir n'um dia?  
Tem uma vida so, como os mais homens,  
(Se homem podeis chamar-lhe) esse tyranno.  
Cesar... Ah! co'este nome em vossos peitos  
Não ferve a indignação, não pulla o odio?  
Não ouvis esses manes insepultos,  
Cujos honrados, venerandos corpos,  
Pasto deixado nos areaes da Libya  
Foram aos monstros do aspero deserto?  
Não lhe ouvis os clamores de vingança:  
Mais de metade do senado augusto,  
De que vós so restais, la jaz com elles;  
E este mesmo senado inda duvida,  
Pausado agita, frio delibera  
Sóbre a causa da patria... Ah, não, ó Padres,  
Não vale em lances d'estes a prudencia,  
So produz enthusiasmo as acções grandes.  
Ei-los, nossos irmãos, sagradas victimas,  
Ei-los bradando de Pharsalia ainda!

Que as chagas rôxas do rasgado peito  
Nos apontam, nos mostram, nos excitam !  
Vêde-a, do gran'Pompeu a sombra inulta,  
Vêde-a, como nos fita despeitosa,  
Como a troar da maldicção os raios  
Quasi prompta... Ah ! mas vós, vós sois Romanos :  
Em vossos corações ja vejo a patria,  
Ja leio em vossos olhos a victoria.  
Senadores ! romanos senadores  
Vós sois : — ávante, eia ávante, ó Padres !  
Não aguardemos que o inimigo ousado  
Venha em nossas muralhas atacar-nos ;  
Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho,  
Por entre essas indomitas phalanges  
Longa abriremos sanguinosa estrada...  
Se não para a victoria que nos foge,  
À glória aomenos de expirar Romanos.

CATÃO.

Bruto, esse furor não é romano.  
Cumpre esforço, valor, constancia rigida,  
E não temeridade. Co'as extrêmas  
Do vício intesta a raia da virtude :  
Pôz-lhe eterna barreira a natureza ;  
Mas não a vê o que vendado corre

De paixões cegas ; — passa, e não conhece  
Os prescriptos limites ; — confundindo  
Vícios, virtudes, indiff'rente os segue  
O espirito agitado ; e em seu delirio  
Crimes perpetra por acções de glória.  
Discriminá-los, e a face augusta  
Da virtude estremar do vício occulto,  
Obra é so da razão, so ella o insina.  
O nobre enthusiasmo, o patriotismo  
Que, audaz mas firme, ardido mas prudente,  
P'rigos não busca — mas não teme os p'rigos,  
Raios não troa — mas não teme os raios,  
Este valor, ó Marco, ésta ousadia  
Foi a dos Scipiões, era a dos Fabios,  
Ésta é so da razão — e so romana.  
— Esses nossos honrados companheiros  
De tanta cicatriz innobrecidos,  
Que a espada tantas vezes impunharam,  
Tanto sangue verteram por seguir-nos,  
Por defender da patria a sancta causa,  
De suas vidas acaso a mesma patria  
Não nos confiou a nós cuidado e guarda?  
E iremos nós, mais barbaros que Cesar,  
Arrojar-lhe a suas hostes famulentas

Esses poucos fieis — como repasto  
Dado a feras no circo! — Iremos impios  
Dar-lhe a beber á fraticida espada  
O puro sangue civico romano!  
E Roma que dirá? — com que justiça  
Não clamará que, barbaros e insanos,  
So nos guiou phrenetico delirio;  
Que prodigos do sangue de seus filhos,  
Vaidosos, sem piedade o derramámos  
Por fazer nossa quéda mais brilhante?  
Que nossa morte — sacrificio inutil  
De pompa van, de fasto desperdiçado,  
A de mil cidadãos custou á patria?  
Não, Padres, não vos cegue o falso brilho  
D'esse heroismo vão: sejamos homens,  
Que homens fomos primeiro que Romanos,  
— Manlio, os teus sentimentos livremente  
Expõe agora.

MANLIO.

A grandes desventuras  
Nos reservaram despiedosos fados.  
Infeliz quem no choque tumultuario  
De civis dissencões o póz a sorte  
Ao mui difficil leme do govêrno!

N'esse arriscado, perigoso impenho  
O menor dos desastres é a morte,  
Das marulhosas vagas açoutada  
Sossobra a nau do Estado; e é fôrça em breve,  
Se lhe não accalmar contrário vento,  
Nas sorvedouras syrtes affundir-se.  
Embora impregue sabedoras artes  
O piloto infeliz; que hãode imputar-lhe,  
Hãode fazer-lhe das desgraças — crimes.  
Erra de orgulho, cega de vaidade  
Quem presume guiar com mão certa  
O tropel desvairado e tumultuario  
D'uma revolução. Rebenta subito  
Em turbilhões torrente impetuosa,  
Que arrastra e leva planos e projectos,  
E, c'o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.  
Confesso, ó Padres; timida a minha alma  
Não fita sem horror tam negras scenas.  
Pela patria morrer sei que é virtude:  
Mas pede Roma acaso a nossa morte?  
Póde-lhe ella atrazar um so momento  
A inevitavel quéda? o nosso sangue,  
No mar da escravidão gotta invisivel,  
Adelgaçar-lhe os ferros que a agrilhoam?

Derrubando as columnas vacillantes  
Que o edificio ruinoso escoram  
Da patria liberdade, — essas ruinas  
Não desabam mais presto ao precipicio?  
Co'a nossa morte Cesar satisfeito  
Hade a espada embainhar, depor o sceptro?  
Ser-lhe-hão degraus para descer do throno  
Os cadaveres nossos? Não, ó Padres:  
De taes futuros não me illude a esp'rança.  
Pésa a severa mão d'alta justiça  
Sôbre o orgulhoso collo dos Romanos:  
Da nossa liberdade o altar cruento  
Na alheia escravidão foi cimentado;  
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,  
E as temerosas Aguias desferiram  
O voo assustador, do Capitolio,  
Ao sópro da ambição. São esses ferros  
Com que os povos da terra agrilhoámos  
Que hoje revertem para os nossos pulsos.  
Tarde ou cedo reduz justo castigo  
Povo conquistador a povo escravo:  
E sempre... Mas, o horror de nossos crimes  
Basta de recordar: cumpre ameigar-lhe,  
E não exacerbar da patria as dores.

Cesar vence e triumphá ; e ao mundo inteiro  
 Utica resta so. E Utica póde  
 Salvar o mundo ? Não. — Aligeirar-lhe  
 A certa escravidão ? Sim ; póde, e deve.  
 No naufragio geral, uma so fábua  
 Que se possa afferrar, conduz ás vezes  
 (Embora moribundo) á praia o nauta ;  
 E o que fiou dos braços vigorosos,  
 Experto nadador, sua esperança,  
 Mais vezes inda, cança, esvai-se e morre.  
 Toca-vos escolher. Voto que a Cesar  
 Se invie legação, paz se proponha :  
 Vejamos se um tractado póde ainda  
 As reliquias salvar da liberdade ;  
 Ou antes — imbotar á tyrannia,  
 Pouco que seja, o gume assacalado.  
 É morta Roma, sim, morta de todo :  
 Aos filhos orphans, salve-se-lhe aomenos  
 Um retalho siquer da patria herança.

MARCO-BRUTO.

*(Que tem dado signaes de grande impaciencia  
 durante a falla de Manlio :)*

Acabaste ?

MANLIO.

Acabei.

MARCO-BRUTO.

*(Tirando um punhal do seio:)*

Ves este ferro!

Romanos como tu igual resposta

De mim so levam...

CATÃO.

*(Levanta-se, e todo o senado.)*

Temerario! um ferro

Arrancas no senado! Este é o respeito

Que lhe guardas! Assim a majestade

Acatas da republica! — Lictores,

Expulsae o insensato que profana

Tam sagrado lugar.

MANLIO.

Eu lhe perdoo...

CATÃO.

Mas não perdoo Roma. Nas cohortes

Como raso soldado seja inscripto:

Sob o centurião, em dura schola

Milite e apprenda — emquanto, mais de espaço,

O castigo cabal dar a seu crime

Á curia não appraz.

MARCO-BRUTO.

Humilde ob'deço

Às ordens de Catão.

CATÃO.

Às do senado.

## SCENA II.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO,

*senadores etc.*

MANLIO.

Impetus juvenis! — a alma de fogo

O cerebro lhe escalda.

CATÃO.

Manlio, agora

Ja nos não ouve Bruto... — Tu pretendes

A ti proprio illudir-te. Baloicando

Do precipicio ás bordas escarpadas,

Não lhe ves todo o horror. Ja vais de rôjo

Pelo despenhadeiro, e cuidas inda

No meio da cahida segurar-te?

Inganas-te: deludem-te vãos sonhos.

É uma, é uma so a liberdade,

Indivisivel sempre : se um so ponto  
Roubar-lhe intentas, — ella que te foge  
Para mais a não ver. Roma, tu dizes,  
Não quer a nossa morte. Não, porcerto.  
Porèm que idea fórmas tu da vida?  
Vivem acaso em ferros os Romanos?  
Não morre o homem quando vive o escravo?  
E quem te diz que o orgulho do tyranno,  
Que imagina um dom seu deixar viver-te,  
Não hade n'algum'hora de capricho  
Infastiar-se da davida? e a um aceno  
Do ferreo sceptro está contigo a morte.  
E vida tal, appreciá-la podes?  
Tam precaria, miserrima existencia  
Vale o momento de morrer com honra?  
Votas que a Cesar legação se invie :  
Quero que a acceite, quero que inda possas,  
Co'esse phantasma vão de um vão tractado,  
Salvar isso que chamas as reliquias  
Da nossa liberdade. Que cegueira!  
Libras sôbre a palavra d'um tyranno  
De liberdade esp'ranças? Tu confias  
Thesouros de valor nas mãos do avaro!  
Que fe póde guardar quem fés quebranta?

Que tractados manter quem leis despreza!  
 Roma não tinha leis quando Tarquinio  
 De cidadãos romanos fez escravos?  
 Phantasmas esses são de liberdade  
 Que, nem phantasmas, mais do que horas duram:  
 Todo o veo da illusão se rasga em breve;  
 Cai-lhe o postigo manto mal seguro,  
 E em todo o horror da morte se descobre  
 Da escravidão o livido squeleto.  
 Não, de remedios taes eu não confio:  
 Ou liberdade, ou morte. — Este é o meu voto.

SEMPRONIO.

Ou liberdade ou morte! — é voto unanime  
 Do senado. Romanos somos todos:  
 E que Romano a discrepar se atreve  
 De tua sentença, de teu nobre voto,  
 Ó Catão? Tu es a alma da republica,  
 O genio que preside a seu destino.  
 Tu, salvador magnanimo da patria,  
 Confusão de perversos, dê traidores,  
 Flagello de tyrannos, tu decide,  
 Dispõe de nós: em tuas mãos se intregam  
 Estes poucos fieis, que irão contentes  
 Por ti, contigo, té o extremo, á morte.

Tu fazes, tu governas : em tua dextra  
 Poderosa o senado põe a esp'rança  
 E a auctoridade toda da republica.  
 Senadores, não é este o consenso,  
 O desejo, o voto último e concorde  
 De quantos somos pela patria ainda ?

CATÃO. Oposição me dá o seguro.

E em todo o horror da morte se

MANLIO. Da escrividão e liv'leto.

Nem o meu.

SEMPRONIO. Ou liberdade, ou meu voto.

É o de nós todos.

MUITOS SENADORES. Ou liberdade.

Todos !

CATÃO. E que Romano a d'isso se atreve

Padres, ouvi-me. Estes momentos,

Que temos de conselho, valem seculos,

Não são de desperdiçar. De dictadores

Temos sobejo poragera em Cesar.

Prouvesse aos deuses immortaes que a força

Dos que se oppoem á auctoridade illicita,

Usurpada de Julio, tal crescesse :

E tanta, que mister nos fosse ainda

D'essa magistratura formidavel

Que a miúdo salvou, que salvar pôde,  
E pôde destruir a liberdade,  
Que a aniquilou enfim ! Em nosso triste,  
Desamparado, desesp'rado estado,  
Crear um dictador fôra... de mofa,  
De escarneo — e proprio objecto para o riso  
De nossos inimigos, — do universo,  
Que os olhos tem cravados n'estes muros,  
N'estes rotos pardeiros que muralhas  
Foram d'Utica. — Falla, honrado Manlio :  
Tua sentença não é a minha ; oppostos  
São nossos votos ; serão sempre unidos  
Nossos principios. — Tu não julgas inda  
Necessario escolher entre os dous termos,  
De morte ou liberdade. Embora ! oiçamos :  
Expõe teu voto ; um parecer contrário  
Não offende a Catão ; e é honra, é glória  
Ser contestado pela voz de Manlio.

MANLIO.

A minha voz, Catão, tu bem o sabes ;  
A minha voz, o meu sincero impenho,  
Todo o meu coração é pela patria,  
É pela liberdade. Ah ! este braço,  
Que ora treme de velho, já foi rijo

E pelejou por ella. — Mario, Sylla,  
 Catilina me viram sempre á frente  
 De seus mais resolutos inimigos.  
 Ésta lingua, que mal hoje articula  
 Ineloquentes sons, ja deu mais forte  
 Brado na curia ; nem se ouviu meu brado  
 N'outra causa senão da liberdade.  
 É trémula hoje a voz, trémulo o braço,  
 Mas em Pharsalia não tremiam... — Padres,  
 Desculpae, perdoae — um derradeiro  
 Lampear de decrepita vaidade...  
 Que fiz eu? o que todos vós fizestes ;  
 Menos, que menos arrisques porcerto.  
 Poucos dias de vida inférma e inutil,  
 Que me sobram na terra, é sacrificio  
 De preço vil e abjecto. Orpham de prole,  
 So, deixado n'um êrmo aopé da campa,  
 Que hostia sou eu para o altar da patria?  
 Serve assim mesmo o sacrificio? Prompto  
 Aqui está todo o sangue : pouco, frio,  
 Sem vida é ja, mas de vontade e facil  
 Hade deixar as congeladas veias.  
 Cuidais que por mim fallo, que me importa,  
 Que me pèza das horas minguadas



Que hade cercear-me o ferro do tyranno?  
Não, Padres: é por vós, é pela patria  
Que fallo, peço, que supplico, imploro:  
Não pereçais em sacrificio inutil.  
Vossos dias — e os teus, glória de Roma,  
Esplendor derradeiro de seu nome,  
Catão, esses teus dias preciosos,  
Oh, não os barateies tam sem fructo!  
Cesar teme, respeita essas virtudes  
Que adornam o mais digno dos Romanos.  
Tu podes inda ser o amparo, o abrigo  
Da abandonada patria. A liberdade  
Acabou: mas seus filhos desherdados,  
Foragidos, caçados como feras  
De serra a serra, e do povoado ao monte,  
Hasde desempará-los, quando podes  
Alliviar-lhe as penas, protegê-los,  
Ser-lhes pae?... — Oh! não posso mais... succumbe  
O coração tam velho á mágoa, ao...

(*senta-se.*)

CATÃO.

Nobre

Coração é o teu — e generoso,  
Que as nobres qualidades d'elle imprestas

A quem não sabe, nunca soube a tèmpera  
De que taes corações são fabricados.  
Cesar não tem mais sentimentos n'alma  
Que um so, — desejo de podêr. De affectos,  
De paixões de homem, uma so lhe absorve  
As outras todas — ambição. Virtudes,  
Crimes, feitos de infamia ou de honra, o cego  
Não distingue; nem crê e impio em deveres,  
Em virtudes, em leis de homens ou deuses.  
Finge (e fingir sabe elle) esse respeito,  
Esse amor de acções nobres e de glória.  
Aonde viste que ao podêr supremo  
Subisse usurpador sem o cortejo  
Da hypocrisia? — Ama-me, diz elle;  
Respeita-me, crês tu! — Quizesse o fado  
Dar-me vivo em suas mãos... (vivo não hade)  
E verias ao carro maniatado,  
Jungido como um barbaro captivo  
Esse Catão cuja amizade o perfido  
Tanto finge buscar. — Virá o dia  
De seu triumpho: ve-lo-ha Roma; e o pejo  
Fara suar no marmore as estatuas  
Do Capitolio. Fabio, Cincinnato,  
E tu, ó gran'Censor! — mais que essas brutas

Pedras em que os Romanos se tornaram,  
 Vossas imagens sentirão a affronta  
 Quando a minha — levada em pompa infame  
 Deante do vencedor...

(*silencio geral.*)

Padres, viemos  
 A este conselho por mais alto impenho,  
 Para maior objecto. Desviaram  
 Prevenções generosas de amizade,  
 De mui cega amizade — para um tenue,  
 Inconsid'ravel, minimo interêsse.  
 Senadores, da patria é que se tracta,  
 Da liberdade, e do que nos incumbe  
 Fazer por ambas n'este caso extrêmo.  
 Fallae : — Manlio e... Sempronio...

SEMPRONIO.

Guerra, guerra,  
 E liberdade enquanto ha sangue a dar-lhe!  
 E Catão dictador : meu veto é este,  
 Foi e hade ser. Inutil imbaraçõ  
 É um senado aqui, deliberando  
 Entre armas e combates...

MANLIO.

E quem trouxe

Para aqui o senado? Quem, Sempronio,  
 Quem declamava mais entre as cohortes  
 Contra esse a quem agora generoso  
 A dictadura off'reces? quem bradava  
 Que estes poucos, dispersos senadores  
 Se deviam juntar, e pôr limites  
 À auctoridade de Catão, que a ólho,  
 Dizia tu, crescia desmandada  
 E ameaçava a republica? Tu foste;  
 Tu, Sempronio, e teus garrulos clientes.  
 Convocou-nos esse homem suspeito,  
 Esse Catão que...

CATÃO.

Eu te rógo, amigo;  
 Manlio, basta.

MANLIO.

Não temas : serei breve ;  
 Conter-me-hei. — Viemos, consultámos,  
 Deliberámos ; e o podêr supremo  
 Quinhoámos entre nós , commum a todos  
 Nos foi a glória da tenaz contenda,  
 D'esta longa, porfiada resistencia  
 Que eterno hade fazer o nome de Utica.  
 Spontaneos, voluntarios, a nós proprios

Nos constituimos em senado e curia ;  
E á nossa auctoridade submettémos  
Milhares de homens ! — Voluntarios, digo,  
Viemos ao perigo — e, emquanto longe,  
Governámos senhores, respeitados,  
Como no Capitolio obedecidos.  
E havemos agora — oh vil, indigna  
Proposição, de proferir covarde,  
Affrontosa de ouvir ! — e agora havemos  
Nós mesmos, nós, quando mais perto arrocha  
O laço do perigo — o pêso grave  
Que espontaneos tomámos, arrojá-lo  
Ao chão, sem pejo ! — ou — que tanto vale,  
Descahir co'elle todo sóbre os hombros  
Do Atlante a quem vaidosos não quizemos  
Confia-lo atéqui ? Tal fôra a mancha  
Da acção vil, que nem todo o nosso sangue  
A deliria no provir da historia.  
Não, senadores ; não cubrais de infamia  
Os ultimos instantes do senado.  
Minha opinião sabeis : persisto n'ella :  
Se for possivel transigir com Cesar,  
Pactuar sem desaire, e poupar sangue ;  
Faça-se. Mas fugir covardemente,

Desertar, como transfugas, do pósto  
 Que escolhemos!.. Pereça a idea ignobil,  
 E pereçamos todos: reine Cesar,  
 Reine, — mas seja so por crimes d'elle.

### SCENA III.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO,

*senadores etc.*

PORCIO.

Às portas da cidade se appresenta  
 Um legado de Cesar: pede audiencia.

SEMPRONIO.

De Cesar!

MANLIO.

Ó Catão, talvez nos traga  
 Honrosas condições de paz: attende-o.

CATÃO.

Ou traga paz ou guerra, entre e se escute.

## SCENA IV.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO,

*senadores.*

SEMPRONIO.

Queres ouvi-lo?

CATÃO.

E porque não?

SEMPRONIO.

Discorda

Condescendencia tal de teus principios.

CATÃO.

Principios meus! — Os da razão so tenho.

É dever escutar os homens todos.

SEMPRONIO.

Um tyranno tambem!

CATÃO.

O fanatismo

Está mais longe ainda da virtude

Do que todos os vicios. E se unida

A hypocrisia lhe anda...

SEMPRONIO.

Não mereço  
Que tam feia suspeita...

CATÃO.

Não mereces,  
Tens razão, — não mereces nem suspeitas.

## SCENA V.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, DECIO

*com cortêjo, senadores etc.*

MANLIO.

É Decio o embaixador.

CATÃO.

Quem? — Oh vergonha!  
Decio, um homem equestre!.. Vista indigna!

DECIO.

A Catão saudar Cesar envia.

CATÃO.

Catão não vejo aqui, vejo o senado.

Eu Cesar não conheço.

DECIO.

O invicto, o grande

Triumphador do mundo a ti me envia.  
Suas hostes em frente d'estes muros  
O signal so aguardam da peleja...  
Antes o da victoria. Mas tal preço  
Tem Catão a seus olhos, tanto adora  
O dictador magnanimo as virtudes  
De seu grande inimigo, que estremece  
Pela primeira vez, — e mal se atreve  
A seguir a fortuna que o precede.  
Deante do teu, seu genio acovardado  
Vacilla : — teme o vencedor da terra  
De ficar vencedor ! Tal é o zêlo,  
O impenho com que, á custa de seus louros,  
Quer salvar os teus dias preciosos.  
No rendido universo tu somente  
Lhe resistes : e a grande alma de Julio  
Com tal competidor se insuberebe.  
Virtuosa vaidade, ambição nobre !  
Triumphar de Catão Cesar deseja,  
Mas não co'a espada. Generoso outorga  
Aos companheiros teus, por teu respeito,  
Amnestia geral : dadiva tanta  
Por condições so tem — ' Catão amigo.'

Disseste ?

CATÃO.

DECIO.

Disse.

CATÃO.

Julio nada envia

A dizer ao senado ?

DECIO.

Nada.

CATÃO.

Parte.

DECIO.

Catão, ouve um momento. Os teus amigos

Queres sacrificar ? Queres tu mesmo

Desafiar do vencedor as iras ?

Quando elle generoso vem propor-te

O sancto bem da paz, nem ouvir queres

As condições ?

CATÃO.

As condições são estas :

Desarme as legiões, deponha a purpura,

Abdique a dictadura ; a classe torne

De simples cidadão, e humilde aguarde

A sentença de Roma. — Então eu proprio,

Quanto inimigo fui, cordeal amigo,  
 Seu defensor serei. Jamais no fóro,  
 No senado se ergueu meu brado austero  
 Para defender crimes: — e a tal crime  
 Como o d'elle, Catão será patrono.  
 Se-lo-ha: por elle subirei aos Rostros,  
 E heide pedir, rogar, supplice, humilde,  
 Impenhar quanto sou e valho em Roma,  
 E alcançar-lhe o perdão, volvê-lo á patria.

DECIO.

Mas ve que...

CATÃO.

Nada vejo.

DECIO.

Acaso ignoras

Quem Cesar nomeou á dictadura?  
 Que o senado de Roma?..

CATÃO.

Esse senado

É vil rebanho dos mais vis escravos:  
 Nem ás margens do Tibre existe Roma.  
 Eu e os que ves, nós somos o senado:  
 E em nossos corações é que está Roma.  
 Dizei, ó Padres: ao tyranno Cesar

Guerra votais ou paz?

Sen defensor seroi. TODOS.

No sentido se er. Guerra.

Para defender crime. CATÃO.

Como o Ouviste?

Se-lo-ha: por elle. DECIO.

E vós, que vos dizeis os paes de Roma

Os dias de Catão, em nada os tendes!

Tam preciosa vida...

CATÃO.

A minha vida

É a vida de Roma; e os meus dias

Vincularam os ceos aos dias d'ella.

DECIO.

E tu, Manlio, tambem! — Tu moderado,

Prudente, e cedes ao impulso louco

D'esta cegueira!

MANLIO.

Cega é a honra, Decio?

Que condições de paz trouxeste? Ignobil,

Indulto vil do vencedor soberbo.

Quaes crimes nos perdoa? O amor da patria,

A lealdade a Roma? — Que fianças

Da vida de Catão nos dá? — Fui sempre

Eu aqui o advogado da paz ; — unico  
 Na curia fui, e persisti : mas hoje,  
 Agora, a minha voz foi a primeira  
 Que bradou guerra — e bradará constante  
 Enquanto houver de optar entre as desgraças  
 Da guerra — e a infamia de tal paz.

DECIO.

Embora!

Minha mensagem dei. Cesar perdoa,  
 Mas não a ingratos. Chorá-lo-heis ja tarde.

SEMPRONIO.

E com que audacia tu, com que soberba  
 Contas assim tam certo co'a victoria?  
 Fallas com tal despejo, tam seguro  
 Como se a todos nós ja sôbre o campo  
 Víras extinctos, ou nos ferros torpes  
 De teu feroz senhor maniatados.  
 Ja supplices nos crês aos pés de Cesar?  
 Ja por escravos teus nos imaginas?  
 De nossas fôrças quem te disse o estado?  
 Temos armas, e braços de sobejo  
 Que essas temidas legiões rechassem.

CATÃO.

Um Romano, Sempronio, nunca mente.

Decio, não temos nada : deveis, poucos,  
 Moribundos soldados nos defendem.  
 Frageis muralhas entre nós e a morte  
 Intermeiam apenas. Pouco resta  
 Para a espada de Cesar. Mas não julgues,  
 Ainda assim, tam facil a victoria.  
 Emquanto a dextra segurar um ferro,  
 Emquanto a voz não fenecer nos labios,  
 Emquanto aqui não resfriar de todo  
 No sangue de Catão, de Roma o sangue...  
 — Terra e ceos a abandonem ! — desvalida  
 Não ficará de Roma a liberdade.

*Decio retira-se acompanhado de seu cortejo,  
 e de soldados romanos e numidas. — Depois de  
 breve espaço, Catão, precedido dos lictores, sai  
 por outro lado : seguem-n'o os senadores todos.*

Os thesouros do mundo: Não a accellio.  
 Marco, dá-me a tua mão: Não a accellio.  
 Não aspera, salva-me a vida.

A crearam os ceos; ao peito humano!  
 Foi dadiwa e mercê, não castigo.  
 Tua philantropia chama-se vida.  
 Não corrompe a alma: não a accellio.  
 O coração me dá a vida.  
 De ingenuos sentimentos.

**ACTO TERCEIRO.**

A mesma vista do acto precedente

Artificiaes virtudes: não a accellio.

**SCENA I.**

**MARCO-BRUTO, DECIO.**

**MARCO-BRUTO.**

Não aporfies mais: eu não recebo  
 Mensagens do tyranno.

**DECIO.**

Se souberas

O que incerra ésta carta !..

**MARCO-BRUTO.**

Incerre embora

Os thesouros do mundo. Não a acceito.

Moribundos soldados. DECIO.

Marco, dá-me attenção — ao teu amigo...

Intermeiam apenas. MARCO-BRUTO.

Amigo tu!

Ainda assim, lam. DECIO.

Enquanto a de. Outr'ora m'o chamavas.

Enquanto a voz. MARCO-BRUTO.

E quanto me inganei!

No sangue de Catão. DECIO.

— Terra e céu. E eu que esperanças  
Não concebi de tuas virtudes!

MARCO-BRUTO.

Fallas  
Tu... fallas em virtudes!.. tu!

DECIO.

E pensa  
De Catão o discipulo orgulhoso

Que a avara natureza os seus thesouros

So os gastou com elle, — e desherdados,

Para o inriquecer, deixa aos mais homens?

MARCO-BRUTO.

Homens!.. Homens sois vós?

DECIO.

Mui falsa idea  
 Fizeste da virtude : amena e doce,  
 Não aspera, selvagem, desabrida,  
 A crearam os ceos ; ao peito humano  
 Foi dadiva e mercê, não foi castigo.  
 Tua philosophia arida, abstrusa,  
 Não corrompe talvez — porém dessecca  
 O coração, e ao natural impulso  
 De ingenuos sentimentos substitue —  
 Compressão de phantasticos preceitos.  
 Artificiaes virtudes são as vossas,  
 Não as que o sôpro dos eternos deuses  
 Influiu n'alma do homem. Marco, Marco, —  
 A virtude é mais bella, mais formosa  
 Do que teus vãos philosophos a pintam.  
 Não é esse squeleto descarnado  
 Após o qual subis estereis montes  
 Por caminho de fragas, precipicios...  
 Chegais ao cimo — que encontras ? — deserta,  
 Desabrigada solidão de rochas,  
 Sem uma flor, um verdejar de relva,  
 Nem um pallido musgo que dê vida  
 À cumiada esteril ! — E essa é a meta

A que tendeis ! é esse o Bem supremo  
 A que aspiram desejos, esperanças,  
 Trabalhos do homem !

MARCO-BRUTO.

Decio, desperdiçaste  
 Em ruins ouvidos a arte parasita,  
 Essa arte insidiosa, enganadora,  
 Filha da escravidão e da baixaza,  
 Que servos alcunharam de eloquencia.  
 Eloquencia ! — Não é : — os rebicados,  
 Meretricios infeites com que se orna  
 Seduzem, não convencem : cegam alma,  
 Ao coração não chegam seus podêres.  
 — Quando nossos avós, austeros guardas  
 Da patria liberdade, se opposeram  
 A que artes gregas na severa Roma  
 Ousassem metter pé — esses Romanos  
 Bem lh'entreviam a peçonha occulta  
 Na apparente belleza. Adornos falsos  
 A formosura natural impannam  
 Da verdade, — da candida verdade,  
 Que é per si bella e não carece de arte.  
 Verdade era a eloquencia dos antigos  
 Oradores latinos. Nunca ouviram

Outra o senado, os turbidos comícios ;  
 Jamais enquanto Roma foi... romana.  
 A Grecia, d'onde houvemos n'outro tempo  
 Leis de ouro — a Grecia escrava e corrompida  
 Ja não tem Aristogitons, Harmodios  
 Para Hipparcos romanos, nem Demosthenes.  
 Para nossos Philippes : avexada  
 De proconsules crus (mercê latina,  
 Dom de ferro, por tanto aureo presente  
 De sciencias, de leis, que houvemos d'ella !)  
 Vinga-se como escrava, — propinando  
 A seus senhores o veneno lento  
 Que impeçonhou o sangue de Leonidas,  
 E a cuja virulencia nem resiste  
 O de Fabricio e Cincinnato. Inxames  
 De garrulos sophistas, de grammaticos  
 Vieram corromper a incauta prole  
 De Roma : seus theatros e palestras,  
 Seus livros, seus poetas e oradores  
 Affeminaram o viril aspecto  
 Da virtude latina... — Aos homens todós,  
 Deu-lhes um livro so a natureza,  
 O proprio coração.

E n'esse livro

Achas ferocidade uma virtude?

MARCO-BRUTO.

N'uma palavra so — questões deixemos :

Essa carta é de Cesar? Não a acceito.

DECIO.

Ve o que fazes : libram n'êsta carta

Os futuros destinos dos Romanos.

MARCO-BRUTO.

Como!

DECIO.

Ouve : de Catão (bem o conheço)

Temes a rigidez? Pois bem : a elle

Vai tu mesmo levá-la : elle que a leia

(*entrega-lhe a carta*)

## SCENA II.

MARCO-BRUTO.

A Catão... ésta carta... — E eu recebi-a!

Não me illudes, escravo : ei-la, que a rasgo.

Que faço!.. ella de Roma incerra os fados.

Que importa! incerre os fados do universo:

É do tyranno, rasgo-a...

## SCENA III.

MARCO-BRUTO, CATÃO.

CATÃO.

Bruto?

MARCO-BRUTO.

Oh deuses!

CATÃO.

Que fazias aqui?

MARCO-BRUTO.

Eu! — ésta carta.

Não a quiz — resisti — foi quasi á fôrça  
Começada a rasgar.

CATÃO.

A estes sitios

Como ousaste voltar — com que licença?

MARCO-BRUTO.

Ordens do centurião.

CATÃO.

Que carta é essa!

MARCO-BRUTO.

Decio...

CATÃO.

Decio!

MARCO-BRUTO.

De Cesar...

CATÃO.

Que oiço!

MARCO-BRUTO.

Ah...

CATÃO.

Dá-m'a.

(le)

*Cesar a Bruto. — O coração não soffre**Occultar-te mais tempo o arcano (oh deuses!)**Dos vinculos... que me unem (ceos!) a Bruto.**Tu... es... meu filho — Saberas o resto**Nos braços paternaes... Vem, vem, meu filho,**Ajudar-me a reinár sôbre o universo.*

(silencio longo.)

MARCO-BRUTO.

Perfido, mente. Eu filho do tyranno!

Este sangue?..

CATÃO.

É de Cesar.

(silencio longo.)

MARCO-BRUTO.

Eu succumbo

Ao oppróbrio, á infamia. — Sangue este é de Cesar ?

*(tira a espada)*

Impossivel ! Não é. — Todo aqui jorre

Na terra ; e o coração desaffrontado

*(em acção de ferir-se)*

Do sangue vil — romano expire ao menos.

CATÃO.

*(desarmando-o)*

Filho!.. Tu es meu filho.

*(abraçam-se.)*

MARCO-BRUTO.

Pae!.. Não ; outro,

Deuses, deuses crueis ! não podeis dar-m'ô.

CATÃO.

Sim, sim ; eu sou teu pae : de tenra infancia

Como a filho (e que filho !) te amei sempre.

Eu te formei essa alma de Romano,

Que lagrymas... oh, lagrymas de gôsto

Me faz verter agora. De teus dias

Occultei o segredo emquanto pude.

MARCO-BRUTO.

Quê ! filho eu sou?..

CATÃO.

De Cesar.

*(silêncio.)*

MARCO-BRUTO.

Dá-me o ferro:  
 D'este sangue uma gotta, uma so gotta,  
 Não, não deve ficar sôbre o universo.

CATÃO.

Basta; meu filho es, filho de Roma:

Teus paes são estes.

MARCO-BRUTO.

Cesar... *(suspirando.)*

CATÃO.

É um monstro.

MARCO-BRUTO.

Mas...

CATÃO.

O acaso não é crime. Escuta.

Ninguém ao despontar da juventude  
 Annunciou talentos mais brilhantes  
 Do que Julio mancebo. Na sua alma  
 De romana grandeza, de virtudes  
 Desinvolvia o germe esperançoso  
 Que tam mal prosperou, que tanto soubes

Illudir-nos, cegar-nos. O perverso  
 So se valeu dos lucidos talentos  
 Que em dom fatal lhe dera a natureza,  
 Para os fazer servir a seus projectos  
 D'avareza, ambição, de tyrannia.  
 Emquanto a van grandeza de sua alma  
 Nos fascinava os olhos, entretanto  
 Que de suas virtudes mentirosas  
 Nos deslumbrava a candidez fingida,  
 Manhosa serpe no dobrado peito  
 A peçonha nutria de seus vicios ;  
 No refalsado coração lhe ardia  
 A negra tocha de execraveis crimes.  
 Do popular favor ja precedido,  
 Caro a patricios, a plebeus acceito,  
 O idolo de Roma era então Cesar.  
 Todos n'elle agouravam firme esteio  
 Da patria, que d'então ja começava  
 A baixar de valor, cahir de glória.  
 Confesso, eu proprio me ceguei com elle :  
 Amei-o — amei-o tanto como a filho.  
 Qual o meu coração, minha pousada  
 Franca sempre lhe foi — E o monstro... o monstro  
 Fingia amar-me ; parecia, ao vê-lo

Nomear-me seu pae tam docemente,  
 Que me adorava o perfido. — Servilia.  
 Oh lembrança... lembrança de tormento!  
 Servilia, minha irman, por essas eras  
 Dava mate ás bellezas mais falladas  
 Da capital do mundo. Pura e simples,  
 Sua alma era mais candida do que ella.  
 O coração, que o rosto debuxava,  
 Era a mesma innocencia. Viu-a o perfido;  
 Viu-a, attractivos tantos o prenderam:  
 Sem dó de mim, sem mágoa da innocente,  
 Intentou seduzi-la... deshonrá-la...  
 Marco... ai de mim!.. A timida donzella  
 Inexperta cahiu no laço indigno...  
 D'esse horroroso amor tu foste o fructo;  
 E a victima infeliz nas âncias cruas  
 D'algoz remorso pereceu em breve.

MARCO-BRUTO.

E elle ?

CATÃO.

Abandonou-a.

MARCO-BRUTO.

E tu ?

CATÃO.

Eu pude  
Vencer commigo a não morrer de pejo.

MARCO-BRUTO.

E esse monstro é meu pae?

CATÃO.

Gerou-te.

MARCO-BRUTO.

Oh deuses!

CATÃO.

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia.  
Fui eu que te eduquei; tu es meu filho.  
Com os foros de pae vêem mais encargos:  
E quem os não cumpriu, pae não é esse.

MARCO-BRUTO.

Mas... filho d'elle...

CATÃO.

Filho es so de Roma.

MARCO-BRUTO.

Devo...

CATÃO.

Ser cidadão.

MARCO-BRUTO.

E elle...

Nomear-me seu pae CATÃO.

Um tyranno

É algoz, não é pae.

Servilia, minha mãe MARCO-BRUTO.

Dava mate ás (em acção de partir)

Da capital do mundo Oh Roma ! oh Roma !

Sua alma era... CATÃO.

Aonde vais ?

MARCO-BRUTO.

Vin-a, attrahida Aonde vou !... Aonde ?

Vou desafiar de Cesar os furores,

Vou lançar-me por entre essas phalanges

Procurá-lo, buscar-lhe a ponta á espada,

Guiar-lh'a ao coração : o sangue impuro,

Que d'elle recebi, elle que o verta ;

E, se o crime o fez pae, o crime apague

O titulo odioso e o nome horrivel.

CATÃO.

E Roma ?

MARCO-BRUTO.

Ah ! Roma....

CATÃO.

Manda-te que vivas :

Ordena-t'o Catão em nome d'ella.

Adeus. — Apperta o tempo. Nas muralhas  
 Vou confortar os raros defensores  
 Da agonizante liberdade. — Marco!  
 Marco-Bruto, meu filho, olha o que deves  
 A Roma, a ti, a mim!

## SCENA IV.

MARCO-BRUTO *so.*

Ordena-o Roma;  
 Viverei, sim: — manda-o Catão; eu vivo.  
 Mas este sangue... oh sangue abominavel!  
 Em sacrificio á morte está votado.

Um de nós, Cesar!... — Gemes, natureza?

Quando a patria folgar — oh, geme embora.

## SCENA V.

MARCO-BRUTO, SEMPRONIO.

Viste Decio?

MARCO-BRUTO.

Ochala que nunca o víra!

Porquê?

Não sei.

## SCENA VI.

SEMPRONIO *so.*

Que enigma, que mysterio  
 Occulto incerra este dizer de Bruto?  
 Fallou com Decio... — e 'ochala (diz elle)  
 Que nunca o víra!' — Decio prometteu-me  
 De não partir sem ajustarmos antes  
 Nossas condições todas... — E tam louco  
 Seria elle que de Marco-Bruto  
 Fiasse... do mais cego entusiasta  
 De Catão — o discipulo dilecto...  
 Nossos communs projectos de vingança?  
 Não pôde ser: astuto, arteiro é Decio.  
 E quem sabe? — O mancebo é caro a Cesar,  
 Que o ama como a filho; — e rumor corre  
 De haver entre elles vínculo secreto  
 Tacita intelligencia... Trahir-me-hia  
 Decio por amor d'elle? — Se tal fóra!..

Oh, se de tantas lidas e perigos,  
Sustos, remorsos, (ai! também remorsos)  
Que ésta conspiração me tem custado,  
So me resta colher o fructo amargo  
Que a miúdo vêem traidores — o desprezo,  
O castigo, e — inda mais acerbo! o escarneo  
Do proprio ingrato que lucrrou no crime!  
Embora: mas sacie-se ésta sede  
De vingança, o intranhavel odio d'alma.  
Depois — oh, depois venha oppróbrio e morte.  
Decio não chega! E o sol cai no horisonte  
Precipitado ja. Decerto é ido

*(olhando para um lado da scena)*

De Utica. — Oh, ei-lo sai agora as portas.  
Se me trahiú!.. E que trahisse: o golpe  
Hade dar-se; jurei-o pela Styge.  
Orgulhoso inimigo, hade prostrar-te  
A meus pés! Ver-te-hei, com estes olhos,  
Varrendo a Sacra-via — não co'a foga  
Negra, que tua stoica vaidade  
Ostentava no fóro, no pretorio;  
Não! mas com a vil tunica d'escravo,  
No triumpho de Cesar. — Pouco resta  
De minha ardua tarefa. Juba, o cego,

O presumçoso Numida, está certo.  
 Ésta noite, ésta noite! — Mas, tranquillos  
 Serenemos o rosto, e componhamos  
 A máscara: não veio o tempo ainda  
 De a rasgar. — Approxima-se a hora, dada  
 De prazo a Juba para aqui nos vermos.  
 Não tardará. — Ahi vem: — e vem correndo  
 Agitado... sem côr... — Oh, se!..

## SCENA VII.

SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Sempronio,  
 Sempronio, é impossível — impossível!  
 Não esperes de mim... Sabe-se tudo.

SEMPRONIO.

Sabe-se tudo! — Barbaro, trahiste-me?..

JUBA.

Barbaro!.. Eu sei, Romano, que sou barbaro:  
 Porque... não vim ao dia aopé do Tibre.  
 E tu — nasceste na Cidade-eterna.  
 Porém ésta alma, não a tróco... — Juba

Nunca trahiu ninguem, Romano.

SEMPRONIO.

Ah principe,

Trahir! Traição é crime que se roce

Por corações como esse! E tu fizeste

Tal injustiça ao teu amigo! — Barbaro!

Imaginaste que te chamei barbaro!

O barbaro sou eu: e n'ância d'alma

Barbaro me chamei, traidor, infame,

Que assim te expuz a perfidas suspeitas:

Que por meu zêlo — indiscreto, cego,

Demaziado talvez — puz em perigo

A tua glória, a não-manchada fama

Do mais illustre principe da terra.

Oh, que este louco amor da liberdade,

Esta cegueira por Catão me perdem!

PERDÃO.

Perdoa-me, Sempronio: essa virtude

Não se finge: venceste, convenceste-me.

Eu duvidava — não de ti, amigo,

Mas de teus socios. Porcio — tu bem sabes

Que alma é a de Porcio! — não confias n'elles,

E em seu zêlo não cre de liberdade.

— Mas ouve: eu não confiei a Porcio nada.

SEMPRONIO.  
Pois revelastê a Porcio?..

JUBA.

Ja te disse  
Que não sei atraiçoar, Romano. Extrêmo  
Es em suspeitas! —

SEMPRONIO.  
É mais do que extrêmo,  
Excessivo é meu tímido receio

N'esta causa, meu principe. Covarde  
O coração me bate a um rumor leve...  
Se no inquieto leito em breve somno

Repoiso acaso — descompostas larvas  
Me pintam na convulsa phantasia  
Catão no profanado Capitolio

Rojando ferros... e os crueis motejos  
Da soldadesca... e o mais cruel sorriso  
De Cesar triumphando na sua victima.

Ah!..

JUBA.  
Não prosigas, que me rasgas alma.

Prompto estou para tudo. Avante! Salve-se

Catão. Pereça tudo, e salve-se elle.

— Mas ouve: eu não confiei a Porcio nada

De teus projectos. Porém elle sabe  
 De sedições em que entram, são cabeças  
 Muitos de teus mais intimos amigos.  
 Fallou-me em Decio, e occultas conferencias...

SEMPRONIO.

Decio!

JUBA.

Que entre elle e um senador houvera?  
 Mas não disse quem foi.

SEMPRONIO.

*(fica algum tempo pensativo)*

Ahi ves bem certo

Quanto te hei ditto: Insidiosa trama  
 Em Utica se fórma!—Esses malvados,  
 Do dia ao fenecer, querem as portas  
 Abrir ao dictador. Da vil perfidia  
 Os covardes auctores—bem aocerto  
 Não os conheço. Que imprudente fóra,  
 Em circumstâncias taes, fazer patentes  
 Ao senado, a Catão minhas suspeitas:  
 Principe, bem o vês. Desconfianças,  
 Incerteza cruel acabariam  
 De desunir de todo os pobres restos  
 Da agonizante Roma. Tu conheces

De Catão a franqueza descuidada :  
 Nada teme e de nada se acautella.  
 Sua politica é aberta, simples  
 E tal como a sua alma ; os seus projectos  
 Patentes sempre são. Ignora, odeia  
 Essa que chamam arte de govêrno.

Mas ah, quam mal os deuses collocaram  
 N'este universo d'hoje homem tammanho !  
 Os seculos de crime, em que vivêmos,  
 Nem d'elle dignos são, nem elle é d'elles,  
 Cercada de artificios, de maldades,  
 É fôrça que a virtude lhe succumba  
 Se artificios tambem (que os ha com honra)  
 Não souber cautelosa oppor-lhe a tempo.

JUBA.

Amigo, tens razão : por tua bôcca  
 Falla a prudencia. Dize-me, aconselha-me  
 O que é mîster fazer ; de que maneira  
 Cumpre atalhar a desleal perfidia.  
 Minha espada, meu braço, os meus soldados,  
 Tudo está prompto : falla.

SEMPRONIO.

Antes de tudo,  
 Inviolavel segredo é necessario.

Nem Porcio, nem Catão, ninguém o saiba ;

Ou baldâmos trabalho.

JUBA.

Mas...

SEMPRONIO.

Depende-

Todo o exito d'aqui. Dá-me a tua dextra ;

Ninguém...

JUBA.

Morre commigo o meu segredo.

SEMPRONIO.

Pois bem. As portas velam do occidente

Soldados teus. Romano algum com elles

Não vigia ésta noute. Mal comece

A ingrossar-se o crepusculo da tarde ;

Calladamente com tuas tropas marcha

A imbuscar-te detraz d'aquelles combrós

Que á esquerda vês, não longe da cidade.

D'alli, quando seguras avançarem

As legiões de César, repentino

A retaguarda subito lhe cortas ;

Emtanto nós á frente os commettêmos :

E a que julgam victoria indisputavel,

Ser-lhe-ha talvez miserrima ruina.



O tyranno de Roma heide immolar-te.  
 Oh meu pae, oh, dirige o golpe ardido,  
 Leva-lh'o ao coração da tua victima.  
 Cesar! Cesar! ás furias implacaveis  
 Da pallida vingança aqui te voto;  
 E sôbre essa cabeça criminosa  
 Seu flagello conjuro. Atros podêres  
 Do Averno, ouvi a imprecação tremenda:  
 ' Por vingativas mãos pereça o monstro.  
 Se ás minhas o negais, seja o mais caro  
 Amigo seu, — seja seu proprio sangue  
 Que aquelle sangue em vosso altar derrame.  
 Oh, se um filho elle tem... Justiça eterna  
 Dos deuses immortaes, ao parricida  
 Da patria — puna emfim o parricidio!

SEMPRONIO.

(à parte)

(alto)

Estremeço de ouvi-lo. — Juba, principe,  
 Modera-te: tuas vozes soam alto;

(olhando para dentro da scena)

Podem ouvir-nos... — Ves? Porcio caminha  
 Para aqui. — Não te mostres n'esse estado  
 De tanta agitação. Disfarça, occulta;  
 Ou estamos perdidos...

JUBA. — Não te assustes.  
 Ferve-me sangue d'Africa nas veias ;  
 É o sangue de meu pae : mas a alma é filha  
 De Catão que a formou. — Ves o meu rosto ?  
 Está sereno agora, e...

SEMPRONIO.  
 Porcio chega.

### SCENA VIII.

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO.

PORCIO.  
 Caro principe !

JUBA.  
 Amigo !

PORCIO.  
 Venho, Juba,

Despedir-me de ti. Ha longo tempo  
 Que te procuro em vão : e a noite vinha  
 Appertando, — e eu sem alma de ir-me embora,  
 Para dizer-te adeus.

Onde vas ?

JUBA.  
 PORCIO.

Ao meu pôsto. Fui ditoso;  
 Que o melhor pude obter, — o de mais p'rigo ;  
 Onde mais derrocadas às muralhas  
 Aos primeiros assaltos do inimigo  
 Hãode ficar expostas. — Vou-me á morte,  
 Certa, meu Juba ; vou...

SEMPRONIO.

E a grande alma  
 De Porcio desalenta assim no p'rigo ?

PORCIO.

*(olha para Sempronio, e sem lhe respondêr,  
 volta-se a Juba.)*

Não me falta a coragem que o arrosta,  
 Mas fallece a esperança de vencê-lo.  
 Eu não temo, — temer é de covardes ;  
 Mas desanimo. Roma está perdida ;  
 E meu pae... e Catão não sobrevive  
 À republica. — Sou Romano, Juba ;  
 E vejo, satisfeito, alçar-se o golpe  
 Que no altar da patria hade immolar-me.

Mas sou filho também : e a natureza  
 É mais forte que Roma. Oh resta ainda  
 O sacrificio último ! — meus olhos  
 Não te hão de ver, dia de mágoa e lucto !  
 Succumbe-me a alma !.. Não, estes meus olhos  
 Não o hão de ver no instante derradeiro  
 Fitar ainda a moribunda Roma...  
 Principe, um não-sei-quê me diz no peito  
 Que este adeus é talvez o derradeiro  
 Que me é dado dizer-te. Ó meu amigo,  
 Ca te deixo inda mais do que a minha alma.  
 Um pae, Juba... e que pae ! Não o abandones,  
 Oh, não o desempares um momento.  
 Tu conheces Catão : sua alma nobre  
 Não se deixa vergar : seus pulsos livres  
 Não soffrerão grilhões : e o braço firme  
 Primeiro ao coração... Adeus, amigo,  
 Principe, amigo, adeus !

JUBA.

Meu Porcio, escuta ;  
 Não vejas de tam perto essas desgraças.  
 Eu tenho esp'rança ainda. E tu, Sempronio,  
 Não esperas também ?

(com ar de intelligencia.)

SEMPRONIO. (baixo)  
 Minha consolação

JUBA. (para Porcio)  
 Amigo.

Tambem um não-sei-quê (me diz no peito)  
 Que ésta sanha do fado hade accalmar-se.

PORCIO. (já me ta a acabe um' hora)  
 Oh, cega esp'rança!

JUBA. (tam lento, tam cruel, tam certo, amigo)  
 Não é cega, Porcio.

Eu heide — eu posso...!

SEMPRONIO. (surpreso)

(à parte para Juba)

Juba!

JUBA.

Vai, meu Porcio,

Vai; cedo nos veremos.

PORCIO.

E bem cedo.

A formidavel hora vem chegando;

E onde ha perigo, ahi certo está Juba.

Quem o ignora, meu principe? Láj unctos

Nos veremos ainda — entre os cadaveres  
 Dos escravos de Cesar! — Minha esp'rança,  
 Minha consolação unica é essa ;  
 Que heide morrer assim — livre e vingado.  
 Meus amigos, adeus! É tarde, e a noite  
 Já vai poisando em nossos tristes muros.  
 Voo á minha estação. Oh, venha cedo  
 Esse temido e desejado instante!  
 Venha, que já me tarda; e acabe um'hora,  
 Termine de uma vez ésta agonia  
 Tam lenta, tam cruel. — Eu corro, amigo,  
 O coração me diz que á morte certa...  
 Mas, seja ella honrada!... Adeus.

(abraçam-se.)

JUBA.

Oh Porcio!

**ACTO QUARTO.**

Portas da cidade, do lado de dentro. — Noite.

**SCENA I.**

**MANLIO, soldados.**

**MANLIO,**

*(defendendo, so, a sahida da porta contra*

*alguns soldados romanos)*

Detende-vos, traidores. — Gente infame!

Heide passar porcima do meu corpo.

E soldados romanos sois, indignos!

Soldados de Pompeu! — Eia, rebeldes,

*(Os soldados param deante de Manlio)*

Começae n'este velho, que em Pharsalia

Vos guiou contra as hostes do tyranno,

Começae vossos feitos gloriosos.  
 Aqui estou so, feri: que vos demora!  
 Oh, faltava-nos mais ésta vergonha,  
 Ésta vergonha derradeira! — Roma,  
 Ahi tens os teus heroes. Catão, são esses,  
 Ei-los, da liberdade os defensores!..

*Os soldados mostram irresolução e parecem consultar entre si: mas a final investem com a porta, e atropellam Manlio. Ao mesmo tempo Entra de fóra Marco-Bruto guiando uma coorte, e os repelle para dentro.*

## SCENA II.

MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

MARCO-BRUTO.

Perfidos!.. Ah covardes! Tarde vinheis,  
 Em má hora. — Soldados, desarmae-os,  
 Ligue-lh'os pulsos!.. Ja!..!.. loros d'escravos  
 N'essas mãos vis ficam melhor que a espada.

*(Os soldados de Marco-Bruto desarmam e ligam*

*os rebeldes)*  
 Mas quê!.. Tu, Manlio! — tu tambem com elles!

Nunca me inganei eu. — Erguei-o, amigos,  
 D'esse lodo em que jaz... inxovalhando  
 Em sangue e infamia as cans... as cans traidoras  
 Do refalsado velho! — O que eu devia  
 Co'êsta espada... Não; vive, miseravel,  
 E arrastra ao sepulchro essa vergonha.

MANLIO,

*(levantando-se ajudado dos soldados)*

Impetuoso mancebo, onde apprendeste  
 A injuriar um velho que?... Perdoo-te  
 Mais êsta vez: perdoar é para velhos.  
 — Marco-Bruto, a vergonha está contigo  
 Que insultaste, sem causa, as cans honradas  
 D'um patricio romano — e d'um amigo.  
 Bruto, esse nome que te inleva tanto,  
 Não se illustrou assim. O ouro escondido  
 No baculo, era a imagem da prudencia:  
 E com' essa é que Roma foi liberta.

MARCO-BRUTO.

O gran'Censor não era mais discreto  
 Em seus conselhos. Manlio precisava  
 Defender-se primeiro...

MANLIO.

Defender-me!

MARCO-BRUTO.

Pois não te vi agora?..

MANLIO.

Viste um velho

So, desarmado, e... — Não me justifico:

É indigno de mim.

### SCENA III.

CATÃO *precedido de lictores, e soldados ro-*

*manos com faxes 'acesos;* MANLIO,

MARCO-BRUTO, *etc.*

CATÃO.

Filhos de Roma,

Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?

Rebeldes vós, traidores os Romanos!

Manlio, Bruto, fallae: que insania é ésta?

O traidor onde está, quem é? — Dizei-m'o.

MARCO-BRUTO.

O traidor? — Esse infame.

CATÃO.

Quem?

MARCO-BRUTO.

É Manlio.

CATÃO.  
 Manlio!.. Manlio eu conheço. — O quê?... Observa,  
 Inexperto mancebo, aquelle rosto.  
 Ves um traidor alli? — Marco, meu filho,  
 O crime... o crime tem outro semblante.  
 Apprende a ler no coração dos homens  
 Pelas linhas da fronte. — Meu amigo,  
 Perdoa-lhe: seu zêlo é cego ainda.

MANLIO.  
 Ja lhe tinba perdoado.

CATÃO.  
 Ouviste, Marco?  
 Arrepende-te e emenda-te, meu filho.

(pausa)  
 — Mas que mysterio de perfidia é este?  
 Sempronio... aonde está? Juba? o meu Porcio?

MARCO-BRUTO.  
 Não sei. Eu no tropel imbaralhado  
 De tropas fugitivas, de rebeldes,  
 De combatentes, mortos, de feridos,  
 Nada vi, nada sei. So sei que o ferro  
 Sobejos immolou á liberdade:  
 So vi, para os ferir, peitos covardes.  
 A vingança, o furor, a sanha da ira

So me deixaram olhos para a espada.  
 Foi tam cruento e rapido o conflicto!  
 Mas succedeu-nos bem. Os vis traidores,  
 E as legiões de Cesar que ja vinham  
 Direito ás portas e a juntar-se co'elles,  
 Foram desbaratadas. As phalanges  
 Leaes cahiram, como raios vivos,  
 Sôbre os montões de escravos que ameaçavam  
 Esmagar-nos : — tam poucos que nós éramos !  
 Mas : — ‘ Avante (bradamos) eia! morra,  
 ‘ Pereça Roma com seus filhos todos !  
 ‘ Foi menos glorioso o sacrificio  
 ‘ Dos Fabios. Roma um dia hade vingar-nos,  
 ‘ Como os vingou a elles. Eia, ávante !’  
 E ávante fomos ; e vencémos. Morre  
 Quanto não foge. Dispersou-se tudo.  
 Voltámos fartos de matar — cançados  
 Ainda não. Mas era fôrça : os muros  
 Desguarnecidos, e o temor de nova  
 Traição, nos fez volver ás portas de Utica.

CATÃO.

Manlio, mas tu... tu immudeces? Falla :  
 Mata-me esse silencio.

MANLIO.

O meu silencio...

Ah, deixa-m'o, Catão : — oh, não desejes  
Ve-lo quebrado.

CATÃO.

Quê ! Porcio... meu filho...

Acaso ?..

MARCO-BRUTO.

Porcio vela do outro lado  
Da cidade, no lanço da muralha  
Mais expugnável — onde se precisam  
Defensores como elle.

CATÃO.

E Juba ?

MARCO-BRUTO.

Juba...

Não me lembra de o ver.

CATÃO.

Que escuto ! Manlio,  
O principe ?..

MANLIO.

Não falles n'esse monstro :  
Foi traidor como um barbaro.

MARCO-BRUTO.

Elle ! — O sangue  
 Não desmente das obras. Um tyranno,  
 Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

CATÃO.

Deuses, guardaveis-me inda o trago acerbo  
 Para o meu coração ! — Fado inimigo,  
 Ja não consegues abalar-me o peito.  
 Vi desertar da causa da republica  
 Seus mais strenuos fautores : vacillante  
 Pompeu, — e Marco-Tullio arrependido  
 De seguir nossas miseras fortunas,  
 Tergiversar, fugir porfim... e a purpura  
 Consular pela estrada de Tarento  
 Arrastrando no pó, ir supplicante  
 Humilhar-se ao tyranno... Ah ! — tudo hei visto ;  
 Tudo : mas nada me feriu ainda  
 Tam vivo n'alma como Juba ingrato...

(Silencio geral. — Catão dá algumas voltas,

paradeando, como abstrato ; — e logo

prosegue :)

E Sempronio ?

MANLIO.

Pois quê ! ignora inda

Que o auctor da traição foi esse indigno?

MARCO-BRUTO.

Sempronio! — Ha poucas horas a mim mesmo  
Se me gabou que ousára no senado  
Desafiar a Decio, e que...

CATÃO.

Apprende,  
Marco, d'ahi a conhecer os homens.  
O valor verdadeiro não se ufana,  
Não blasona atrevido; — cinge a espada,  
Mas so no campo de que a tem se lembra.

MARCO-BRUTO.

Sempronio!... que — a Tiberio ja não digo,  
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia  
Do orar cedia, que á mais leve idea  
De servidão bramia mais terrivel!

CATÃO.

Desconfia onde vires tanto zêlo  
Em palavras: discreto, parco d'ellas  
É o verdadeiro amor da liberdade.  
Ah Catão! dize agora: que esperanças  
De Roma tens ainda?

Que o auctor da tragedia esse indigno?

Eu tenho as mesmas.

MANLIO. — Ha poezias a mim insano?

As mesmas!

CATÃO.

Sim; as de morrer por ella.

MANLIO.

Ai! nem ja isso, amigo, nos é dado:

Nem um extrêmo esfôrço de agonia

Para expirar com glória! A moribunda

Loba do Capitolio não tem fôrças

Nem ja para investir, no último arquêjo,

Com seus brutaes senhores, e cravar-se,

N'um glorioso e nobre desespêro,

Em suas lanças traidoras. Cahiremos

Como rêzes em torpe sacrificio...

Imbelle morte, inulta!..

MARCO-BRUTO.

Inulta! Nunca:

Sem se vingar, sem vos vingar, não hade

Perecer Marco-Bruto. — E o holocausto

Hade espantar, hade aterrar o mundo!

CATÃO.

Vingança! E para quê? Que dás á patria

N'esse holocausto inutil?

MARCO-BRUTO.

Tu lhe chamás

Inutil! — O atro sangue d'um tyranno  
 Desparzido no altar da liberdade,  
 Inutil póde ser? — A mão ditosa  
 Que o ferro imbebe no malvado peito,  
 Que lhe descose as perfidas intranhas,  
 E vai ao coração buscar-lhe a vida  
 Para cortar-lhe o fio negregado,  
 Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio  
 Que appraza mais aos deuses justicçosos?  
 Oh, que ha vingança que tambem é numen!  
 Da liberdade a árvore não cresce,  
 Se a não regar dos despotas o sangue!  
 Embora a plantes; não lhe ves o fructo:  
 Hade-te ir definhando a pouco e pouco,  
 E da heivada raiz hãode brotar-lhe  
 As parasitas plantas, que mui breve  
 Gigantes crescerão, e hãode assombrar-te.  
 Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,  
 Raios da patria, exemplos de virtude  
 Imitados por ti, por ti citados,  
 Sempre os vi abrazados de fra sancta

Ferir sem dó, e derramar sem pena  
O sangue dos malvados que attentavam  
À majestade augusta da republica.

Mais nomes não direi que um so, — antiga  
Honra dos meus, cuja tremenda imagem  
Inda no Capitolio brande a espada,  
Terror dos reis, e salvação de Roma :  
Junio-Bruto...

CATÃO.

E que sangue esparziu Bruto !  
Que vingança tomou ? — Da voz ingente  
Aos brados formidaveis se ergueu Roma,  
E fugiu pavorosa a tyrannia.  
Mas a voz que troou no Capitolio,  
E que hade eterna resoar no mundo,  
Os braços não armou, não alçou ferro  
Para lavar dos despotas no sangue  
As injúrias da patria. Sua espada  
So desimbainhou para afastá-los  
E não para feri-los. N'esses tempos  
(Eras ditosas que não mais veremos !)  
A romana altivez, o nobre orgulho  
Perdoava generoso, e desdenhava  
De inxovalhar o ferro em sangue immundo.

— Sangue correu então : mas qual ? seu proprio,  
 Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra  
 Quando os filhos indignos sacrificam  
 Á merecida pena, á morte justa.  
 Mas privado juiz não foi nem d'elles;  
 O cutello das leis é que os immola.  
 — Um tyranno é, sem duvida, na terra  
 O malvado maior : mas nem por isso  
 Te é lícito puni-lo. Magistrados  
 Que o julguem, leis que o punam — com algozes  
 Para as executar — tem a republica.  
 Usurpas tambem tu se em juiz privado  
 De públicas offensas te institues.

MARCO-BRUTO.

Mas uma lei, ó pae, tu me insinaste  
 Que sôbre todas respeitar se deve :  
 Mais veneranda e antiga m'a dizias  
 Que todas essas leis, — que plebiscitos,  
 Que senatusconsultos, — em mais clara  
 Equidade fundada do que o Album  
 Do pretorio, — gravada n'outro bronze  
 Mais duravel que as tábuas dos decemvros ;  
 Lei das leis, immutavel e suprema,  
 — A da salvação pública.

O difficil —  
 É conhecer, meu filho, quando a fôrça  
 D'essa maxima lei quebra a das outras;  
 Quando o feito que é injusto, opposto a ellas,  
 A salvação da patria o revalida.  
 — Em meus primeiros dias, no ingenuo  
 Despertar de innocente puberdade,  
 Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos  
 Paços de Sylla. — De meu pae amigo  
 Fôra o monstro! — Inda as carnes se arripiam  
 C'o presente spectaculo que tenho  
 Deante dos olhos, — do cruor esparso,  
 Dos palpitantes membros strangulados,  
 Dos tabescentes, lividos cadaveres  
 Nas cruzes pelos atrios; — a viuva  
 Gemendo além, carpindo o orpham; — e o torvo  
 Aspecto, o feroz riso dos ministros  
 Do tyranno, apupando com motejos  
 As sanguentas cabeças dos mais nobres,  
 Mais illustres varões que Roma tinha,  
 E que hasteadas em triumpho hediondo  
 De atroz pompa levavam... Vista horrivel!  
 E... inda mais de indignar! e mais ainda

As trementes intranhas me excitava,  
 O ver, o ouvir as turbas circumstantes  
 Devorando seus tremulos gemidos,  
 Disfarçando, — cubrindo a face pallida,  
 Que lhes não vissem a furtiva lagryma!  
 E a mão, que stringir devia o ferro,  
 E que talvez segura no mais rijo  
 Da batalha o brandíra, — mal ousava  
 De ir, co'a orla da toga, a medo e trépida,  
 Aos olhos que alma timida arrazava  
 De feminino pranto... — O que é o povo?  
 O que são homens! — Hontem expulsastes  
 A Coriolano porque ousou negar-vos  
 Os baldios communs: hoje, fugindo,  
 Abandonais á furia dos patricios  
 Graccho que vo'-los dava! — E agora... O íntimo  
 D'alma joven, ardente me anciava  
 C'o spectaculo feio e vil. — 'E como  
 (Disse a meu pedagogo) como em Roma  
 ' Não ha quem mate Sylla!' — ' Não (me torna  
 Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:  
 ' Mas temem-n'o inda mais.' — ' E porque (cego  
 De ira lhe respondi) porque uma espada  
 ' Me não dás, que o vou eu matar — e liyro

'A patria?' — A grande custo me conteve,  
 E me levou d'alli o ancião prudente;  
 Nem la voltámos. — Vinha de bom ânimo  
 A tenção: más que importa! Marioahi estava  
 Para inutilizar o feito ardido,  
 Se meu infante braço o executára.  
 — Ah! que fructo da patria ao bem resulta  
 Com lhe ficar um despota de menos?  
 Vanglorioso do golpe que vibraste,  
 Cuidas que o monstro feneciu com elle?  
 Inganas-te: as cem frentes d'essa hydra  
 De seu proprio veneno reproduzem;  
 Por uma que decepas, mil te surgem:  
 Mal, que julgavas ter de todo extinto,  
 Então se agrava mais.

MARCO-BRUTO.

Quê! socegados  
 Veremos ingolphar no abysmo a patria,  
 E tranquilos no meio da procella,  
 Ve-la-hemos assim ir-se affundando  
 No mar da escravidão! Anciada embora  
 Supplices mãos estenda aos filhos caros;  
 Que os virtuosos filhos não se atrevem  
 A perpetrar o crime de salvá-la...

É virtude — confesso — que me admira,  
Que jamais conheci.

CATÃO.

Na tua idade  
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se.  
Mancebo, escuta : — Libertar a patria,  
E dar pelo resgate a propria vida,  
Não é mais que dever ; grande heroismo,  
Acções de glória, n'isso não as vejo :  
O homem que assim obrou foi homem de honra,  
Cumpriu sua obrigação. — Mas outros meios  
Tem de impregar mais certos, mais seguros,  
Quem se abalança a imprêsa tam difficil,  
Se baldos não quer ver cuidado e riscos.  
Desaffogar a patria de um tyranno,  
É transitorio allívio : impeiora a miudo  
C'o esse remedio o mal ; tens cem tyrannos  
Em vez de um : nem talentos nem virtudes  
Occuparão, no Estado, o grau supremo  
Entre vis demagogos repartido  
Por facções, por subornos, peitas, crimes.  
Tincta era em sangue a purpura, — era ferreo  
O sceptro do tyranno : mas as togas  
Dos decemviros !.. tinge-as cruor negro,

E pallidos venenos as mosqueam  
 De nódoas que revêem torpeza, infamia,  
 Flagícios! — Que lucrámos na mudança  
 Perigosa? Os proconsules os mesmos  
 Peculadores; servos os tribunos  
 E facciosos; avara e perdularia  
 A questura, roubando o derradeiro  
 Sestercio ao povo, a última drachma ao Erario;  
 Os pretores vendendo em hasta pública  
 A justiça; — emfim todo o mesmo vício,  
 A mesma corrupção, — mais desfaçada,  
 Mais clara so, mais despejada. — E é ésta,  
 É ésta a liberdade que nos destes!  
 E são éstas, decemviros, as tábuas  
 Da promettida lei, que tanto tempo  
 Levaram a gravar! — Veio Apio-Claudio  
 Fazer chorar em Roma por Tarquinio...  
 (pausa)  
 — Se queres libertar-nos, corta rijo,  
 Corta pela raiz a tyrannia,  
 Cerceando por abusos, profundando  
 Nas fistulosas úlceras do Estado,  
 E levando c'o balsamo o cauterio  
 Ao mais solapado — onde a peçonha

Do arraigado cancro tem nascença.  
 Depois o facho da razão accende  
 Com mãos puras e limpas de interêsse...  
 Puras! — que em dextra sordida essa tea  
 É labareda sem clarão, — que abraza  
 Sem dar luz — quejima e rapida devora  
 Antes que um so vislumbre rompa as trevas,  
 Que, em vez de dissipar, deixou mais crassas.  
 — Com elle, co'esse facho luminoso  
 A teus concidadãos mostra a yereda  
 Que ao aleaçar conduz da liberdade,  
 Não coroado de spolios sanguinesos —  
 Mas puro todo e candido como ella.  
 Salva-os das convulsões, da crise horrivel  
 Que as populares commoções arrastram;  
 Moderação e paz reine em teus labios;  
 Generoso perdoa, austero pune,  
 Mas pelo orgam da lei, mas so com ella.  
 Os pendões hastear da Liberdade  
 Nas ameias da horrifica Discordia,  
 Grito amotinador alçar aos povos  
 Para os deixar no cahos da anarchia  
 Mutuamente e á porfia destruir-se,  
 É querer lacerar o seio á patria

Sem jamais a salvar.

MANLIO.

Homem como este,  
Ceo, creaste-o jamais, tu viste-o, mundo?

*(Ouve-se vozzeria e tumulto de soldados de fóra  
dos muros.)*

MARCO-BRUTO,

*(observa da porta)*

Oh! que tumulto é este? — Numerosa  
Legião... de peões e cavalleiros...  
E de Cesar não são: — e nem Romanos  
Tampouco. — Ah! são Numidas... E Juba  
Com elles. O traidor! Quê! pensa o barbaro  
Surprehender-nos ja, e vem?..

*(desimbainhando a espada e voltando-se para  
os soldados)*

Amigos,

A elles! — Não sois vós os veteranos  
De Pompeu? Co'esses barbaros em terra.  
E seja — se hade ser o derradeiro!  
Um derradeiro feito de justiça,  
— Castigar estes perfidos — o nosso.

MANLIO.

Quê! sahir-lh'ao incôntro — com tam poucos

Homens de lança — a unica defesa  
 D'estes muros desertos! — E elles tantos,  
 Os barbaros! — Não fôra mais prudente  
 Cerrar as portas e?..

CATÃO.

Detem-te, Marco;

*(depois de observar o tropel dos Numidas que  
 vem approximando, volta da porta*

*e prosegue:)*

E contém esses bravos companheiros  
 De honrada desventura. — Abri mais amplas  
 As portas, retirae-vos a esse lado,  
 Deixae-me so c'os Numidas.

MANLIO.

Tu! — nunca.

A ti é que elles buscam.

MARCO-BRUTO.

So com elles!..

*(aos soldados)*

Não te obedeço. — Amigos, companheiros,  
 Defendamos Catão; morramos todos...

CATÃO,

*(alçando a voz com severidade.)*

Soldados, eu govérno ainda em Utica.

(*Os soldados obedecem.*) —  
 Manlio, Bruto, ide vós... ide e pejae-vos  
 Do exemplo que vos deram.

(*Retiram-se ambos para aopé dos soldados.*)

(*Catóo prosegue com mais brandura:*)

Filho, amigo,  
 Socegae : nem as barbaras cabildas  
 De Juba, nem as hostes ordenadas  
 De Julio teem podêr sôbre ésta vida.  
 Posso morrer aqui — não ás mãos d'elles.

(*desimbainha a espada; abre as portas de par  
 em par, e fica so, no meio d'ellas.*)

#### SCENA IV.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO,  
 JUBA, SEMPRONIO, *soldados*  
*numidas, romanos etc.*

*As legiões numidas param fóra das portas ;  
 Juba entra so com alguns soldados con-  
 duzindo Sempronio algemado.*

CATÃO.

Que é isto, Juba? — a que voltaste?

MARCO-BRUTO.

Infames!

CATÃO.

Não respondes? — Sempronio em ferros! Falla,

Sempronio, explica-me este enigma. Voltas

Como um escravo a seu senhor: — escravos

São para Cesar; n'estes pobres muros

Não os ha. — Immudeces? — E tu, principe,

Tu callado tambem? Falla, não temas ::

Teus soldados ahí estão.

JUBA.

Os meus soldados

São auxiliares teus e da republica.

CATÃO,

*(prosequindo sem o attender)*

Não tens que receiar: não es Romano,

Nem deveres de patria te obrigavam

A seguir nossos fados. Tomar parte

Na sorte do infeliz é pêso grave

Que a descontento amigos vão levando,

Levando — até que enfim já se não soffre:

Arrojá-lo quizeste: não te culpo.

Os vinculos de alliado te prendiam...

Mas de taes alianças que proveito

Havias de tirar? Desgraças, p'rigos,  
Talvez a morte. — Vai, segue a ventura :  
O ceo derrame sôbre ti mil bençams.

Bem a mereço, a exprobração amarga,  
D'essa ironia. — Fiz-me abjecto, fiz-me  
Vil a meus proprios olhos. Desprezae-me,  
(*pausa*)

Romanos : sou um bárbaro. — Ah, não bate  
Em vossos peitos coração mais puro  
Que o do barbaro, — zêlo mais ardente  
De liberdade não vos queima o sangue !

(*pausa*)  
Mas qui'-lo o fado assim. — Cuidei aomenos,  
Ó Catão, que arguir-me te dignasses !  
Esperava castigo de meu êrro,  
E encontro oppróbrio so. — O teu desprêzo,  
O teu desprêzo... não, não o mereço.  
Juba foi cego, louco, arrebatado,  
Foi desobediente a teus preceitos,  
É criminoso, mas traidor não. — Ouve,  
Ouve-me por piedade, e depois julga.

CATÃO.  
Falla, principe : ouvir-te é dever nosso.

Julgar-te ! Quem, aqui ? — Já houve tempo  
Em que Roma julgava os reis da terra.

JUBA.

Oh, oiça-me Catão, julgue-me ; — e absolva-me  
Se poder, — que eu não quero outra sentença.

(*pausa consideravel*)

Sempronio, tu es senador romano,

Eu um chefe de Numidas selvagens.

Teu testemunho invoco, e me contento

So com elle. — Fui eu traidor a Roma ?

Desmereci do titulo prezado

De amigo de Catão ? — Tu não respondes,

E surris ! Proprio é o riso : mofa e escarneo

Mereço eu — e de ti... com mais justiça.

(*apontando para Sempronio*)

Catão, esse... esse perfido enganou-me :

Meu natural singelo e poucos annos

Cahiram facil no inredado laço

Que de vagar e ha muito anda tecento.

Persuadiu-me — e algum numen inimigo

Me fascinava então ! — que a salvar Roma

Me fadavam os ceos, e a punir Cesar ;

Que em Utica tramava poderosa

Conjuração occulta que ésta noite

Ao dictador as portas abriria,  
 E vivo em suas mãos ia intregar-te.  
 Estremeci de horror, perdi detodo  
 A razão; ajudou-o o meu inleio :  
 Tudo obtive de mim. Na hora apprazada  
 Na hora que apprazada elle dizia  
 Pelos conspiradores, manso deixo  
 A porta do occidente, que eu guardava  
 Co's meus Numidas. — Saio; e mal, um tiro  
 De setta, me affastára das muralhas,  
 Conheço, mas ja tarde, a vil perfidia.  
 Da porta, que eu deixára quasi inerme,  
 Seus socios na traição rompem, — e as hostes  
 De Cesar, que imbuscadas o aguardavam,  
 Se juntam co'elles. Desmaiei de cholera,  
 De vergonha e despeito. Mas foi prompta  
 Minha resolução. Sem lhes dar tempo  
 A mais, invisto c'o podêr immenso  
 Do inimigo. Brado allarma; e allarma  
 Me respondem dos muros. Commandadas  
 — Não conheci por quem — fieis cohortes  
 Sahem a sustentar-me. Trava, ás cegas,  
 Pela treva o conflicto: ambos á uma  
 De oppostos lados, Numida e Romano,

Démos sôbre o traidor e sôbre as hostes  
 Do tyranno de Roma, — que ingodadas  
 Das promessas do indigno, mal cuidavam  
 Incontrar tam porfiada resistencia,  
 Tanto contrário, aonde sem peleja  
 Contavam co'a victoria. Rechassadas  
 Foram completamente. Ia d'involta  
 Na fuga o scelerado : — descubri-o,  
 Corri sôbre elle ; — e fomos longo espaço  
 No arriscado impenho os cavalleiros  
 Todos : porém valia a pena e o p'rigo,  
 Valia tudo ! — Segurei-o eu proprio  
 Co'éstas mãos, — fiz lançar-lhe essas algemas,  
 E salvei para os golpes dos lictores  
 A torpe vida, que anhelavam todos  
 Arrancar-lhe á porfia... Ah, nem tu sabes,  
 Não... nem tu sabes inda quantos crimes  
 Tens que lavar no sangue do malvado !  
 Porció...!

CATÃO,

(interrompendo-o)

Meu filho ?..

JUBA.

Assassinou-o o infame.

CATÃO.

Respiro, oh ceos! traidor não foi meu filho.

(silencio longo.)

MARCO-BRUTO.

Covarde, e como tanto ousou teu braço  
Fraco? — tam fraco e vil como a tua alma.

JUBA.

Ousar! — Foi á traição.

MARCO-BRUTO.

Monstro!

MANLIO.

Oh, ei-lo,

Ei-lo ahi, moribundo o vêem trazendo.

Que miseranda vista — oh, que spectaculo  
Para os olhos d'um pae!

*Porcio deitado em umas andas formadas de  
escudos e lanças, aos hombros de soldados nu-  
midas, e guardado por consideravel número de  
cavalleiros numidas, vem lentamente approxi-  
mando-se da porta da cidade; passa por entre as  
legiões de Juba, que lhe abrem alas. Ouvem-  
se gemidos, e o lamentar discorde de Romanos,  
de Numidas e do povo que vai acodindo.*

## SCENA V.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, SEM-  
PRONIO, JUBA, PORCIO, etc.

CATÃO,

*(indo ao encontro do filho)*

Vem, vem, meu filho,

Nos braços de teu pae morrer com honra.

Ve dos olhos paternos, ve correr-me

Éstas lagrymas — doces, não de pena,

Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.

*(abrançando-se com elle)*

Morres homem, meu filho, e morres livre.

Oh, não te pèze de deixar a vida.

Que te fica na terra? — que perdeste?

Um mundo indigno, baldo de virtudes,

Farto de crimes — solidões juncadas —

De mortos, moribundos — e assassinos.

PORCIO.

E... o pae... que eu deixo... — Adeus!

*(põe os olhos no pae e expira.)*

CATÃO.

Morre, meu Porcio,  
Que vives para a glória! Oh caro filho,  
Sobe, alma venturosa, á eternidade!

*(Inclina-se sobre o cadaver, e fica algum tempo com a face escondida, soluçando baixo e como quem se comprime. — Longo silencio. — Levanta-se, e prosegue:)*

Meus amigos, chorei: não me invergonho

*(inchugando o rosto)*

De ser homem. — Está pago o tributo  
Á natureza. — Agora Roma.

*(dá alguns passos, e incara outra vez com o cadaver)*

Filho!

Meu filho, tu não hasde ve-la escrava!  
Deram-te abençoada morte os deuses.

*(pausa breve)*

Tu choras, Marco — e tu, Manlio — e vós todos,  
Amigos? — Eu sou pae, e ja não choro.

Animo! vinde, approximaes-vos d'elle;  
Contemos as feridas gloriosas

D'este cadaver. Nunca tam formoso

Me pareceste, meu querido Porcio...

*(beja-o uma e muitas vezes)*

Bejo ésta face pallida, ésta fronte  
 Impastada de sangue, e éstas mãos hirtas...  
 Ah, que !..

*(fica algum tempo abraçado com o cadaver,  
 e em silencio)*

— Levae-o amigos.

MARCO-BRUTO.

Não ; detende-vos.

Não hade ir a jazigo deshonrado

O corpo do heroe. Aqui o sangue

Do matador queremos. Pede-o Roma,

Pedimo'-lo nós todos, e é devido

A seus manes. Soldados, companheiros,

Dizei-o : soffrereis tammanha injúria ?

POVO E SOLDADOS.

Morra, morra o traidor.

CATÃO,

*(com severidade aos soldados e povo)*

Basta.

*(depois de longa pausa, volta-se para Sempronio)*

Sempronio,

Eu ja fui pae — e sou Romano ainda.

Ves aquelle cadaver ? — é meu filho :

Tu m'o roubaste... — Com algoz perfidia

Machinaste o exício da republica ;  
 E co'as mãos parricidas — impio ! — foste  
 À garganta da patria moribunda  
 Para affogar-lhe o derradeiro alento.  
 — Todos quantos ahi ves pedem tua morte ;  
 Pedem teu sangue as leis e a natureza.  
 Mas eu posso perdoar... Roma não deve.  
 Malvado, treme : a espada da justiça  
 Sôbre tua cabeça está pendente.

*(volta-se para os soldados)*

Dos crimes ao maior, pena a mais crua,  
 Nós a devêmos, filhos de Quirino :  
 Morra. — Sim, morra para sempre o perfido :  
 Tirae-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.  
 Pésa-lhe a liberdade ? aos ferros corra :  
 Para Roma expirou, — com Cesar viva.

MANLIO.

Oh virtude !

JUBA.

Oh sentença de Romano !

SEMPRONIO.

Triumphaste de mim : essa grandeza  
 Inda é maior... maior do que o meu odio !

*(Soltam-n'o os lictores, e o poem fóra das portas.)*

## SCENA VI.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO,

*soldados etc.*

MANLIO.

Mas duvido que possas impedir-lhe  
Que o furor dos soldados...

CATÃO.

Um Romano  
Em sangue tal não inxovalha a espada.  
Lictores, de Sempronio o vil castigo  
Annunciae ás cohortes ; e intimae-lhe  
Que é não ser cidadão, frustrar-lhe a pena.

MARCO-BRUTO.

Oh meu pae ! a teus pés deixa prostrar-me ;  
Deixa adorar em ti...

CATÃO.

Ergue-te, filho ;  
Eu fiz o meu dever : não te accostumes  
A admirar com espanto uma acção boa.  
Faze hábito da honra e da virtude,  
E so te admirarás de ver um crime.

*Sahem todos acompanhando o cadaver**de Porcio.*

Machinaste e estalaste  
 E não te parricidaste —  
 A garganta do anjo  
 Para o fogão do soldado etc.  
 — Todos os dias  
 Poder tu sempre impedir  
 Mas o luar dos soldados...  
 Malhada a mãe, abalada  
 Sobre tua cabeça

Em sangue não inverte a cabeça  
 Lictora, de Sempiterno e vil castigo  
 Anuncias as cobertas e intimo  
 Que é não ser coberto e intimo  
 Tira-te de quando navelis esse  
 Oh meu parafuso que deixa  
 Deixa aborrecido — coriza amor

## CATALIN

Esque-te, Ribeiro; apunha  
 Eu fixo o meu dever: não te acostumes  
 A admirar como espante uma coisa  
 Fazê habito da honra e liberdade  
 E se te admiras de ver um estúpido  
 ! Sêtem todos os dias

(Catalin ao sair de facto, recorre ao estúpido)

## ACTO QUINTO.

Galeria aberta, com columnas. Os intervallos do peristyllo são tomados com cortinas corrediças. — Ve-se perto o mar e algumas naus romanas. — De outro lado, parte das muralhas da cidade. — Vem amanhecendo.

### SCENA I.

CATÃO, *libertos*.

*Os libertos estão em distancia; no fundo da scena. Catão apparece sentado e lendo. Sôbre o abaco, em que descança o livro, alguns rolos de pergaminho e uma espada nua. — Depois de ler algum tempo, fecha o livro; pega na espada, examina-lhe o gume e a ponta, e torna a pôs-la sôbre o abaco.*

CATÃO.

*(reparando nos libertos.)*

Ainda não é tempo. — Oh !.. Ide a Manlio,

E chamae-m'o aqui logo. — Ide vós todos.

## SCENA II.

CATÃO *so.*

*(torna a pegar no livro)*

Consolaste-me, Socrates : não morre  
 Com este corpo o espirito que o anima.  
 Ja me não prendem dúvidas ; fujamos  
 Do vil carcere : a morte so é termo  
 Da vida, — da existencia não... No íntimo  
 D'alma o pôz Deus, o sentimento vivo  
 Da eternidade. Este viver contínuo  
 D'esp'ranças, este ancian pelo futuro,  
 Este horror da anniquilação, e o vago  
 Desejo de outra vida mais ditosa,  
 O que são? — Indistinctas, mas seguras,  
 Reminiscencias da perdida patria.  
 E saudades de voltar a ella.

*(levanta-se)*

Ver-te-hei, mansão dos justos !.. — O sepulchro  
 Não é jazigo, é estrada. — Convenceste  
 A minha alma, Platão : heide incostar-me

Tranquillo e repousado no atahude,  
 Como viajante reclinado á poppa  
 Da galé que em bonança vai cingrando  
 Com brandos ventos para o porto amigo.

*(senta-se, lê breve espaço, e torna a levantar-se)*

Inda me resta que fazer na terra ;

Deveres sacratissimos, restrictas

Obrigações. — Fiel e honrado é Manlio :

Vou confiar-lhe tudo... Oh, ei-lo chega.

### SCENA III.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Manlio, ouvê-me attento. A tua dextra

Em pinhor do segredo.

MANLIO.

Ei-la.

CATÃO.

Romanas

São ainda éstas mãos : não, meu amigo ?

MANLIO.

E duvida-o Catão ?

CATÃO.  
 Não, não duvidas.  
 MANLIO.

Pois bem, falla, eu te escuto.

CATÃO,

*(depois de breve pausa, chegando-se para aopé)*

*(da galeria)*

Que formoso

Vem arraiando o alvor tenue do dia!

Ves, Manlio? — Como é bello este universo!

Quanto mais bella não será a etherea

Região que de tam longe reverbera

Toda essa formosura! — Observa, amigo,

Aquella estrella pallida: é a última

Que ficou no lutar da luz co'as trevas

Do incerto crepusc'lo. Chega-lhe a hora

Emfim, — morre... Mas ámanban c'roada

A verás de luz nova e mais brilhante

No firmamento azul. Não heide eu ve-la...

D'este lado da campa, aomenos...

MANLIO.

Como!

Não te percebo. Quê! — tu...

CATÃO.

Descançado  
Serei já a essa hora no jazigo.

MANLIO.

Tu!

CATÃO.

Que Sim.

MANLIO.

Pois quê! perdeste ja detodo  
Aquellas esperanças?

CATÃO.

Não : nem perco.  
Ves ésta espada? N'ella so as tinha :  
Não me serviu a libertar a patria,  
Serve para morrer.

MANLIO.

Tu!

CATÃO.

Sim, amigo,  
Eu.

MANLIO.

Nem assim! ai! nem assim... É inutil.  
Foi tempo — ja lá vai — em que o cadaver  
D'um cidadão romano, gottejando

Sangue no fóro, incendiava as turbas,  
 E era como um vexillo formidavel  
 D'entôrno ao qual suas férvidas phalanges  
 A Pública-vindicta arrebanhava.  
 Mas hoje!.. o callo da cerviz passou-lhes  
 Ao coração: nem ha...

CATÃO.

Sôbre esses males  
 So me resta gemer: assás contra elles  
 Luctei debalde.

MANLIO.

Então...

CATÃO.

Co'a minha morte  
 So este coração, so a minha alma  
 Quero salvar do crime.

MANLIO.

O crime é d'elle,  
 Do tyranno, e não nosso... ou é da sorte.  
 Se Deus Optimo Maximo o permite,  
 O homem fraco...

CATÃO.

Não faças tam pequeno  
 Nem tanto abatas o homem. Pouco vale

Se escravo das paixões, fraco se deixa  
 Ir ao sabor das ondas do destino.  
 Mas o homem que é digno de ser homem,  
 O varão forte, que o revez incara,  
 D'avessos fadões, que lhe appara os golpes  
 No adamantino escudo da virtude,  
 Que, arca por arca, lucta c'o infortunio  
 E consegue atterrá-lo — oh, esse é grande,  
 Esse não teme; desafia a sorte.  
 Por certo não é crime ser escravo,  
 So desventura grande; mas, podendo  
 Espedaçar os ferros vergonhosos,  
 Não o fazer é vil baixeza torpe,  
 É covardia, — e a covardia é crime.  
 A natureza, que nos deu a vida,  
 A natureza — Deus Optimo Maximò,  
 Deu-nos co'a vida essenciaes direitos,  
 Inalienaveis, que são parte d'ella;  
 Deveres nos impôz strictos, sagrados,  
 Condições da mercê. Quem perde aquelles,  
 Posterga est'outros, e so préza e guarda  
 O dom da vida — offende a natureza  
 É ultraja o Creador.

MANLIO.  
 E pôde o homem,  
 Com sua falha razão, acertar justo  
 N'esse termo?.. E se errar? — Porque não hade  
 O mesmo Sópro Eterno que dá vida,  
 Distribuir a morte?

CATÃO.  
 E eu morro, amigo,  
 Quando a minha alma eterna assim liberto  
 Dos vinculos do corpo? Se ésta essencia  
 Que da vida ás funções em nós preside,  
 Porção da Divindade, é pura essencia  
 De espirito immortal, não obro crime,  
 Não renuncio á dadiva celeste  
 Se a livro de baldões, e denodado  
 De oppróbrio indigno a salvo. E se, ao contrário,  
 Combinação fortuita do acaso  
 Me formou a materia; se a minha alma  
 Morredoura e mortal como o meu corpo...

MANLIO.  
 Ainda então... — E essa doutrina abjuro...

CATÃO.  
 Abjuro-a eu tambem. Abhorrecido  
 Seja dos homens, e de Deus malditto

O impio que a propagar ; — morra, e castigo  
Lhe não quero maior ! — crendo o que insina.

MANLIO.

Pois bem. Mas ainda então, e se tal fosse  
A triste realidade, outro motivo  
Deveria prender-te.

CATÃO.

Qual?

MANLIO.

De C. patria. A patria.  
E por todos os lados.

A patria... patria — e agora!

MANLIO.

Sim. — Perdoa

O sincero fallar, amigo, a um velho ;  
Quanto es, bem sei, por ella te has votado ;  
Catão so com sua espada e com seu nome  
Defendeu a republica, e de Roma  
Protegeu a orphandade, quando todos,  
Vil ! — a desempararam os seus filhos !  
Mas agora no extrêmo, n'este afflicto,  
Appertado momento da agonia,  
Na hora do passamento é que a abandonas ?

## SCENA IV.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

JUBA.

Catão, ao porto, ao porto! O vento serve,  
 Estão prestes as náus. Bruto me manda  
 Dizer-te que não tardes. As cohortes  
 De Cesar assaltaram derepente,  
 E por todos os lados nos investem.  
 As muralhas esbroam-se a pedaços  
 Sob os golpes do ariete incessante:  
 Raros sôbre ellas, a um e um, se contam  
 Da liberdade os tristes defensores:  
 Mas com elles é Bruto; disputadas  
 Hãode ser as ruinas palmo a palmo.  
 No entanto, ao porto! Bruto assim t'o roga:  
 Nos muros basta elle: — e defender-nos  
 Muito tempo, é impossivel.  
 Bem: a hora  
 Chega enfim. — E os velhos senadores,  
 E o povo?

JUBA.

Esse tropel de gente inerme  
 Andam como alienados pelas ruas  
 Bradando, lamentando ; — outros furiosos  
 Sobem aos muros de impeto, e se arrojam,  
 A perecer, nas lanças inimigas.  
 Recresce a confusão com o alarido  
 Das mulheres que vão de templo a templo  
 Huivando espavoridas, desgrenhadas.  
 Velhos, crianças — miseranda vista !  
 As seguem com tristissimos gemidos :  
 E c'os nomes dos deuses, de mistura,  
 O teu invocam : por ti choram, clamam,  
 E ullulando ' Catão ' desatinados  
 Vagam áquem, além. — Escuta : ahi correm  
 Para este lado. Ouve-los ? — Receio  
 Que se atrevam talvez... Ha sediciosos  
 Entre elles : e é prudente...

*(tira a espada e chega-se para as columnas: Manlio*

*faz o mesmo.)*

CATÃO.

Juba, Manlio,

Que pretendeis? Deixae para o tyranno  
 O acutillar o povo : o officio é d'elle

Que lhe tem medo, eu não.

SCENA V.

CATÃO, MANLIO, JUBA, POVO.

POVO,

(*de fóra*)

Catão, acode,

Catão, acode ao povo!

CATÃO,

(*corre as cortinas do peristyllo; e apparece a*

*praia cuberta da povo, o qual vem subindo a*

*escadaria quasi até o nivel da scena: — Catão*

*dirige-se a elles:)*

Meus amigos,

Que quereis? Aqui estou. Quereis meu sangue?

Tomae-o.

POVO.

Não, não, não!

UM DO POVO.

Juba, Manlio, Pereça o ingrato

Que de seu sangue té a última gotta

Por ti não der!

O povo do povo, o povo constante,

Pereça! A nossa última esperança!

CATÃO.

Povo de Utica,

Romanos — que vós sois Romanos ainda,

Que pretendeis? As legiões de Cesar

Estão ja sôbre nós. Esse alvorôto,

Esse acclamar o nome d'um proscripto

Moverá sua cholera tremenda

Contra vós. Ide em paz, amigos, ide.

Meu coração trasborda agradecido

Co'esse applauso sincero e não suspeito.

Mas, Uticenses — não deis pasto ás iras

De Cesar: sua causa vencedora

Achou graça ante os numes. Ide, oh, ide;

E guardae d'este impeto primeiro

Os filhos, as espôsas. Não façamos

Mais victimas. Escape ao sacrificio

Algun siquer de quantos se atreveram

A ser amigos de Catão...

*(gemidos e choro geral entre o povo)*

UM DO POVO.

Quem hade

Desemparar o bemfeitor, o amigo,

O pae do povo, o protector constante,  
A nossa última esp'rança?

POVO.

Ninguém. — Morra  
Quem o desemparar.

CATÃO. Que pretendes? As leis de Cesar

Estão ja...

(para Manlio) Esse acclamar o

Eu não posso deixar de internecer-me  
Com tanta devoção, Manlio, — e n'êsta hora!

(para o povo) Meu coração

Basta, que me rasgais os seios d'alma.  
Não as ouvis cahir, essas muralhas

De vossa forte patria? Raza em terra  
Co's areaes será Utica em breve...

Olhae! não vêdes como vêem com ellas  
Alanceados, partidos a pedaços,

A suverter-se no montão das ruinas  
Os poucos, derradeiros defensores

Que nos restavam? Oh, tende piedade  
De vós, de vós!

UM VELHO.

A nossa vida é nada :  
Somos velhos inuteis.

UMA MULHER.

E mulheres,  
Que não podêmos defender a patria,  
A liberdade.

UM VELHO.

Mas queremos todos  
Morrer por seu magnanimo caudilho.

POVO.

Queremos ! — por Catão ! — morrer !

CATÃO.

Ob Cesar,  
Assim não triumphaste nunca ! — Amigos,  
É forçoso ; curvemo'-nos ao fado.  
Fizemos quanto humano esforço dava ;  
Mais não podêmos, que é tentar os deuses.  
Concidadãos, não tenho mais que dar-vos :  
Conselhos só ; — ouvi-os, attendei-os.  
Pae me chamastes ? — Escutae a extrêma  
Vontade, o último rôgo e mandamento  
De um pae... e promettei-m'o aqui n'esta hora  
Solemne, — n'este instante derradeiro  
Da despedida — promettei cumpri-la :  
Jurae-m'o, filhos !

O pae do povo, o pae do povo.

A nossa última esperanza. Sim, jurámos.

CATÃO. Que não podemos delatar.

Ninguém. Ide; A liberdade!

Obedecei á voz agonizante

De Roma que vos falla por meus labios.

Salvae-vos! Ahi estão naus aparelhadas

Para quantos não ousam confiar-se

Na clemencia de Cesar... A clemencia

De Cesar! — A seus lares socegados

Voltem os outros. Ide, foge o tempo:

Adeus!

UM DO POVO. E torçoso; curvem-se os braços.

De vossa mão. Vem tu connosco, e iremos todos

Contentes inda além das portas d'Hercules.

Concibadão! O povo.

Vem, vem connosco, pae! — ouz!

Pae me chamastes. UM DO POVO.

Vontade? Sos onde iremos?

De um pae... Sos, sem Catão, não vamos.

Solitário. — O povo.

De nós! Não! não vamos.

(grande rumor entre o povo.)

CATÃO,

*(a grandes brados)*

Perjuros! renuncio ao vosso affecto.  
Desobedientes, vosso amor fingido  
Lanço de mim; e impreco os sanctos deuses  
Que sôbre vós...

POVO.

Catão, não nos maldigas:  
Obedecêmos ja.

*(começa a dispersar-se o povo.)*

CATÃO.

Filhos de Roma,

Não meus, — filhos de Roma, e dignos d'ella,  
Proteja-vos o Deus que a desempara  
Por nossos crimes — e a vós vos salve,  
Que innocentes sois d'elles.

*(Vai-se retirando o povo, parte para as naus,  
parte para o interior da cidade.)*

## SCENA VI.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

CATÃO.

Vai, meu princip;  
 Com a tua presença — que eu não posso...  
 Commoveu-me demais este spectaculo!  
 Pór ordem n'esse embarque. Reservada  
 Das triremes fique uma: é para Manlio,  
 Para ti, — para aquelles que podérem  
 Escapar.

JUBA.

Mas...

CATÃO.

Quê?

JUBA.

Oiço a cada instante  
 Redobrar o conflicto... E eu longe d'elle!  
 Que dirá de mim Numida e Romano?  
 — D'aqui... oh, d'aqui vejo Marco-Bruto  
 So, impavido, e firme como o Atlante,  
 Em pé sôbre um accervo de ruinas,

De pedras — cimentadas com cadaveres  
 E sangue! — d'aqui lhe oiço a voz ingente  
 A Romanos e a Numidas bradando,  
 Dando ordens; e co'a intrepida firmeza  
 D'aquella alma, so menor que a tua,  
 Sustentando, contendo o marte adverso...  
 — E a mim de tanto p'riço e tanta glória  
 Não me hade caber nada!

CATÃO.

Nobre Juba,  
 O louro dos heroes custa mais sangue  
 E lagrymas, do que águas leva o Tibre,  
 A cujas ribas cresce a fatal rama.  
 É mais bella, mais pura e digna do homem  
 A do carvalho civico. Vai, Juba:  
 Salva esses cidadãos. Eu tambem tenho  
 Amor á minha glória, e aqui estou. — Quanto  
 Póde inda Bruto sustentar-se?

JUBA.

Uma hora  
 Breve, escassa...

*(olha da galeria)*

Nem tanto porventura!  
 Oh, Catão, aproveita-a, que...

De pedras — cimentadas e cadaveres  
 Não tarda  
 A minha hora... mas não veio ainda,  
 — Vai onde te pedi, vai : não descanço  
 Enquanto éstas galés não desafferram.

## SCENA VII.

## CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Manlio, em que pensas tam profundo?

MANLIO.

Penso  
 Na desgraça de Roma, — que, de todos  
 Abandonada, nem Catão lhe acode.

CATÃO.

Outra vez t'o repitto : meu amigo,  
 Eu — que posso eu j'agora?

MANLIO.

Pódes muito.  
 Teu nome e auctoridade é respeitado  
 Do dictador. Pódes tentar aomenos  
 Um derradeiro esforço apró de Roma :

Talvez ainda stipular com Cesar...

CATÃO.

Com Cesar stipular ! Entrar em pactos  
 Com o forte não póde o fraco : estala,  
 Antes de dado, o laço da alliança,  
 Da convenção, do nome que mais queiras,  
 A taes convenios dar. — Amigo, é baldo,  
 É louco esperar nada mais de Roma.  
 Eu resisti por honra, por estricto  
 Civico pundonor, — não que esperasse  
 Fructo da resistencia : fructo, digo,  
 Para o colhermos nós ; que a resistencia  
 Do povo a seus tyrannos e oppressores,  
 Nunca é van, não se perde. Mallograda  
 A vemos hoje : e o coração fallece  
 A quem ve tanto sangue derramado,  
 Tanto infeliz, tanta miseria — e tudo  
 Em vão... — Mas não foi vão ! — Virá um dia...  
 Quando, não sei ; a Sempiterna essencia  
 Em tábuas de diamante o tem marcado :  
 Virá um dia... — Mas é longe ainda  
 Esse dia de nós. — Ai ! quantas vezes  
 O temos ditto ambos ! Inda agora  
 M'o repettiste, Manlio : Roma é serva

No coração, tem alma escrava ha muito,  
Precisa de tyranno. Catilina,  
Sylla, Mario cahiram de pouca arte,  
De pouco expertos no mester difficil  
De dourar os grilhões : foram lançar-lh'os  
Rudos, negros ao collo inda lembrado  
De antigas ufanias. Julio é outro :  
Sobeja-lhe arte para ser tyranno  
De sua patria decrepita. — Não mata  
Algoz que é so cruel, a liberdade :  
O sangue não a affoga ; reverdece  
No martyrio. — Senhor, como esse, fôra  
Uma benção do ceo sôbre a republica  
Emquanto ella tem fôrças para a cura,  
Que, ja'gora, so pôde dar'lhe o ferro  
D'um tyranno — que rasga, dilacera,  
Estimula, espedaça, — mas, ás vezes,  
Como a espada de Achilles fabulada,  
Sara o que fere. — Porém Cesar !.. Cesar  
É tyranno mais dobre, mais astuto.  
Esse é traidor algoz : não mata a ferro,  
E so vai propinando lentamente  
Venenos incubertos, disfarçados,  
Que, sem travar nos labios, levam morte



Ao coração, — e o derradeiro affogam  
 Desejo, idea, imagem da proscripta  
 Liberdade...

(*silencio longo*)

Oh! — Já vão sabindo o porto,  
 Já largaram as naus. Respiro: um pêsco  
 Ferreo se me tirou de sobre o peito.  
 Estão salvos, e eu livre! — Meu amigo,  
 Tu vais com elles.

MANLIO.

Eu!

CATÃO.

Sim tu, meu Manlio.  
 E Juba vai contigo. — E Marco-Bruto  
 Irá tambem: vou-lhe mandar que cesse  
 O combate, e que as portas abra a Cesar.

MANLIO.

Bruto não cede assim, nem te abandona.  
 E heide fazê-lo eu?

CATÃO.

Sim, hasde. — Marco  
 Hade tambem obedecer-me. Ardente,  
 Arrebatado é o joven, mas sincero,  
 Probo, leal. — Perdoa-lhe, eu te rógo,

Perdoa-lhe, ama-o pelo amor antigo  
De Catão, que t'o pede. — Bruto e Juba,  
Ambos são filhos que adoptou minha alma;  
E ora t'os lego, amigo. — Vai com elles  
E esses poucos fleis que inda restarem,  
Buscar asylo, ou seja na Numida,  
Ou além nas indomitas Hispanhas,  
Ou onde quer que amigos vos acoitem  
Das proscripções de Cesar.

MANLIO.

E tu proprio

Porque não vens connosco? Ó meu amigo,  
O povo com justiça t'o pedia:  
Vamos co'estas reliquias d'outra Cannas,  
Vamos a demandar novo Cannusio,  
Donde talvez, contigo, inda possamos  
Volver a conquistar o Capitolio  
E resgatar a patria. — Das Hispanhas  
Inda não-subjugadas, nos convida  
O filho de Pompeu, que entre esses povos  
Fortes legiões instrue, e co'ellas jura  
Vingar o pae... Surris? — Talvez de incredulo.  
Mais illustres proscriptos (não é elle  
O primeiro) ahi acharam gazalhado,

Defensores e patria... — e patria, amigo,  
 Menos ingrata do que a nossa Roma.  
 E porque não iremos nós entre elles  
 Procurar as fortunas de Sertorio  
 Lá no extrêmo Occidente, n'esses montes  
 Ferozes de sua ingenua liberdade?  
 Depararemos porventura ainda  
 Com algum Viriato que esquecido  
 Não tenha o amor da independencia antiga.  
 Deante d'esses feros Lusitanos,  
 D'esse nobre, indomado povo duro,  
 Já muita vez tremeram de assustadas  
 Aguias romanas, e... — Tu ris!

CATÃO.

Sim, rio,  
 Manlio, e de ouvir-te. O cego entusiasmo  
 De Bruto não se inflamma, não centelha  
 Com mais viva eloquencia, nem lhe rompe  
 Com tanta convicção do íntimo peito.  
 Que seductora é a amizade, Manlio!  
 Tu, cuja razão clara e exp'riimentada  
 Ri das vans esperanças de mancebos,  
 Fez-te mais cego que elles a cegueira  
 Do amor que me tens. Não me quizeste

Inganar, bem o sei, não : o inganado  
Foi o teu coração. — Meu caro Manlio,  
De illusões basta ja : eu nada espero  
(Nem o esperas tu ; bem o conheço)  
Do mancebo Pompeu ou de suas armas.  
Esses barbaros sim — mas será tarde —  
Os barbaros, que tanto desprezamos,  
De quem nós, de quem Gregos, nossos mestres,  
Mofaram tanto — esses hão de ainda  
Os altares erguer da liberdade,  
Que nós, impios, sacrilegos prostrámos.  
Elles accenderão seu fogo sancto  
Para allumiar, purificar a terra.  
Diz-m'o no peito um Deus : n'essa esperança  
Morro : — essa esperança me consola  
No desamparo de morrer sem patria...  
*(fica algum tempo em silencio e meditabundo ;*  
*— levanta-se e prosegue :)*  
Oh ! minha morte não será inutil !  
Um dia inda virá que este meu sangue  
Hoje aqui derramado em sacrificio  
Á Liberdade sancta — reverdeça  
D'ante os olhos da oppressa humanidade,  
É alce clamor com que tyrannos tremam,

E acordem povos...

(depois de longa pausa, em a Manlio,  
e apertando-lhe a mão:)

Manlio, meu amigo,  
Baste este adeus. Não mais: sejamos homens:  
Adeus! — Parte, que é tarde. — Adeus!

MANLIO.

E é força,  
É força... que este seja o derradeiro!

(abraçam-se; — Manlio retira-se lentamente.)

Obedeço-te.

CATÃO.

Vai! — Oh, ver-nos-hemos  
N'outra patria mais bella e mais ditosa...

Meus pais, estes são os filhos... Não resta

Mais um Romano.

### SCENA VIII.

CATÃO so.

Quebrou mais este laço. Foi violento

O golpe... E ha inda aonde fira um golpe

No coração que todo é chaga viva...

Antes callosa úlcera insensível?

Oh, van philosophia!

(pausa longa.)

É morta Roma !  
 É morta Roma... e eu sou vivo ainda !  
 Começa a invergonhar-me ésta fraqueza.  
 Morrer ! — Mas eu receio acaso a morte ?  
 Não porcerto ; não vejo na minha alma  
 Nem a menor saudade da existencia.  
 Sinto no peito o coração tranquillo ;  
 Pelas veias o sangue vai pausado...

### SCENA IX.

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA.

MARCO-BRUTO.

Meu pae, estamos sos alfim... Não resta  
 Mais um Romano em Utica. Os escravos  
 Do tyranno innundaram a cidade.  
 Apenas ésta casa se defende  
 Com um resto de Numidas.

CATÃO.

E o passo  
 Que occulto leva ao porto e ás naus — seguro  
 E livre é inda !

JUBA.

Sim, e guarnecido  
Com cem freixeiros meus : o passo é estreito,  
Facil de defender; nem o descobrem  
Tam cedo.

CATÃO.

Bem está. — Ide, meus filhos ;  
Ide, que Manlio so por vós espera  
Para levantar âncora. Adeus ! — Marco  
Respeita o honrado ancião. — Juba... estremeças ?  
Medo não é. — Tu coras, Marco, e infias  
Ao mesmo tempo ? — Filhos !..

*(deitam-se ambos aos pés de Catão e o abraçam.)*

JUBA.

Tremo, e é medo  
De te deixar, meu pae !

MARCO-BRUTO.

Pae, não te deixo.  
Não eu ! Maldize embora o filho.

CATÃO.

Filho !

Es cruel com teu pae.

MARCO-BRUTO.

Impio me chama :

Não parto. — Fugir eu, salvar a vida  
 E abandonar Catão! Tal se não hade  
 Dizer de Marco-Bruto. Se forçosa,  
 Se a Roma necessaria é ésta fuga,  
 Dá-nos o exemplo tu : vem.

CATÃO.

Mui diff'rentes  
 São os nossos deveres : Bruto deve  
 Para a patria viver ; mancebo é inda,  
 Talvez um dia... poderá servi-la :  
 Catão velho, cançado, e a Roma inutil.  
 So lhe resta morrer.

JUBA, (chamando-se para os lados de Catão e o abraça.)

Morrer !

CATÃO. Não resta

Sim.

MARCO-BRUTO,

(levantando-se)

Morre : —

Mas eu não vivo.

CATÃO.

Vives, que eu t'o ordeno,  
 Que o manda Roma.

MARCO-BRUTO.

Desprezar de sou Roma! — Que o decretem  
Os soberanos deuses, Bruto deve,  
Onde expirar Catão, morrer com elle.

CATÃO.

Meu filho! Ha poucas horas inda eu tinha  
Outro filho... Levou-m'o a patria. Embora!  
Cahiú n'êsta hecatombe derradeira...  
Fiquei eu so das victimas marcadas!

— Mas tu, tu es tambem meu filho... filho  
Da minha escolha, mais querido ainda,  
Que orpham te pôs o crime em meu regaço.

MARCO-BRUTO.

E eu heide abandonar-te nas mãos d'elle!

JUBA.

Abandoná-lo! Aqui mórremos ambos  
Comtigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO.

Juba,

Tuas obrigações são mais restrictas  
Que as d'elle ainda. Onde o podêr supremo  
Se tolera n'um so, — todo lhe incumbe,  
É responsavel pelo incargo inteiro  
Da republica. Deves-te a ella, principe;

Não es teu ja.

MARCO-BRUTO.

Meu pae, os teus preceitos  
Foram, como os decretos soberanos  
Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje,  
Não te obedeco. Eu d'aqui não saio.

JUBA.

Nem eu.

*(silencio consideravel: Catão medita algum tempo)*

CATÃO.

Ficae embora : mas jurae-me  
Que salvareis a vida.

JUBA.

Juro.

MARCO-BRUTO.

Juro

Se... — Jurarei — se... Ah ! Mas tu...

CATÃO,

*(tomando-o pela mão)*

Meu filho,  
Marco-Bruto, meu filho... Oh, que este nome  
É de todos os nomes o mais doce !  
Pela vez derradeira um pae te falla,  
E tu não hasde ouvir as vozes d'elle !

Minha extrêma vontade, hade o meu filho  
Desprezar de seu pae! O último rôgo  
Ja feito sôbre a margem do sepulchro,  
Hasde esquecê-lo tu? Catão supplica,  
Pede Catão, e Bruto não o attende!  
Meu filho, vem, recebe no teu peito  
O longo, o saudoso adeus da campa,  
Que so vai terminar na eternidade...

*(abraçando-o)*

— Este abraço de morte inda é romano,  
Éstas mãos que te appertam não tem ferros!  
Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.  
Não podes ser Romano, — mas sê homem.  
Roma acabou-se, — resta-te a virtude.  
Ja não tens patria, — mas tens honra ainda.  
Vai — apenas o estado mais tranquillo  
Das coisas o permitta, repousar-te  
Nas avitas Sabinas: deixa o mundo  
A Cesar, e tu vive socegado  
Cultivando o teu campo. Glorioso  
É aquelle terrão que tantas vezes  
O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava.  
Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,  
A minha Porcia: pela antiga usança

Da boa e velha Roma foi criada :  
 Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e intrego,  
 Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus filhos.

*(abraçam-se todos tres)*

Recordae-vos de um pae que vos amava,  
 Para chorá-lo, não, que morreu livre ;  
 Mas para vos lembrar de seus conselhos,  
 Para segui-los sempre. Adeus !

*(vai a tomar a espada do abaco, e não a acha)*

Traidores ! —  
 Que fizestes ! Quereis ir intregar-me  
 Escravo, servo com as mãos atadas,  
 Aos algozes de Cesar, ou á infamia  
 Peior, maior, de seu perdão ? Ingratos,  
 Vós meus filhos não sois : eu vos abjuro,  
 Vos renego,

## SCENA X.

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO.

MANLIO,

*(trazendo a espada imbrulhada na toga)*

Fui eu, fui eu : perdoa-me ;

Não pude resistir... Cuidei... — Occulto

*(apontando para uma porta interior)*

Vigiava d'alli... Mas ja é tarde.

Meu amigo, estão ja n'esse atrio... Foge,

Foge, ou...

CATÃO.

Fugir eu! Dá-me essa espada.

*Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente:)*

Dá-m'a!

*(Manlio entrega a espada.)*

Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria,

*(fere-se)*

Ja não ha mais que a vida — ei-la: recebe-a:

Vamos, aomenos, junctos ao sepulchro...

*(cai: — tomam-o nos braços)*

MARCO-BRUTO.

Meu pae!..

JUBA.

Venceste, Cesar, o universo:

Não venceste Catão. Dae-lhe ésta glória,

Iniquos deuses!

MANLIO.

Expiraste, ó Roma!

Amigos, estes ultimos instantes,  
 Não m'os façais amargos. Por piedade...  
 Essa dor — a meus olhos — occultae-a...  
 Não me deis — morte... morte de — covarde...

*(desfallece)*

MARCO-BRUTO.

Oh meu pae!

*(procuram estancar-lhe o sangue.)*

MANLIO.

Meu amigo! Que velhice,  
 Que extremos dias me guardava o fado!

*(ouve-se alarido de soldados que se approximam:  
 tiram todos as espadas.)*

JUBA.

Morramos defendendo este cadaver.

CATÃO,

*(tornando a si)*

Impios! — o juramento...

## SCENA XII.

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO;

DECIO *com legionarios de Cesar.*

DECIO.

Paz! clemencia!

Paz em nome de Cesar! Honra e glória

Ao seu nobre inimigo, ao homem grande

Que o dictador magnanimo respeita,

*(dá com os olhos em Catão)*

Ama, e... — Oh! que vejo! tu...

CATÃO,

*(esforçando-se para fallar)*

Ja — na... da

Tenho... que... recciar... de... suas... iras..

Nem... de... seus beneficios... — Mas, amigos,

Vós trahis-me! Porque... vedar-me o sangue?

Deixae-me — eu sei morrer.

*(mette as mãos ambas na ferida, e, rasgando-a)**com o último esforço, exclama:)*

Oh... Ro... ma!

*(expira.)*

MANLIO.

É morto

Com a patria nos labios. — Ai, que patria  
Lhe fadaram os ceos!

*(silencio longo)*

MARCO-BRUTO,

*(para Decio)*

Contempla, indigno,  
Contempla a tua obra. Le, perverso,  
No horror d'aquella chaga os teus delictos.  
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,  
Leva-os a teu senhor: da-lhe, que o beba,  
Na taça da ambição aquelle sangue...  
C'um parricidio mais orna-lhe a glória.  
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado  
Porque não vem gosar do seu triumpho?  
Venha, venha rever-se no seu crime;  
Venha, venha folgar sôbre o sepulchro  
De Catão e de Roma... Quer mais sangue?  
Resta-lhe o meu... — Pois venha derramá-lo:  
Tome-o, dou-lh'o: — resgate-me da infamia  
De o trazer n'estas veias... — mate a sêde  
Do coração atroz...

*(canta)*

DECIO. — Sou filho d'elle, sou... — Lembra-te, ó Marco,  
Da carta...

MARCO-BRUTO. — D'elle... —  
Que vieste recordar-me!

(pausa)

Sabes o que disseste? — Mal conheces  
Que sentença de morte proferiste.

Eu, elle não... — Porquê? O parricida

É elle, não sou eu. Se é d'elle o sangue,

Para que m'o legou com tantos crimes?

— Abominado sangue!..

(depois de breve pausa, vai direito a Decio, trava-  
lhe da mão, e apontando para o cadáver:)

Ves aquelle?

Aquelle sangue é que é o meu, escravo.

Sórvi-o, gotta a gotta, co'estes labios;

E entrou no coração, todo; — aqui todo

M'o deixou a vingança inthesourado.

(ajoelhando deante do cadáver, arranca-lhe  
o punhal, e levanta-se:)

Este ferro, este ferro precioso

É legado d'um pae... — Pae... oh, que nome!

Onde ha maldicção como ésta minha?

Sou filho d'elle, sou : — e heide mostrar-me  
 Digno do pae no parricidio... — Oh ! tremes,  
 Covarde coração ! Que horror ! Eu filho  
 D'elle... d'elle ! — Não sou ; é falso : mente.  
 Sou filho so de Roma. — Pae ja tive...

*(apontando para o cadaver)*

Quem m'o roubou ? — O mesmo parricida  
 Que matou Roma. E heide eu ter remorsos ?  
 Remorsos !... — Insinou-me a despezá-los  
 Esse a quem devo... — Devo so vingança.

*Pronuncia as tres últimas palavras com grande*

*brado, e alevantando a espada para o cco. —*

*Cai o panno.*

Onde ha maldicção como esta minha ?

## NOTAS

### AO ACTO PRIMEIRO.

## NOTAS.

Primo sobrinho de César.

De Juba Pompeu. . . . . De 1, pag. 80.

Os defensores de Ulica eram principalmente os restos do exército de Cneu Pompeu que nos planos de Pharsalia fôra completamente derrotado por César. A este Pompeu chamaram o grande por seus grandes feitos: era de nobre familia equestre; teve por esposa Strabo e Lucilla. Seguiu, nas facciosas guerras de Sylla e Mario, as partes do primeiro; e não tinha mais de vinte e seis annos quando, ja conhecido por sua elegancia no fôrô, foi ganhar passmosa celebridade como general, conquistando e tirando do poder de Mario a Sicilia, e logo, em

Sou filho d'elle, sou: — e heide mostrar-me  
 Digno da pae no parricidio... — Oh! trames,  
 Covarde cotação! Que horror! Eu filho  
 D'elle... d'elle! — Não sou; é falso: mente.  
 Sou filho so de Roma. — Pae ja tive...

*(apontando para o cadaver)*

Quem m'e roubou? — O mesmo parricida  
 Que matou Roma. E heide eu ter remorsos?  
 Remorsos! — Insinu-me a desprezá-los  
 Esse a quem devo...? — Devo so vingança.

*Pronuncia as tres palavras com grandes...*

**NOTAS**

*brada, e accantando a cabeça para a...*

*Com o patre...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

*...*

## NOTAS

### AO ACTO PRIMEIRO.

#### NOTA A.

Fracos sobejos da fatal derrota

Do infeliz Pompeu. . . . . Sc. I., pag. 59.

Os defensores de Utica eram principalmente os restos do exército de Cneu Pompeu que nas planícies de Pharsalia fôra completamente derrotado por Cesar. A este Pompeu chamaram o grande por seus grandes feitos: era de nobre familia equestre; seus paes Pompeu Strabo e Lucilia. Seguiu, nas facciosas guerras de Sylla e Mario, as partes do primeiro; e não tinha mais de vinte e seis annos quando, ja conhecido por sua eloquencia no fôro, foi ganhar pasmosa celebridade como general, conquistando e tirando do poder de Mario a Sicilia, e logo, em

quarenta dias, a Africa toda. A victoria era por conta de Sylla ; mas Sylla tremeu de seu proprio auxiliar, e o mandou voltar a Roma. Veio elle, mas, não contente do titulo de *Grande* com que foi saudado por seu patrono, quiz, exigiu e obteve porfim as honras do triumpho que a nenhum simples cavalleiro romano até então se tinham dado. Ja não era o cliente mas o rival de Sylla ; por sua propria conta logo, foi combater, e venceu o resto da facção de Mario commandada por Lepido ; obteve novo triumpho, e foi nomeado consul. No seu consulado restabeleceu a dignidade do poder tribunicio, e em quarenta dias veio a cabo dos piratas do Mediterraneo que perseguiu até suas extremas guaridas da Cilicia. O partido popular, que serviu sempre, com ser de habitos e inclinações aristocraticas, lhe fez dar o commando do exército d'Asia na famosa guerra Mithridatica ; venceu prompto os dous tremendos inimigos de Roma, Mithridates e Tigranes, e dispoz do Oriente como de coisa sua ; deu, tirou coroas, e so de uma vez recebeu a homenagem de dôze reis. Conquistada a Syria, reduzida a Judea a provincia romana, voltou á Italia, e quando os Romanos tremendo curvavam ja o collo ao novo senhor que n'elle esperavam, Pompeu, desarma as legiões, e entra em Roma como simples cidadão. Valeu-lhe a modestia um novo triumpho e o amor dos verdadeiros republicanos, que ja eram menos e mais corruptos, mas ainda poderosos. Entraram no thesouro, com os despojos que intrégou, 20:000 talentos ; e as ren-

das do erario cresceram de 50 a 85 milhões de drachmas. Mas Pompeu não amava sinceramente a liberdade, senão o podêr; e so affectava humilhar-se e cortejar o povo, para dominar em seu nome. Logo o mostrou, formando com Cesar e Crasso aquelle primeiro triumvirato que não so foi norma do segundo, mas de todas as ligas tyrannicas que, sob diversos nomes e pretextos, teem avexado as nações e o mundo. A Crasso tocou a Syria, a Pompeu Africa e as Hispanhas, Cesar ficou com o resto e com o govêrno da Gallia. — A liga quebrou-se logo com a derrota de Crasso por uma parte, — e por outra com a morte de Julia, filha de Cesar que, dada em casamento a Pompeu, era um dos pinhores da união. Pompeu, fomentando a anarchia em Roma, queria tornar necessaria a dictadura que ambicionava. Cesar quiz o consulado, e obtivera-o se não fosse a opposição de Catão. Recusaram-lh'o, e marchou sôbre Roma. Pompeu fugiu; com elle os consules e parte do senado, que lhe deram o podêr discrecionario que desejava: a sua causa era popular pela assistencia de Catão a quem metiam mais medo as declaradas intenções de Cesar contra a republica, do que os proprios vicios de Pompeu, — que todavia a minavam e destruiam do mesmo modo. Tudo porêr cedeu ás disciplinadas legiões de Cesar, que perseguiu Pompeu até á Grecia, onde se deu emfim a celebrada batalha de Pharsalia; perdida a qual, Pompeu foi obrigado a fugir disfarçado e a ir buscar asylo no Egypto juncto a elrei

Ptolemeu, que infamemente o trahiou, mandando-o matar apenas desimbarcou. Cesar, a quem o indigno rei mandou a cabeça do seu amigo, fugiu horrorizado da vista atroz, e derramou muitas lagrymas. Foi morto Pompeu no 48 anno A. C. N., com 59 de idade. Catão, com os

Fracos sobejos da fatal derrota

De Pompeu,

foi junctar-se com Scipião em Africa; e, desbaratado tambem este pelas irresistiveis armas de Cesar, acolheu-se a Utica, na situação em que o presente drama o figura.

Veja *Valer. Max.* 2, cap. 10; *Plut.*, *vita Pomp.*; *Vel. Paterc.* 2. c. 29; *Dio. Cass.*; *Caes. de bell. civ.*; *Eutrop.*; *Cic. ad Attic.*, *orat.* 68 etc.; *Flor.* 4.

#### NOTA B.

Qu'ê'd'ella a liberdade?

Quanta nos deram Mario, Sylla?—Quanta

Nos daria Pompeu se triumphante

Com suas legiões volvesse ao Tibre. . . Sc. II., pag. 65.

O que sería Pompeu se triumphasse de Cesar, e de Pharsalia marchasse vencedor sôbre Roma, em vez de fugir vencido para Alexandria, bem se pôde inferir de suas inclinações, que o proprio Catão conhecia muito bem, apesar de o patrocinar sempre contra Cesar, por princípio

de politica, esperando quebrar na opposição éstas duas ambições rivaes que ameaçavam a liberdade. Na nota anterior se viu o resultado d'essa combinação, que não podia ser outro senão o triumpho de um dos dous tyrannos. A antiga constituição de Roma estava destruida, ja se não podia restabelecer. Muito grande, muito ricca, muito corrupta, era-lhe forçoso servir. As facções armadas disputam sos, ha muito, do podêr que se dizia havido do povo, em quanto o povo passava da tyrannia de Mario para a de Sylla, da d'este para a d'aquelle, sem ousar tomar parte n'uma questão que so era sua, porque, vencesse qual vencesse, elle povo tinha de pagar o triumpho.

Mario era um camponez rustico; das fileiras subiu a general, e seis vezes foi consul. Sylla nobre e pulido, mas pobre, chegou a ser riquissimo, foi dictador e dominou o mundo. Aquelle á frente da facção popular, este da aristocratica, ambos disputaram de tyrannia, de atrocidades e de crimes. Qual degollou mais cabeças, qual derramou mais sangue? Não sabe responder a historia, não o poderiam dizer nem os contemporaneos. Mario prezava-se de ignorante, do desprêzo em que tinha as letras, do odio que professava a seus cultores. Sylla foi splendido patrono das sciencias e das artes. Mas a um a ignorancia, a outro a instrucção levaram aos mesmos crimes e sepultaram nos mesmos vicios. De Mario sabemos que morreu na imbriguez; de Sylla, comido de piolhos pela corrupção em que sorçidas crapulas lhe pozeram o sangue.

Nenhum amava a liberdade, nenhum a serviu; mas ambos a arvoraram em seus vexillos para capa de paixões, de odios, de ambições, de caprixos pessoases. Mario, homem do povo, atirava ao povo com as cabeças dos senadores e cavalleiros romanos; e o povo tonto gritava: Viva a liberdade! — Sylla, nobre e cavalleiro, mandava espetar nas pontas das lanças dos seus as cabeças dos amigos de Mario; e as classes superiores gritavam: Viva a liberdade! — E todos diziam bem em seu sentido; porque, em *lingua facciosa*, LIBERDADE quer dizer a dominação do meu partido sobre o contrario.

Qual foi a consequencia? que os Romanos se cançaram porfim, e Cesar reinou absoluto.

Veja *Cic. in Verr. etc.*, *C. Nep. in Attic.*; *Tit. Liv. 75 etc.*; *Paus. 1, c. 20*; *Val. Max. 12*; *Flor. 3, c. 5 e I, 4 c. 2*; *Polyb. 5*; *Just. 37 e 38*; *Plut. in vit.*; *Eutrop. 5, c. 2*; *Vel. Pat. 2, 17*; *Luc. 1*; *Virg. Aen. 6*; etc.

### NOTA C.

#### Os Quincios

Ja não voltam. . . . . Sc. II. pag. 65

Lucio Quincio Cincinato deixou o seu nome e glorioso desinteresse em proverbio aos Romanos, e de perpétua accusação e vituperio aos falsos republicos de todas as

nações para quem o enthusiasmo da liberdade não é senão capa de ambição e de inextinguível sêde de dominio. Viveu á volta de 460 A. C. N. É bem sabida a sua historia. Andava lavrando e com a mão á rabiça do arado quando lhe chegou mensagem do senado que o elegêra dictador. Deixou com pezar o sulco meio-aberto, mas correu ao campo; venceu os Volscos e Equos que cercavam o exército romano e entrou triumphante em Roma. Dezeseis dias depois da eleição, depôs a dictadura e voltou á sua lavoura. Outra vez foi chamado á dictadura quando ja octogenario; venceu, e no fim de vinte dias tornou a depor o poder supremo, recusando todaa as recompensas que lhe queria dar o senado.

Veja *Cic. de Fin.* 4; *Flor.* 1; *Tit. Liv.* 3.

#### NOTA D.

. . . Aquella pobreza sancta e livre

De Fabricio. . . . . Sc. II. pag. 63.

Caio Fabricio é outro nome que as antigas virtudes romanas fizeram proverbial no mundo. Quatrocentos talentos (320:000:000 réis) entraram no thesouro, dos despojos das victorias que ganhou contra os Samnites e Lucanios em seu primeiro consulado; elle ficou pobre como d'antes. Dous annos depois, indo de embaixador a Pyrrho, recusou com indignação os presentes e offertas do

attonito rei, que ainda mais o ficou quando o proprio embaixador lhe veio denunciar a traição do seu medico que se offerecêra para o invenenar. Morreu e viveu na maior pobreza: foi interrado a expensas públicas; e duas filhas que deixou foi, necessario que as dotasse o Povo Romano, como liberalmente fez.

Veja *Plut. in Pyrrh.*; *Val. Max.* 2, 4; *Cic. de off.*; *Virg. Æn.* 6.; *Flor.*

#### NOTA E.

Marco Tulio venceu a Catilina.

E hoje mollemente passeiando

Em seus jardins de Tusculo, revendo-se

Em marmores de Athenas, manso e quedo

Philosophando vai. . . . . Sc. II., pag. 63 — 4.

Cicero, depois da derrota de Pharsalia, acolheu-se para Brundusio; e amnestiado por Cesar, foi viver retirado no campo, com os seus livros e os seus marmores: gôsto e paixão que sempre teve e de que o partido *irracional* lhe fazia crime, segundo costuma. Receioso dos projectos liberticidas de Julio Cesar, que ja na questão de Catilina se tinha de sobejo denunciado, Cicero seguira, sem se fiar n'elle, as partes de Pompeu; mas não amando menos a liberdade do que o proprio Catão, julgou todavia inutil o sacrificio de ir com elle para Africa; e dando

por perdida, desde Pharsalia, a causa da Liberdade, as-  
sentou de se abster, como homem de bem, de toda a par-  
ticipação em negocios publicos, e dar-se todo aos seus  
caros estudos da philosophia e das lettras.

Depois da morte de Cesar, voltado ao poder o partido  
que se honrava de contar a Cicero entre os seus, o illustre  
orador recusou do mesmo modo os cargos publicos, e  
toda a sua influencia impregou em dissuadir de vingan-  
ças. Pagaram-lh'o, como costumam, os que dirigiram a  
reacção que depois veio: no segundo triumvirato, o de  
Antonio, Lepido e Augusto, Cicero foi sacrificado á sa-  
nha de Antonio, e assassinado, aos 63 annos, 11 mezes e  
5 dias de sua idade, e 43 A. C. N., no caminho de Caie-  
ta para onde fugia n'uma litteira. Cortaram-lhe a cabeça  
que levaram para Roma e a penduraram no fóro. Aquel-  
la eloquentissima das linguas romanas foi ahi publicamen-  
te traspassada de uma agulha femil pela propria  
mão da mulher do triumviro, a vingativa Fulvia.

Cicero era um verdadeiro *doutrinario*, no bom e leal  
sentido da palavra, sincero amigo da liberdade, mas con-  
trário ás vinganças e cruéis odios dos partidos: d'ahi  
o respeitavam e odiavam os mandões d'elles todos. O po-  
vo chorou-o, e a posteridade ainda não admirou nin-  
guem mais.

Veja *Cic. orat.*; *Flor.*; *C. Nep. in Attic.*; *Quintil.*;  
*Plut. in vit.*; *Dio. Cass.*; *Apian. etc.*

## NOTA F.

Que resurgissem

Os Gracchos. . . . . Sc. II, pag. 64.

Tiberio e Caio Graccho eram filhos de T. Sempronio Graccho, duas vezes consul e uma censor, e de sua mulher Sempronia, da familia dos Scipiões, matrona de grande virtude, espirito e piedade, mãe exemplar no desyelo e amor com que os educou. Ambos foram eloquentes oradores, e exagerados propugnadores do principio democratico ao qual queriam fazer subservientes todos os outros elementos da sociedade. Mas eram sinceros em suas opiniões, leaes e constantes em seu procedimento.

Tiberio quiz restaurar a lei agraria, e conseguiu pela violencia fazer decretar denovo ésta antiga origem das maiores desordens e calamidades de Roma. Mas no meio de seu triumpho, rodeado da plebe toda que o ia reelegger tribuno, foi atacado em pleno fóro por P. Nasica, e assassinado vergonhosamente no meio do povo attonito que o abandonou de covarde.

Socegaram por algum tempo as desordens. Mas Caio, que tambem foi tribuno, e muito mais exaltado que seu irmão, fez em breve recrudescer todos os antigos odios; usurpou de facto a auctoridade suprema, em nome das

*massas* (como hoje se diz) opprimiu as outras classes todas, e levou a tal ponto os vexames, que excitou uma reacção tremenda contra si. Tambem este foi abandonado pelo povo, obrigado a fugir, e enfim morto por ordem do consul Opimio no templo de Diana onde se refugiára, A. C. N. 121, á volta de treze annos depois de seu irmão Tiberio.

Lançaram-lhe o cadaver no Tibre, e prohibiram a viuva de tomar lucto por elle!

Veja *Plut. in vit.*; *Cic. cat. 1*; *Luc. Ph. 6*.

#### NOTA G.

Quando a favor dos *mobiles Quirites*

Tinha sédes-curues e tribunatos,

Consulados que dar. . . . . Sc. III., pag. 66.

Ficou-se chamando *Quirites* aos Romanos desde que admittiram na sua cidade os Sabinos de *Cures*, donde derivaram *Quirites*.

Veja *Varr. de LL. I. 4. lib. 1*; *Ovid. fast. 3*.

Sédes Curues eram dadas so aos grandes magistrados ou altos funcionarios da republica, o dictador, os consules, os censores, os pretores e edís. Eram cadeiras de marfim em que nos actos publicos tomavam assento. Os senadores que tinham servido aquelles cargos conservavam as honras da cadeira de marfim, e n'ella eram levades ao

senado por seus escravos. Tambem o triumphador subia ao Capitolio em séde curul.

O tribunato, foi creado no anno U. C. 261, depois da celebrada dissensão do Monte-Sacro. Os tribunos, ao principio dous, subiram logo a cinco, e d'ahi a dez. Tinham o *veto* nos decretos do senado, convocavam as assembleas populares ou comicios, julgavam em muitos casos de crimes publicos. Annullou-os Sylla, cerceando-lhes as attribuições; restituiu-lh'as Pompeu. E de tal modo tinham usurpado porfim a auctoridade soberana da republica, que Augusto, para instaurar definitivamente a tyrannia, fez-se tribuno perpétuo.

Havia, além d'estes, os tribunos *militum*, chamados *laticlavii* ou *augusticlavii* do particular uniforme que traziam os de origem patricia ou equestre; e se diziam *rutuli* os nomeados pelo consul, *comitiati* os nomeados pelos comicios.

Depois houve tambem os tribunos dos pretorianos: os tribunos *ararii*, especie de pagadores das tropas; e os *tribuni voluptatum* encarregados dos espectaculos publicos. Romulo tinha nomeado os capitães da sua guarda *tribuni celerum*.

O officio dos dous consules annuaes substituiu o dos reis expulsos em 244 A. U. C. — Eram ambos patricios até 388 A. U. C. em que se decretou que um fosse do povo, outro da classe patricia. A lei requeria, nos candidatos a este primeiro cargo, 43 annos de idade, e o ter

servido os impregos de questor, edil e pretor. Mas pouco caso se fez d'esta, assim como de muitas outras leis constitucionaes, quando as facções democratica ou aristocratica desequilibravam o estado, até que veio — forçosamente! — a tyrannia. Depois, duraram de nome até o anno de 1294 A. U. C. ou 541 A. D. em que Justiniano aboliu totalmente o simulachro d'esta auctoridade que so existia nominalmente desde Augusto.

○ Durante a republica eram eleitos pelo povo.

#### NOTA H.

Que podem os *ciosos* cavalleiros,

Os *suberbos* patricios? . . . Sc. III., pag. 67.

A ordem equestre era a intermédia entre os patricios e a plebe; foi talvez a que deu maiores homens á republica. Chama o texto *ciosos* aos cavalleiros, porque effectivamente o eram, e eternamente o serão todas as classes médias, collocadas, por sua posição, entre a preponderancia moral das dignidades e riqueza da aristocracia, e a fôrça material do número das classes inferiores. O *ciu-me* será tanto maior quanto menos equilibrada for a constituição por excesso democratico, ou aristocratico — ou monarchico.

## NOTA I.

Ei-lo aqui vem o principe dos Numidas . . . Sc. IV., pag. 75.

O principe dos Numidas aqui introduzido é um character verdadeiramente historico. Seu pae Juba I., amigo de Pompeu, resistira a Julio Cesar até ser derrotado em Thapso, pelo quê perdeu o reino e se deu a morte. O moço Juba tinha seguido o partido dos amigos de seu pae; nenhum estrangeiro foi nunca tam popular entre os Romanos nem se *romanizou* tanto. Captivo e levado por Cesar em triumpho depois da guerra, por tal modo ganhou a benevolencia de todos, grandes e pequenos, em Roma, que Augusto lhe veio a restituir o reino entre os applausos geraes. Escreveu em Grego e Latim de diversos assumptos; historia, zoologia, grammatica etc.

Vejá *Orosio, Strab., Suet. e Dion. Hal.*

## NOTA K.

O genio de Quirino que está n'elle . . . Sc. V., pag. 77.

Nome que os Romanos davam a Marte, seu principal padroeiro, e a Romulo tambem que imaginaram filho d'aquelle.

Vejá *Ovid. fast. 2.*

## NOTA L.

Troa como echo d'essa voz divina

Com que a nossos avós salvou da infamia

Jove Stator. . . . . Sc. VI., pag. 82.

Jupiter (ou Jove) *Stator* era adorado em Roma no templo que lhe levantára Romulo sob ésta invocação, em memoria do milagre que alcançára, fazendo (*stare*) parar, sustar, os Romanos que fugiam dos Sabinos.

Veja *Tit. Liv. ; Flor. etc.*

## NOTA C.

## AO ACTO SEGUNDO.

## NOTA A.

Lictores,

Expulsão o insensato. . . . . Sc. I., pag. 94.

Os lictores eram officiaes que acompanhavam sempre os consules, ou as auctoridades que estavam *potestate consulari*, como Catão aqui em Utica.

## NOTA B.

Roma não tinha leis quando Tarquinio

De cidadãos romanos fez escravos? . . . Sc. II., pag. 97.

A constituição de Roma foi livre desde Romulo e Numa: os ultimos Tarquínios fizeram-se tyrannos, e por taes cahiram e trouxeram a republica. É a inevitavel e perpétua reacção da sociedade: os excessos monarchicos trazem a democracia, os desvarios demagogicos a tyrannia.

## NOTA C.

Vossas imagens sentirão a affronta

Quando a minha levada em pompa infame

Deante do vencedor. . . . . Sc. II., pag. 103.

No Capitolio estavam as imagens dos homens grandes da republica. Cesar comeffeito levou, no seu triumpho, a imagem de Catão deante de si, ja que o não pôde levar em pessoa. E o povo não se fartou de dar vivas ao triumphador! — Catão prophetiza aqui o que realmente veio a succeder. Levar as imagens dos mortos em triumpho, é como hoje diriamos inforçar em estatuas.

Veja *Plut. Cat. min.*

## NOTA D.

Decio um homem equestre! . . . . Sc. V., pag. 103.

*Homo equestris* — por, cavalleiro, da ordem dos cavalleiros ou equestre.

## NOTA E.

Deante do teu, seu genio accovardado

Vacilla. . . . . Sc. V., pag. 109.

É como se hoje dissesse um piedoso christão: 'O meu anjo da guarda treme deante do teu.' Tinham os Romanos — e os Gregos, e creio que todos os povos — que a cada homem era dado por Deus um genio, *δαίμων*, que d'elle tomava conta á nascença e so na morte o largava. A este, que os Romanos principalmente chamavam *Genius*, referiam o homem moral todo, o podêr intellectual e dirigente do individuo.

Vencia Scipião uma batalha, era o *genio* de Scipião que a ganhava; predominava Augusto sôbre Antonio, era o genio de Antonio que succumbia ao de Augusto.

Assim Racine, tam propriamente e com tanto sabor romano, fez dizer a Nero, fallando de Agrippina:

Mon génie étonné tremble devant le sien.

Britann. act. II., Sc. 2.

Veja. *Cicer. tusc. I.*; *Plut. de gen. Socr.*

### NOTA F.

. . . Por elle subirei aos Rostros. . . Sc. V., pag. 111.

Logar alto no fóro, ornado com as proas, ou espontões das proas, das galés tomadas aos inimigos, e que dahi tirava o nome de *Rostris*, os *espontões* ou pontas ferradas dos navios antigos. A este logar subiam os oradores, como a tribuna, para fallar ás turbas.

### AO ACTO TERCEIRO.

#### NOTA A.

. . . Nossos avós, austeros guardas

Da patria liberdade, se opposeram

A que artes gregas na severa Roma

Ousassem metter pé. . . . . Se. I., pag. 113.

Os austeros Romanos da tèmpera velha tinham medo á civilização, e ás artes que da Grecia lh'a traziam. Cato censor, ditto o velho ou *Cato major*, foi um d'esses.

A aristocracia republicana, que é sempre a mais dura de todas por necessidade de posição, era a que mais temia os progressos das luzes entre o povo. Por vezes expulsaram da cidade os philosophos e os grammaticos e *rhetores* que, diziam elles, corrompiam a mocidade. Avalliem-se por aqui os desvarios que a este respeito disse o democratico Rousseau, e fizeram os seus discipulos.

M. Bruto, criado nas antigas austeridades, e fanatico sincero na sancta causa da liberdade, imagina portanto que os Gregos, então ja vassallos de Roma, se vingavam de seus senhores, mandando-lhes estes fataes presentes para a corromper.

Proconsules se chamavam ordinariamente os que iam governar as provincias sujeitas da republica. O que administrava a Grecia dizia-se proconsul da Acchaia.

Harmodio e Aristogiton foram dous celebrados athenienses que libertaram a patria do jugo dos Pisisfratos, A. C. N. 510.

Veja *Plut Cat. maj.*; *Paus. 1*; *Herodot. 5, c. 55.*

#### NOTA B.

Servilia, minha irman, por essas eras

Dava mate ás bellezas mais falladas

Da capital do mundo. . . . . Sc. II., pag. 126.

São historicos e authenticos os illicitos amores de Julio

Cesar com Servilia, irman de Catão; e foi commum, quasi geral, a crença pública de que Marco Junio Bruto era filho d'elle e não do marido de sua mãe, distincto jurisconsulto que tambem se chamava M. Junio Bruto.

Na narrativa do texto so ha alguns ornatos de ficção; o fundo é real. Mas foi menos tragico; porque nem Servilia foi seduzida, e era ja casada e experta, nem parece que mulher de se deixar morrer porque a deixasse um amante.

Catão certamente levava a mal éstas immoralidades, mas não com o sentimentalismo que aqui lhe dá o poema. Parece até, pelo que se deprehende dos historiadores, que Servilia é quem fizera a côrte ao elegante Cesar, que foi grande *dandy* nos seus tempos.

Um dia lhe escreveu ella uma carta apaixonada e cheia de requebros com que lhe pintava seu amor: mandou-lh'a ao senado onde estavam em sessão. Era no calor dos debates sôbre a conspiração de Catilina. Catão que viu intregar uma carta a Cesar, protestou que era dos conspiradores e exigiu que se fizesse leitura d'ella. Cesar não respondeu, e intregou a carta a Catão. Mal a correu com os olhos o austero senador, e indignado lhe atirou com ella, exclamando: *toma, bebado.*

N'aquelle tempo diziam-se as coisas pelo seu nome.

Veja *Corn. Nep. Att.*; *Plut. in Cic.*

## NOTA C.

Ver-te-hei com estes olhos

Varrendo a Sacra-via — não co'a toga

Negra que tua stoica vaidade

Ostentava no fóro. . . . . Sc. VI., pag. 151.

Catão trajava sempre de escuro: o que os seus inimigos attribuíam a affectação philosophica.

Veja *Plut. in Cat. min.*

## NOTA D.

Eu sei, Romano, que sou barbaro . . . Sc. VII., pag. 152.

Gregos e Romanos chamavam barbaros a todos os outros povos. So talvez a favor do Egypto faziam excepção, por d'ahi lhe terem vindo essas mesmas luzes com que tanto se desvaneciam, e por que se reputavam, e eram, superiores aos outros povos da terra.

Veja *Tit. Liv. F. c. 56. II. c. 1 etc.*; *Dion. Hal.*

*c. 57; Virg. Æn. 9; Plut. in vit. Brut. et Cæsar.*

## NOTA E.

Quanto mais prézo e quero o fôro augusto

De cidadão romano, que essa c'roa

De tanto sangue e lagrymas banhada

Na frente de meu pae, . . . . . Sc. VII., pag. 133

No auge de grandeza e dominação da republica os reis solicitavam o fôro de cidadão romano, e se prezavam d'elle mais que de nenhum outro titulo. Quanto aos reis Jubas, pae e filho, veja, para intelligencia d'este ponto, a nota I ao Acto I., Sc. IV.

## NOTA F.

Ao parricida

Da patria, . . . . . Sc. VII., pag. 159.

Dizia-se parricidio, no sentido generico, todo o homicidio de proximo parente: ao matricidio, até ao que mais propriamente diriamos *filicidio*, se deu este nome. Parricidio e parricida da patria, é expressão exacta.

ella, exclamando: *toma, bebado.*

N'aquelle tempo diziam-se as coisas pelo seu nome.

Veja *Cora. Nep. Att. ; Plut. in Cic.*

## AO ACTO QUARTO.

## NOTA A.

Bruto, esse nome que te inleva tanto

Não se illustrou assim; o ouro escondido

No baculo. . . . . Sc. II., pag. 147.

Falla-se aqui de Lucio Junio Bruto, ascendente d'este Marco Junio Bruto. Lucio era filho d'outro Marco e de Tarquinia filha de Tarquinio Prisco, que ambos, com seu filho mais velho, mandou matar Tarquinio superbe. Chamaram-lhe, por alcunha, *Bruto*, porque bruto e estúpido se fingiu para escapar ás proscricções de Tarquinio superbe. É muito sabida, e passou em proverbio, a allegoria do baculo ou bordão tosco de sabugo, que trazia na mão como simples que se fazia, com o ouro escondido no amago como fino que era. Por morte de Lucrecia, 509 A. C. N., Bruto mostrou devéras quem era.

A alcunha porém tornou-se em appellido, e os da familia Junia todos se honraram, d'ahi em diante, do verdadeiro fidalgo nome de Brutos.

Veja *Tit. Liv. F.*, e 56, *II. c. 1 etc.*; *Dion. Hal.* 4 e 5; *Virg. Æn.* 6; *Plut. in vit. Brut. et Caes.*

## NOTA B.

Foi menos glorioso o sacrificio

Dos Fabios. . . . . Sc. III., pag. 150.

Trezentos e seis valentes cidadãos compunham a poderosa e nobilissima familia dos Fabios quando se arrojaram a tomar sôbre si, sem mais auxílio público ou particular, a guerra de Veios. Fizeram prodigios, mas succumbiram na batalha campal de Cremera, ao desmesurado número dos inimigos. Toda a familia alli pereceu com as armas na mão, excepto um que, por criança, ficára em Roma e do qual procedeu depois a illustre descendencia dos Fabios.

Vinham originariamente de honrados lavradores cuja principal lavoura eram favas, *faba* em Latim, e d'ahi *Fabii*, faveiros.

Veja *Tit. Liv. II.*; *Dion. Hal. IX.*; *Virg. Æn. VI.*; *Ovid. trist.*

## NOTA C.

Marco-Tullio arrependido

De seguir nossas miseras fortunas

Tergiversar, fugir porfim — e a purpura,

Consular pela estrada de Tarento

Arrastrando no pó, ir supplicante

Humilhar-se ao tyranno. . . . . Sc. III., pag. 132.

Veja nota E ao acto I. e *Plut. in vit.*

## NOTA D.

A Tiberio já não digo,  
 Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia  
 Do orar cedia. . . . . Sc. III., pag. 153.

Veja nota F ao acto I.

## NOTA E.

A moribunda  
 Loba do Capitolio. . . . . Sc. III., pag. 154.

A loba, que aqui se diz moribunda em allusão ao estado das coisas romanas, era comeffeito venerada no Capitolio em memoria da fabulosa ama de Romulo e Remo.  
 Veja *Plut. in Romul.*; *Ovid. fast.*

## NOTA F.

Honra dos meus, cuja tremenda imagem  
 Inda no Capitolio brande a espada  
 Terror dos reis e salvação de Roma;  
 Junio Bruto. . . . . Sc. III., pag. 156.

Veja nota A a este acto.

## NOTA G.

Os filhos indignos sacrificia

Á merecida pena, á morte justa. . . Sc. III., pag. 157.

É a sabida historia dos filhos de L. Junio Bruto sentenciados á morte por seu proprio pae.

Veja *Plut. in vit.*; *Tit. Liv. etc.*

## NOTA H.

Que todas essas leis, — que plebiscitos

Que senatusconsultos. . . . . Sc. III., pag. 157.

Chamava-se plebiscito a lei que passava nos comicios, senatusconsulto quando a decretava o senado.

## NOTA I.

Em mais clara

Equidade fundada do que o *Album*

Do pretorio. . . . . Sc. III., pag. 157.

O *Album* do pretor era uma especie de edital, proclamação ou manifesto em que, no principio da sua magistratura, annunciava o novo eleito o modo por que havia

de proceder ao julgamento das causas de sua competência. Creou-se este cargo no anno de Roma 383. — Primeiro era um so, chegaram a 64, depois fluctuaram entre 12, 16 e 18.

Veja *Macrob. Saturn. I.*, 16; *Sigon. de Jud. I.* 7; *ff. De off. Praetoris*; *Heinec.*

## NOTA J.

Os sanguinosos

Paços de Sylla... etc. . . . . Sc. III., pag. 153.

Veja nota B ao acto I.

## NOTA K.

Hontem expulsastes

A Coriolano porque ousou negar-vos

Os baldios communs; hoje fugindo

Abandonais á faria dos patricios

Graccho que vo' -los dava! . . . . . Sc. III., pag. 159.

Não é exacta a expressão — *baldios communs* de que se usou, com ser menos propria, so porque melhor intendedo sería o pensamento.

O que é exactissimo é que a questão da lei agraria tam funesta foi a Coriolano que a impugnou, por occasião do trigro que mandava elrei Gelo de Sicilia de presente aos

Romanos, como o veio a ser a seus defensores os Gracchos por occasião do testamento delrei Attalo, que aos Romanos deixára as suas riquezas.

C. Marcio, appellidado Coriolano por haver tomado aos Volscos a cidade de Corioli, bannido, por aquelle motivo, por sentença do povo, refugiou-se entre os Volscos e não tardou a vir com elles sôbre Roma. Todos sabem que a rogos da mãe e da mulher, cedeu da vingança que ja tinha na mão, e não entrou em Roma ja quasi rendida por suas armas.

Veja *Plut. in vit. ; Flor. 2 ;* e a nota F ao I. acto.

#### NOTA L.

Marioahi estava

Para inutilizar o feito ardido. . . . Sc. III. pag. 160.

Veja nota B ao acto I.

#### NOTA M.

Servos os tribunos

E facciosos; avara e perdularia

A questura, roubando o derradeiro

Sestercio ao povo, a última drachma ao Erario;

Os pretores vendendo em hasta publica

A justiça. . . . . Sc. III. pag. 162.

Veja, quanto aos tribunos, a nota G ao acto I.; e quanto aos pretores, a nota I. a este acto.

Os questores, cujo cargo foi creado A. U. C. 269, eram dous ao princípio; depois em 332 se crearam mais dous: aquelles, ditto *urbanos*, eram os collectores, recebedores geraes e ministros do thesouro em Roma; estes, ditto *peregrinos*, eram como pagadores geraes das tropas, commissarios em chefe, e acompanhavam o consul quando commandava, exercendo juncto a elle éstas e outras funcções fiscaes e politicas. Dilatados os limites da republica, e os do imperio ainda mais, cresceu o número dos questores na proporção do das provincias que tinha cada-uma o seu, e a estes chamavam por isso *provinciales*.

Eram senadores natos os questores; e quando os dictadores, depois os imperadores, queriam fazer ésta mesma operação que hoje fazem os ministerios dos governos representativos monarchicos nomeando pares novos para segurar o voto da segunda camara, — nomeavam uma fornada de questores, e assim tinham a votação dos Padres-Conscriptos. Sylla creou vinte de uma vez, J. Cesar, de outra, quarenta.

Foram estes cargos originariamente da nomeação do senado, até que a usurparam, com todas as mais, os imperadores.

O *quæstor principis*, ou *augusti*, (que tambem ás vezes se dizia *candidatus principis*) e o *quæstor palatii* eram o que hoje diriamos officiaes-mores da casa imperial — ou talvez do imperio.

A isto allude o principis versus citado.

III O sestercio era moeda antiquissima romana. Em 547, vinte sestercios eram eguaes a um sropulo de ouro.

A drachma era moeda grega do valor, pouco mais ou menos, de 1:300 réis portuguezes.

### NOTA N.

#### Veio Apio-Claudio

Fazer chorar em Roma por Tarquinio. Sc. III., pag. 162.

Apio-Claudio foi um dos decemviros que, a titulo de estarem fazendo as leis das dôze tábuas — a constituição, para assim dizer, da republica — cumularam tres annos os podêres supremos do Estado com insupportavel tyrannia: é o Longo-parlamento de Roma, e a historia de quasi todas as assembleas constituintes. Sentiram-se tam avexados os Romanos por este congresso de tyrannos, que chegaram a suspirar pelo despotismo dos Tarquinhos.

Começaram em 303 A. U. C., e acabaram com a odiosa e bem conhecida historia de Virginia que Ap. Claudio tentou violar, e que seu proprio pae matou para lhe salvar a honra.

Veja *Tit. Liv.* 3., c. 33.

## NOTA O.

Morre, meu Porcio,

Que vives para a glória . . . . . Sc. V., pag. 174.

Não é expressão lançada ao acaso. A generosa e sublime ficção do direito romano suppunha vivos para os effeitos civis, os cidadãos mortos na defesa da patria

## NOTA P.

Filhos de Quirino . . . . . Sc. V., pag. 176.

Quirino chamavam os Romanos a Marte, e a Romulo como filho de Marte.

## AO ACTO QUINTO.

## NOTA A.

Consolaste-me, Socrates. . . . .

Convenceste

A minha alma, Platão . . . . . Sc. II., pag. 130.

Todos sabem que Platão, discipulo de Socrates, todas as suas obras as deu como reflexo das licções do mestre. A isto allude o primeiro verso citado.

Catão antes de se apunhalar, leu o dialogo de Platão sobre a immortalidade d'alma, para se confortar com a doutrina consoladora do philosopho pagão que mais se approximou do Christianismo, e certo, um dos que mais preparou os animos para as sublimes verdades do Evangelho.

Veja *Plut. in vita; Luc. 1; Val. Max.*

#### NOTA B.

A natureza — Deus Optimo maximo. . . Sc. III., pag. 133.

Com este titulo distinguiam os Romanos o Deus unico e verdadeiro, que o mesmo Pantheismo reconhecia superior a todas as outras influencias que poeticamente divinizára.

#### NOTA C.

Sob os golpes do ariete incessante. . . Sc. IV., pag. 133.

Ariete era máchima de guerra, vaivem com forte cabeça de bronze afeiçoada á de um carneiro, e que servia para bater em brecha.

## NOTA D.

Esse tropel de gente inerme

Andam como alienados. . . . . Sc. IV., pag. 189.

Todas éstas circumstancias aqui descriptas são absolutamente historicas.

Veja *Plut. Cat. min.*

## NOTA E.

Inda além das portas d'Hercules . . Sc. V., pag. 194.

Por columnas d'Hercules; a entrada ou portas do estreito de Gibraltar — o *non plus ultra* dos navegadores antigos. De Hercules se diziam porque suppunham as tradições que quando alli chegára em suas viagens, poze-  
ra aquellas balizas que ninguem mais ousaria passar.

## NOTA F.

Reservada

Das triremes fique uma . . . . . Sc. VI., pag. 196.

A galé de tres pontes, ou tres ordens e bancos de remeiros chamavam os Romanos *trireme*.

## NOTA G.

Como a espada de Achilles fabulada

Sara o que fere. . . . . Sc. VII., pag. 200.

Elegante ficção de Homero, provavelmente colhida das lendas populares que recopilou, a qual depois deu thema aos poetas para tanto ditto ingenhoso.

Veja *Ovid. remed. amor.*

## NOTA H.

Das Hispanhas

Inda não subjugadas nos convida

O filho de Pompeu. . . . .

E porque não iremos nós entre elles

Procurar as fortunas de Sertorio?

Depararemos porventura ainda

Com algum Viriato. . . . . Sc. VII., pag. 202.

As Hispanhas, e a nossa Lusitania especialmente, deram comeffeito muitas licções de patriotismo, de amor de liberdade, de firmeza e de lealdade de character, aos proprios Romanos.

Nas Hispanhas foi que os filhos de Pompeu recruta-

ram principalmente o formidavel exército que, morto Cneu na derrota de Munda, ainda sustentou a Sexto na Sicilia até á morte de Julio Cesar, e depois o habilitou a tractar com o triumvirato como de egual para eguaes.

Veja *Vel. Paterc. 2; Plut. in vit. Anton.; Flor. 4.*

Sertorio (Quinto) proscripto por Sylla refugiou-se na Lusitania onde estabeleceu um govêrno livre com um senado a que presidia como consul. Pompeu e Metello, os invenciveis generaes romanos, foram, assim como os outros, vencidos pelos Lusitanos que defendiam a Sertorio. Succumbiu á traição de Perpenna, official seu que em um banquete o fez assassinar.

Veja *Plut, in vit.; Apian. de civ.; Val. Max. 1.*

Viriatho de simples pastor chegou a ser o general e defensor, não so da Lusitania, mas das Hispanhas livres todas: venceu muitos generaes romanos, entre os quaes o mesmo Pompeu. Cæpio não pôde livrar-se d'elle senão comprando a traição de seus domesticos que o assassinaram.

Veja *Flor. 2; Val. Max. 6.*

#### NOTA I.

Vamos co'estas reliquias d'ontra Cannas,

Vamos a demandar novo Cannusio. . . Sc. VII., pag. 202.

Os Romanos desbaratados por Hannibal, juncto a Can-

nas, logarejo da Apulia, na famosa batalha do dia 21 de Maio, 216 annos A. C. N., acolheram-se a Cannusio pequena cidade da mesma Apulia, em que pouco e pouco se foram recobrando da perda e do medo, até que tornaram a entrar em campanha;

Veja *Tit. Liv. 22.*; *Plut. in Annib.*; *Flor. 2.*

### NOTA K.

Cahin n'esta hecatombe. . . . . Sc. IX. pag. 209.

O grego *εκατοβολία*, de que os Latinos contrahiram *hecatombe*, significa á letra *cem toiros*; e dava-se este nome ao sacrificio d'esse número e casta de victimas que os de Argos e Egina offereciam a Juno. Figuradamente diz-se de todo o sacrificio grande e numeroso.

### NOTA L.

. . . . . Avitas Sabinas. Glorioso

É aquelle terrão que tantas vezes

O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava. . .

A minha Porcia . . . . .

. . . . . Eu t'a colloco e intrego

Digna esposa de Bruto. . . . . Sc. IX., pag. 211.

Catão o Censor ou maior, ascendente d'este e famoso por sua austera frugalidade, lavrava no seu campo com as proprias mãos.

Porcia, filha de Catão Uticence, foi comeffeito mulher d'este Marco Junio Bruto, e digna esposa d'elle pelas virtudes públicas e domésticas de que era modêlo. Teve o ânimo de se dar um lanho terrivel n'uma perna, so para experimentar sua fôrça no soffrer a dor; e ao marido, que lhe perguntava a razão de tal estranheza, respondeu que quizera ver se a mulher de Bruto, assim como era digna do seu leito, o era tambem de tomar parte em todas suas coisas e segredos por mais perigosos que fossem. D'ahi por deante Porcia foi sabedora e tomava quinhão em quanto mais arriscado imprehendeu Bruto. Não lhe quiz sobreviver quando este morreu; e como propria filha de Catão, á mingua de outras armas, que todas lhe tiraram seus amigos, conseguiu matar-se ingulindo carvões em braza — á volta de 12 annos A. C. N.

Veja *Plut. in Brut.*; e *Valer. Max.* que um tanto varia em alguma circumstancia d'esta historia.

Porcia era ja viuva de Bibulo quando esposou M. Bruto.

#### NOTA M.

Deixac-me :— eu sei morrer . . . Sc. XI., pag. 215.

É historico o sentido d'este e dos proximos versos, e exactissimo o que indica a rúbrica.

Veja *Plut. in vita.*

## NOTA N.

## Mal conhecido

Que sentença de morte proferiste. . . . Sc. XI., pag. 217.

Allude a ser elle, Marco-Bruto, filho de Julio Cesar, um dos que depois, em pleno senado, o apunhalaram. São bem sabidas as últimas palavras do moribundo pae; quando viu M. Bruto entre os assassinos, cubriu o rosto com a toga, exclamando: *Tu quoque, Brute!*

Veja *Suet. in vit.*; *Plut. id.*; *Dio*; *Apian. etc.*

NOTA M.

Deixe-me . . . Sc. XI., pag. 218.

## VARIANTES.

### I.

VERSOS DA PRIMEIRA EDIÇÃO INTEIRAMENTE  
SUPPRIMIDOS, OU COMPLETAMENTE

## VARIANTES.

### PROLOGO.

*Depois do verso 26 na 1. edição.*

Desesperado horror na voz, nos lábios  
Lhe vem do coração trazer vingança.

*Depois do verso 23.*

So trouxas sons de morte e de vingança  
Em vez dos ais de amor polluido, fervem



## VARIANTES.

### I.

**VERSOS DA PRIMEIRA EDIÇÃO INTEIRAMENTE  
SUPPRIMIDOS, OU COMPLETAMENTE  
ALTERADOS NA SEGUNDA.**

### PROLOGO.

*Depois do verso 26 na 1. edição.*

Desesperado horror na voz, nos labios

Lhe vem do coração troar vingança.

*Depois do verso 33.*

So troa sons de morte e de vingança :

Em vez dos ais de amor pullulam, fervem

Os ais, filhos do horror, nas duras chordas.  
Ternura, incantos de delicia e mimo,  
Oh ! não os espereis : so falla a patria...

*Depois do verso 48.*

Oh ! que ideas de mágoa e de vergonha  
Não excita este nome ! Italia em ferros !

*Depois do verso 54.*

Mas não ; não recordemos taes memorias :  
Ou, se as lembrarmos, lembre-nos o exemplo...

*Depois do verso 57.*

O ferro de Catão... (não o de Bruto...)  
Tambem sabem meneá-lo os Portuguezes.

*Depois do verso 68.*

Oh ! não ; não attenteis do vate aos erros :  
Arte engenhosa, lucidos talentos  
No limitado espirito fallecem.

*Depois do verso 74.*

Não me levou a imprêza tam difficil  
O louco amor de passageira glória.

---

ACTO I, SCENA I.

(*Manlio.*) E commigo o universo ; mas tu mesmo,  
Bruto, o confessas ; so a nós e a poucos...

(*M. Bruto.*) O esquecido valor a excitar n'alma ?  
Inultos manes, veneranda sombra,  
Victima infausta da traição mais barbara !

.....  
(*Manlio.*) Ah ! Bruto ! e de que serve o nosso esforço ?  
Nós poucos, ja sem fôrças que nos resta ?

.....  
(*M. Bruto.*) Basta : aurora a despontar começa...

.....  
..... Ha malvados  
Cujo horror se imparelhe ao d'um tyranno ?

Sim, Manlio, o dia chega ; e juncto em breve

O senado será : d'elle dependem, .....

Elle decidirá nossos destinos.

Teus receios ante elle, os teus temores...

.....  
 Eu, simples cidadão, tenho um so voto :  
 Amigo, aconselhei-te a ser Romano ;  
 Romano não te posso ouvir mais tempo.

## SCENA II.

(*Manlio.*) Tua feroz virtude em balde intenta  
 Erguer das cinzas a defuncta Roma :  
 Punhal terrível de civis discordias...  
 Potencia infausta lhe sustenta o throno ;  
 Indomavel poder o escuda, o ampara...  
 Insensatos ousamos... (Ah ! de balde)  
 Pelo phantasma vão da liberdade  
 Sacrificar as preciosas vidas !..  
 Porém Sempronio chega. Alma insidiosa !  
 E inda fia Catão d'homens como este  
 Fazer Romanos, e salvar a patria ?

## SCENA III.

(*Sempronio.*) Como pretende ás victoriosas tropas  
 De Pharsalia, do Egypto e do universo  
 Na impetuosa torrente oppôr barreiras ?  
 (*Sempronio.*) . . . . . A Cesar  
 Ir ao incontro ; suspender-lhe o ferro ;  
 Salvar-lhe a propria vida, e juncto ao throno

Seguir os fados do universo inteiro.

(*Manlio.*) . . . . . É necessario

Expôr com energia ante o senado

A crise perigosa em que hoje estamos...

Em breve aqui se ajunta; em vivas côres

Convêm pintar-lhe o estado miseravel...

(*Semp.*) Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro

Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito,

Além do sangue, uniu sancta amizade,

Minhas ideas imprudente ousára

Patentear descuidoso. Em ti confio

No segredo que exigem.

(*Manlio.*) . . . . . Nem duvides:

Minha prudencia ha muito te é notoria.

#### SCENA IV.

(*Sempronio.*) . . . . . Ah! não: taes homens

Nem de grandes acções, nem grandes crimes

Capazes fez a avara natureza.

Meus designios porêm... Cesar... ah! cumpre

D'um homem que abhorreço e que detesto

Vingar-me emfim. O plano está formado;

Executá-lo resta.

## SCENA V.

(*Porcio.*) Entre os soldados, entre os chefes mesmos  
 Murmúrios, dissensões. Por ésta causa  
 N'este humilde logar meu pae ajunta  
 Essas tristes reliquias de Pharsalia  
 A que ainda senado appellidâmos.  
 (*Juba.*) . . . . . Sua virtude,  
 Sua virtude so torna sagrado,  
 Legitíma, redobra em preço, em número  
 Esse pouco que resta dos Romanos.  
 Sua virtude so no peito, n'alma,  
 Dentro nos corações imprime e grava  
 Respeito, adoração; nutre, avigora  
 A constancia, o valor, a audacia nobre.  
 Ella so nos da patria moribundá  
 Inimigos crueis terror diffunde.  
 A seu rívido aspecto Cesar mesmo...  
 . . . . .  
 D'essas tremendas aguerridas hostes...  
 (*Sempronio.*) Antes que unidos venham nossos fados  
 Decidir de uma vez, quero inflammá-los,  
 E, um por um, excitar suas nobres almas.

## SCENA VI.

(*Porcio.*) Por seus labios o ceo lhes falle ao peito.

Mas tu, Juba, calado, e pensativo...

(*Juba.*) . . . Ah! Porcio, declarar-te

De minhas reflexões receio a causa.

Um secreto, cruel presentimento

Me faz desconfiar d'este Romano.

Illudo-me talvez...

(*Porcio.*) . . . Grande virtude

É a prudencia, amigo; mas não dêmos...

. . . Em vão tentamos

Dissimular o horror de tantos males;

Em balde os olhos ao clarão fechamos

Do raio que fulmina, e que ja troa

Sôbre as nossas cabeças...

Quasi incapaz de merecer tal nome:

(*Juba.*) De teu augusto pae recorda, ó Porcio,

A maxima sublime. É-nos vedado

Dos decretos do ceo sondar o arcano.

Talvez... quem sabe!..

(*Porcio.*) . . . Não, querido amigo;

O mais tenue vislumbre de esperança

N'alma não me entra ja. Cada momento

Vejo esse monstro, que em sua íra os deuses

Nas intranhas de Roma produziram

Para rasgar-lh'as parricida filho,  
 Para no sangue maternal cevar-se ;  
 Esse monstro, esse barbaro tyranno  
 Nossos muros entrar, e entrar com elle  
 Ferros, escravidão, ludíbrio e morte.  
 Morte ! Ah ! não pensés, Juba, que a receio.  
 Um filho de Catão, Porcio, um Romano  
 Olha contente alevantar-se o golpe  
 Que á patria o sacrifica, o faz eterno.  
 Mas, eu sou filho, Juba ; e a natureza  
 É mais forte que Roma. Ah ! resta ainda . . .  
 A coroar o horror de tantos crimes  
 A morte de Catão, Tam negra idea  
 Não, não me é dado sem terror fitá-la.  
 Como podeis juntar, supremos deuses,  
 Tantas virtudes com desgraças tantas ?  
 Como soffreis que a barbara fortuna  
 Ouse... Mas, se o soffreis, se ao crime os raios  
 Retendes froxos na tardia dextra,  
 Maior que ella e que vós seja a nossa alma...

ACTO II. — SCENA I.

(Catão.) De seus crimes té'qui protege a infamia.  
 Desculpae-me se aviyo as vossas chagas,

Se os horrores vos lembro de Pharsalia.

(*M. Bruto.*) Ah! corramos, amigos. Que mais resta?

Que temos a esperar? Á glória, ó padres!

(*Catóo.*) . . . . . Entre as virtudes

E o vício occulto que lhes veste a máscara...

Se a venda das paixões nos cega os olhos

Seus termos, seus limites confundindo...

E ousaremos assim por vão capricho

Á nossa glória van sacrificá-los

E entre as cohortes do feroz inimigo

Ir nós mesmo, mais barbaros do que elle,

Tingir-lhe as lanças de romano sangue?..

Que mais de nossa glória cubiçosos,

Do que feis á d'ella, a nossa morte...

(*Manlio.*) Quem atropella as leis da natureza

Não deve os foros seus gozar tranquillo.

(*M. Bruto.*) O senado?.. Pois sim; que me castigue.

Tudo póde tirar-me, a mesma vida,

Menos do coração alma romana.

## SCENA II.

(*Catóo*) . . . . . As razões tuas...

Eu tambem sou Romano... mas sou homem;

Responderei sem ferro...

. . . . . é forçoso ás fauces d'elle,

Ou de salto atrevido além transpor-se,

On sem recurso baquear-lhe ao centro.

## SCENA III.

(*Mantio.*) Ei-lo a paz que vem pedir-nos.

## SCENA IV.

(*Catóo.*) Entusiasta não sou: e da virtude  
Anda sempre uui longe o fanatismo.

## SCENA V.

(*Decio.*) . . . . . Mas prezando

De Catão as virtudes, Cesar treme

De ficar vencedor a vez primeira.

No accurvado universo es tu somente

Quem ao podêr resiste do seu braço.

Por tal competidor de orgulho ufano

Teme acabar sua glória n'um triumpho.

(*Catóo.*) . . . . . por elle em Roma

Minha voz, prompta sempre aos infelizes,

Heide erguer, supplicar; e de seus crimes . . . . .

O perdão alcançar, volvé-lo á patria.

(*Catóo.*) Em quanto os labios a bradar vingança

Me deixarem os ceos... so, desvalida...

## ACTO III. — SCENA I.

(*Decio.*) Nem é de fera o coração do homem.

(*M. Bruto.*) E eu porque homem sou, não quero ouvir-te...

Que eloquencia chamais, ignoro-a, odeio-a;

Não a sei praticar, não quero ouvi-la.

Poetas, oradores destruíram...

SCENA VI. (na 1.<sup>a</sup> edição.)

(*Juba.*) . . . . . Que enigma encerra

Este dito de Bruto? Ah! talvez...

(*Sempronio.*) . . . . . Tudo

Te faz desconfiar! Príncipe, deixa,

Deixa uma vez o genio suspeito.

Não; não vacilles mais: quanto te hei dito

É certo; bem o vês...

. . . . . E no tumulto

Catão assassinar...

(*Juba.*) Perdoa-me, Romano: ah! de tua alma

Outr'ora eu duvidei. Tuas virtudes,

Injusto, apreciá-las não as sube.

(*Juba.*) Se os dias de Catão salvo ditoso;

Se esse monstro, esse horror da natureza,

Esse tyranno Cesar posso eu mesmo  
 Co' este braço immolar aos patrios manes !  
 Oh ! meu pae, oh ! dirige o golpe ardido,  
 Leva-lh'o ao coração d'esse malvado !  
 Holocausto de asperrima vingança,  
 Ó Cesar, eu te voto ás sombras negras  
 Do Averno... que os tormentos ja prepara,  
 Das furias, que os açoutes ja sacodem...  
 Vamos, amigo, vamos...  
 (*Sempronio.*) . . . . . Mais prudencia.  
 Mais sangue frio é necessario, ó principe :  
 Porcio para aqui vem : disfarça, occulta ;  
 Ou perdido verás...

## SCENA VII. (na 1. edição.)

(*Porcio.*) . . . . . Em fim os deuses  
 Decretaram de Roma ; e o fado iniquo  
 Aos dias de Catão... idea horrivel !  
 Oh ! não, não te verei, dia de mágoa.  
 Não tenho coração que soffra tanto.  
 Antes que ouse attentar aos dias d'elle.  
 Primeiro n'este peito a morte crua  
 Hade insaiar o golpe. Sim, primeiro...  
 Sim, venerando pae ; ao reino escuro  
 Eu te irei esperar : meus tristes olhos...  
 (*Porcio.*) Inutil esperanza !

(*Juba.*) . . . . . Os ceos são justos.

(*Porcio.*) São justos! Ah! são justos; e a virtude

Abandonam assim; assim do crime

Escrava a deixam soluçar nos ferros!

Oh deuses, se quereis que vos adorem,

Se incensos de mortaes, se humildes rogos,

Se victimas quereis, se altares, templos,

Fazei-vos conhecer, mostrae-vos nunes:

Amparae a virtude, e aos vossos raios

O impio descobre so, treina o malvado.

ACTO IV. — SCENA I.

(*Manlio.*) Oh cúmulo de horror! oh gente indigna!

Restava ainda ésta nódoa, ésta vergonha

Para inxovalho nosso! Roma! oh Roma!..

SCENA II.

(*M. Bruto.*) Perfidos!.. Ah covardes!.. Mas tu, Manlio!

Tu com elles tambem!.. Não me enganava,

Não me illudia eu. Indigno, agora,

Agora nós veremos se essa espada

Como a lingua tu sabes...

(*Manlio.*) . . . . . Bruto, ainda

Esse louco furor não moderaste?

Impetuoso mancebo, infreia ás iras;

Sê homem uma vez.

### SCENA III.

(*Manlio.*) Manlio eu conheço : basta ; não insultes

Com vil suspeita um senador romano.

Mas, Sempronio onde está? Juba ? meu filho?

(*M. Bruto.*) Jaz socegado emfim : os vis traidores,

E de Cesar as tropas, que os seguiam,

Ou salvaram co'a fuga as torpes vidas,

Ou prezos jazem, ou no campo mortos.

(*M. Bruto.*) . . . Porcio ! Combateu commigo ;

E combateu Romano. A sua espada

Ao meu lado mil golpes desferia

Que invejára Scipião.

(*M. Bruto.*) Mas primeiro immolar ao negro Averno

Em holocausto, perfidos, tyrannos.

(*M. Bruto.*) O cutello da lei brandindo ao crime...

(*Catóo.*) Que os vis Tarquinius expulsou de Roma.

Te é livre de julgá-lo e de puni-lo.

Tens magistrados, leis, e tens algozes.

Se d'aquelles usurpas os direitos,

Criminoso es tambem. E o negro officio

Do último assumir, júlga-lo acaso

Accção condigna a um cidadão Romano?

## SCENA IV.

(Catão.) . . . . . Oh! ceos, que vejo!

Sempronio em ferros! Juba...

(Catão.) . . . . . Bruto!

Explicae-me este enigma: devo acaso

Ver um traidor n'um senador Romano?

Esses grillhões nos pulsos teus que indicam?

Tu immudeces? — príncipe, que é isto?

(Catão.) Oh la, soldados, de Numidia ao príncipe

As portas da cidade abertas ficam.

(Juba.) . . . . . Sim; deixei-me

Seduzir d'esse monstro. Mas nem mesmo

Te dignas arguir-me, nem te abaixas

A castigar-me? Oh ceos! ésta vergonha

Não, eu nunca a esperei. Pena tão rude

Merecer a Catão não pensei nunca.

Sou criminoso sim; porêem meu crime

É filho so do êrro. Esse perverso

Sob a côr da virtude, do heroismo

Perfido m'o incobriu, soube enganar-me.

Da patria minha na rudez selvagem

São ignoradas da perfidia as artes.

A minha singeleza, e poucos annos

Facil foi de vencer a quem tam dextro

Em artificios taes, lhes sabe o inrêdo.

Para salvar teus dias ameaçados,  
 Para evitar que ao dictador abrisse  
 Conjuração occulta as portas d'Ullica,  
 Me incitou que sahisse c'os meus Numidas  
 Do lado oriental para incontrá-lo.  
 Cahi no ingano; e em tanto que eu deixava  
 Quasi inerme a cidade, elle e os seus socios  
 As portas do occidente a Cesar abrem,  
 Conheci, porém tarde, a vil perfidia;  
 Cahi sôbre o traidor e sôbre as hostes  
 Do tyranno de Roma; em tanto o alarma  
 Soa na praça, os muros se coroam  
 De intrepidos Romanos. Rechassada  
 Por elles, e por mim foi essa turba  
 Pude na fuga descobrir o monstro...  
 (*M. Bruto.*) Infame! e ousaste ao meu amigo...

## SCENA V.

(*Catóo.*) Este meu pranto... Não taxeis, amigos,  
 De fraqueza a minha alma: eu não me pejo  
 De mostrar que sou homem. Filho! oh filho!  
 Teu pae em breve... Adeus!.. levae-o, amigos.  
 (*M. Bruto.*) Não; esse corpo do heroe não deve  
 Sahir de nossa vista, antes que o sangue  
 Corra do matador. Manlio, soldados,  
 Dizei, dizei-o vós.

(*Catóo.*) . . . . Seduziste o príncipe,  
 Traidor quizeste com algoz perfidia  
 Impio acabar co'a patria moribunda...  
 O pae perdoa, o cidadão não deve,

## ACTO V. — SCENA I.

(*Catóo.*) . . . . Oh la ! depressa  
 Manlio se chame aqui : alguns momentos  
 A sos me cumpre conversar com elle.  
 Ide.

## SCENA II.

(*Catóo.*) Convém dizer-lhe os meus intentos,  
 Confiar-lhe as tenções minhas e projectos.  
 Timido sim, porém honrado é Manlio,  
 Prudente e cauteloso. Sem receios  
 Descançarei tranquillo. Ei-lo que chega.

## SCENA III.

(*Catóo.*) . . . . Ouviste agora  
 A voz da sentinella?  
 (*Manlio.*) . . . . Ouvi; que importa?  
 (*Catóo.*) Quando uma hora mais tiver corrido,

Ouvi-la-has outra vez ; mas esse brado . . . . . (Catão.)

Eu não o hei de ouvir.

(Manlio.) . . . . . Não te percebo.

Porquê?

(Catão.) Porque terei morrido.

(Manlio.) . . . . . E tu pertendes

Commetter esse crime !.. Tu !

(Manlio.) . . . . . Por ventura

São os de Cesar, são os dos Romanos

Que a Cesar vendem liberdade e patria? . . . . . (Catão.)

Morrendo, impedirás que se perpetrem?

Bem o sabes que não.

(Manlio.) . . . . . A ti ! Mas como ?

Queres livre morrer como um Romano,

Foges a escravidão...

Mas homem, como tu, deixar cegar-se

De fanatismos taes !..

. . . . . do miseravel,

Que entre gemidos soluçando os roja?

Ou do fado serão? Crimes do fado,

Então nós é que havemos de levá-los?

Sem criminosos ser, punir-nos-hemos?

Se os ceos o querem, se o consentem deuses.

(Catão.) Nem o póde mandar a natureza,

Nem do contrario os nunes aggravar-se.

(Manlio.) Mas dadiva do ceo nos foi a vida ;

E o ceo ha de approvar?..

(*Catóo.*) So para o mundo vive e so no mundo ;  
Então mais livre ainda em dispor d'ella...

## SCENA IV.

(*Juba.*) *Catóo*, accode, vem... subitamente

As cohortes de Cesar assaltaram,

Furiosas investem nossos muros.

Ja tudo é confusão, tudo desordem.

Nossos poucos soldados cada instante

Aos golpes diminuem do inimigo.

Raros sôbre as muralhas ja se avistam.

Do dictador as hostes bem conhecem

Nosso misero estado ; audazes correm

Seguras da victoria. Ah ! vem ao menos

Com a tua presença (se é possível)

Animá-los ainda : vem, ou cedo

Em Utica verás...

(*Catóo.*) . . . . . Não verei nada.

(*Juba.*) Como ?

(*Catóo.*)... Principe, vai ; vê se apprestadas

Estão no porto as naus, se a levar ferro

Promptas como eu mandei. Faze que imbarquem

Todos nossos amigos : vai : so resta

Este unico remedio ; preciosos

Estes momentos são ; parte.

(*Juba.*) . . . . . Obedeço.

Mas...

(*Catóo.*) Vai, príncipe: adeus, adeus.

SCENA V. (*na 1.<sup>a</sup> edição.*)

(*Catóo.*) . . . . . Não posso  
 Deixar de internecer-me... a vez extrema  
 Que vejo os meus amigos sôbre a terra.  
 Manlio, tu sabes quanto te amei sempre...  
 Has de sobreviver-me; has de inda, amigo,  
 Ver Roma escrava... ver a nossa patria;  
 Essa patria que tanto me ha custado!  
 Ve-la-has em ferros, gemerás sôbre ella.  
 Oh! quando desparzires essas lagrymas  
 No sepulchro de Roma... então recorda-te,  
 Lembra-te de Catão... (*Silencio.*) É morta Roma,  
 Porção da divindade, assaz viveste  
 No carcer d'este corpo; vai unir-te  
 Á immensidão do ser na eternidade.  
 Catão... a tua hora derradeira,  
 Ei-la, soou... amigo, adeus. (*Quer ferir-se.*)

SCENA VI. (*na 1.<sup>a</sup> edição.*)

(*M. B.*) Oh meu pae! oh desgraça! oh fado! oh nunes!  
 Dentro d'Utica ja... foi-se a esperança.  
 Morreu quanto inda havia de Romanos:

Ficámos nós... nós so. Tropel de escravos

Do tyranno a montões affluem, correm,

Inundam a cidade... oh pae! oh! dize

O que resta fazer.

(*Catão.*) Tu roubaste-me a espada: não venceste:

Inda tenho este ferro. (*Fere-se.*) Oh Roma! oh patria!

(*Catão.*) Deixae-me ao menos... expirar... com honra...

SCENA VII. (na 1.<sup>a</sup> edição.)

(*Decio.*) Salve-se Catão, se é tempo ainda.

Do imperador as ordens se executem;

Do amigo vencedor nos braços venha

Esquecer... Mas, que vejo... tu...

(*M. Bruto.*) Eis desarmado o peito... a sêde apague;

(*M. Bruto.*) Eu!.. Elle!.. Não!.. Porquê!.. Sim, monstro, barbara!

Sangue! Oh sangue de horror! Mas, vês aquelle?

Gotta a gotta cahiu sôbre este peito;

Aqui no coração, ei-lo aqui todo.

Meu pae... aquelle foi... matou-m'o elle.

Mas vive o filho... e o filho hade vingá-lo.

Filho... do crime... ja não temo crimes...

Roma!.. patria!.. Catão! meus paes são estes,

ACTO II. — SCENA I.

(*M. B.*) Qué! dizeis na minha... vida... momento...

(Cátia) Não...  
 Não nos sei: Tropel de escravos  
 De tyranno e monitoz ainhem, correm,  
 Invadam a cidade... oh pai! oh! dizo  
 O que resta fazer.

SCENA VII

(Cátia) Tu roubaste-me a espada: não veneste;  
 Inda tenho este ferro...  
 (Cátia) Dize-me se me achas...  
 Dize-me se me achas...

SCENA VIII

(Dicio) Salve-se Cátia, se é tempo ainda.  
 De impedor as ordens se executem;  
 De amigo vencedor nos braços venha.  
 Esperar... mas, que vejo...  
 (M. Bruto) Eis desarmado o peizo... a sede apague;  
 (M. Bruto) Não... não... não...  
 Sague! Oh sangue de horror! Mas, vés apacelle;  
 Gotta a gotta cahir sobre este peizo;  
 Aqui no coração, ei-to aqui logo.  
 Mas que... apacelle loi... malou-m o elle.  
 Mas vive o libo... e o libo vive...  
 Filho... do crime... ja não temo crime...

SCENA IX

Roma!... patria!... Cátia! meus pais são estes.  
 Dentro a esperança...  
 Morte de Roma...

## II.

VERSOS DA SEGUNDA EDIÇÃO INTEIRAMENTE

SUPPRIMIDOS OU MUITO ALTERADOS

NA TERCEIRA.

SCENA V.  
ACTO I. — SCENA II.

(*Manlio.*) A potestade infausta, abominosa,  
Que lhe alçou esse throno de cadaveres,  
Não larga mão do escudo com que o ampara.

## SCENA III.

(*Manlio.*) E co'a a patria exhalar o extrêmo alento.  
(*Sempronio.*) De apparatusa, van philosophia.

## SCENA VI.

(*Porcio.*) Que ao jugo correm submetter-se humilde!

## ACTO II. — SCENA I.

(*M. B.*) Quê! duvidar na escolha — inda um momento!

De morte, ou servidão, glória ou ludibrio,  
Homens, Romanos, senadores! — Nada...

(*Catóo.*) O insensato expulsae: não mais profane...

VERSOS DA SEGUNDA EDIÇÃO INTERAMENTE

SUPRIMIDOS NA TERCEIRA. SCENA IV.

(*Sempronio.*) A Catão a suspeita...

SCENA V.

(*Decio.*) Mas... ACTO I. — SCENA II.

(*Catóo.*) . . . Ja t'o disse: eu Cesar não conheço.

(*Múcio.*) A potestade inuasta, adominosa,  
Que lhe apon esse throno de cadáveres,  
Não faça mão do escudo com que o ampara.

ACTO III. — SCENA III.

(*Catóo.*) Para os foros de pae ha mais deveres...

(*M. Bruto.*) Guiar-lh'a ao coração, mostrar-lhe o peito

Onde deve ferir...

SCENA VI.

(*Porcio.*) Que ao jugo se humilhe! SCENA VIII.

(*Porcio.*) Nem ja por entre os labios descorados

Murmurando fugir da patria o nome!

. . . . . Caros amigos,

Oh! se podeis, retende-lhe esse golpe!

Oh! lembrae-vos de Porcio n'esse instante;

Recordae-vos da patria...

(*Juba.*) Commigo não a tens?..

(*Juba.*) Que hãode nossos destinos melhorar-se;

E que ainda de todo os sanctos deuses

De sôbre nós a dextra omnipotente,

Despiedados, crueis não retiraram.

---

ACTO IV. — SCENA V.

(*Sempronio.*) Inda é maior que o odio que te eu tenho.

ACTO V. SCENA III.

(*Manlio.*) . . . ACTO V. — SCENA III. crime

Hade machar tua glória!

(*Manlio.*) Mas quaes são esses crimes que pretendes

Evitar com tua morte? Hade ella, amigo,

Póde ella impedir que se perpetrem?

(*Manlio.*) . . . Herosmo a glória

Em ânimo vulgar seria o feito.

Mas em Catão! — Não é maior virtude

Padecer resignado, soffrer quôdo,

Contente — a teus Estoicos appello

Estas arduas provanças da virtude

A que Deus nos votou. São crimes os ferros

Recordae vos de patria, o servidlo, o airdo, o a vida, o a morte de  
 (Juba.) Commo nã a terra?  
 (Juba.) Que hade nosos deillos melhorar?  
 E que ainda de todo os sanctos deus  
 De sobre nã a dextra omnipotente,  
 Despichados, crucis nã reitaram.  
 (Sempronio.) A Casto a suspensa...

## SCENA V.

(Dico.) Mas... ACTO IV.—SCENA V.

(Casto.) Ja t'o disse: eu Cesar nã conheço.  
 (Sempronio.) Juba é maior que o odio que se em tempo.

## ACTO III.—SCENA III.

(Casto.) Para os foros de pãe nã deveis...  
 (Mencio.) Mas quãz nã casto crime de pretenda?  
 Evitar com tua morte; Hade ella, amigo, nã se odo  
 Põde ella impedir que se perpetrã?

(Percio.) Nem ja por entre os labios decorados

Murmurando fugir de patria o nome!

.....

Oh! se podis, retendo esse golpe!

Oh! se podis, retendo esse golpe!

## III.

VERSOS DA TERCEIRA EDIÇÃO, INTEIRAMENTE  
SUPPRIMIDOS OU MUITO ALTERADOS  
NA QUARTA.

## ACTO I. SCENA II.

(*Manlio.*) Roma, Roma, os teus dias são passados.

## ACTO V. SCENA III.

(*Manlio.*) . . . . . Tu! com tal crime  
Hasde manchar tua glória!

(*Catóo.*) . . . . . E julgas, Manlio  
Julgas tu crime o subtrahir-se a crimes?

(*Manlio.*) E quaes crimes evitas com tua morte?

(*Manlio.*) . . . . . Heroismo e glória  
Em ânimo vulgar seria o feito.

Mas em Catão! — Não é maior virtude

Padecer resignado, soffrer quêdo,

Contente — a teus Estoicos appello

Éstas arduas provanças da virtude

A que Deus nos votou. São crime os ferros

Dizes tu ; mas de quem ? Serão do escravo ?..  
 (Catão.) C'o pavez da innocencia accobertado,  
 Firme no pedestal da fortaleza,  
 Caia o ceo, trema a terra, immovel fica ;  
 O universo vacilla, e elle não treme ;  
 Desaba o mundo, — e impayido o contempla  
 Sem medo á quéda, reverter-se ao cahos...  
 (Manlio.) Bem sei que taes principios abominas.

## ACTO I. SCENA II.

(Manlio.) Roma, Roma, os teus dias são passados.

## ACTO V. SCENA III.

(Manlio.) . . . . . Tu ! com tal crime

Hasde manchar tua glória !

(Catão.) . . . . . E julgas, Manlio

Julgas tu crime o subtrahir-se a crimes ?

(Manlio.) E quaes crimes evitas com tua morte ?

(Manlio.) . . . . . Heroismo e glória

Em animo vulgar seria o leito.

Mas em Catão ! — Não é maior virtude

Padecer resignado, soffrer duêdo,

Contente — a teus Estóicos apêllo

Estas arduas provanças da virtude

A que Deus nos votou. São crime os leitos

## IV.

VERSOS QUE SE PODEM SUPPRIMIR N'ESTA TRAN-  
 SACCIA PARA A INCURTAR NA REPRESENTAÇÃO.

## PROLOGO.

Paginas.

51 — a 65. todo o prologo. \*

## ACTO I.

61. os versos 70 — a 73.  
 61 — a 62. os vers. 77 — a 84.  
 67. os vers. 174 — a 179.  
 68. os vers. 188 — e 189.  
 69. da última parte do vers. 211 — até ao fim  
 da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 216.  
 70. os vers. 241 — a 246.

\* A numeração dos versos e a paginação toda se refere á presente 4.<sup>a</sup> edição. Os versos de cada acto são numerados sobre si.

- Paginas.
73. da última parte do vers. 291 — até ao fim  
da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 294.
- 73 — a 74. os vers. 304 — a 311.
74. os vers. 310 — a 322.
75. os vers. 325 — a 328.
76. os vers. 346 — e 347.
77. os vers. 361 — a 369.
81. os vers. 431 — a 435.
82. os vers. 453 — a 457.
- Ib. da última parte do vers. 460 — até ao fim  
da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 464.

---



---

## ACTO II.

88. os vers. 107 — a 113.
89. os vers. 139 — e 140.
- 90 — a 91. os vers. 164 — a 173.
- 94 — a 95. da última parte do vers. 239 — até ao fim  
da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 249, *inclusive* a  
palavra *ja*.
95. o vers. 251.
96. o vers. 258.
97. os vers. 290 — a 291.
100. o vers. 358.

Paginas.

103. os vers. 421 — e 422.  
 105 — a 106. os vers. 472 — a 480.  
 108 — a 109. os vers. 495 — a 499.  
 112. os vers. 562 — a 565.  
 113. o vers. 568.

---

 ACTO III.

118. os vers. 44 — a 56.  
 119. os vers. 63 — a 68.  
 130. o vers. 215.  
 135. da última parte do vers. 303 — até ao fim  
 da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 313.  
 136. os vers. 316 — a 319.  
 Ib. os vers. 330 — e 331.  
 142. da última parte do vers. 436 — até ao fim  
 da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 439.  
 144. os vers. 450 — a 452.  
 Ib. os vers. 455 — e 456.

---

 ACTO IV.

149. os vers. 58 — a 60.  
 154. da última parte do vers. 130 — até ao fim

Paginas.		Paginas.
	da 1. <sup>a</sup> parte do vers. 135.	103
156.	o vers. 182.	105
157.	os vers. 191 — a 196.	108
Ib.	os vers. 201 — a 206.	111
167.	o vers. 393.	113
	—————	
	ACTO V.	
185.	os vers. 68 — a 72.	119
Ib.	os vers. 81 — e 82.	130
Ib.	os vers. 88 — e 89.	135
187.	os vers. 119 — a 124.	
200 <sup>l</sup> — a 201.	da última parte do vers. 307 — até vers. 335.	
206.	da última parte do vers. 412 — até vers. 418.	



## INDICE.

PREFACIO da presente edição . . . . .	III.
—— da terceira edição . . . . .	1.
—— da segunda edição . . . . .	9.
—— da primeira edição . . . . .	17.
CARTA do A. na primeira edição . . . . .	25.
DEDICATORIA á Cidade do Porto . . . . .	47.
CATÃO . . . . .	49.
PROLOGO . . . . .	51.
TRAGEDIA . . . . .	57.
NOTAS . . . . .	219.
VARIANTES . . . . .	259.

INDICE

PRINCIPIOS DA PRESBITERIANIDADE ..... 151

PRINCIPIOS DA PRESBITERIANIDADE ..... 151

— da terceira edição ..... 151

— da segunda edição ..... 151

— da primeira edição ..... 151

CARTA DO A. DA PRIMEIRA EDIÇÃO ..... 151

DICIONARIO DE NOMES DE PORTUGAL ..... 151

CALOR ..... 151

PROLOGO ..... 151

TRABALHO ..... 151

NOTAS ..... 151

VARIANTES ..... 151



L.  
40668











